ABC DO ARTESANATO CIRCULAR

IDEIA CIRCULAR

CRAB

SEBRAE



©2026. Autoria: Ideia Circular e Carla Tennenbaum.
Licenciado para uso do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro – Sebrae/RJ. Todos os direitos reservados.

Bibliotecário catalogador – Leandro Pacheco de Melo – CRB 7ª 5471

T297 Tennenbaum, Carla

ABC do artesanato circular / Carla Tennenbaum e CRAB - Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro. - [s. n.] Rio de Janeiro/RJ, 2026.

405 p. : il. Color.

ISBN : 978-65-5818-793-6

1. Artesanato. 2. Circularidade. 3. Economia. I. Sebrae/RJ. II. Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro. III. Título

CDU 366:7.031
CDU 366:7.031

SUMÁRIO

Apresentação CRAB 6

Apresentação Ideia Circular 11

Artesanato e circularidade 21

Como usar este ABC 35

Artesanato circular 38

Benefícios 48

Ciclos 59

Design para circularidade 69

Escolha dos materiais 80

Fazer consciente
(técnicas e processos) 92

Gestão de resíduos 102

Histórias que inspiram 113

Inovação criativa 124

Justiça e valorização social 134

Kaá: natureza
como fonte e inspiração 146

L.I.X.O. 157

Melhoria contínua 168

Novo olhar 180

Origem 192

Parcerias 205

Químicos 218

Reuso, Reciclagem
e Regeneração 232

Saberes ancestrais 243

Tradição e Transformação 254

U*pcycling* (Superciclagem) 266

Valor e visibilidade 278

Workshop, cursos e eventos 290

Xodó (e o "X" do problema) 304

Yby: o chão que pisamos 317

Zelar pelo futuro 326

Experiências inspiradoras 341

Referências e leituras sugeridas 391

E depois? 394

Ficha técnica 397

Créditos 400

APRESENTAÇÃO

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO – CRAB



O artesanato ocupa um lugar singular na cultura brasileira. Ele expressa saberes transmitidos entre gerações, relações profundas com os territórios e uma enorme diversidade de materiais, técnicas e identidades que formam o patrimônio vivo do país.

Ao mesmo tempo, o artesanato dialoga de forma muito direta com questões contemporâneas. Em um contexto marcado por mudanças climáticas e degradação ambiental, a forma como escolhemos e transformamos os materiais passa a ter novos significados e responsabilidades. E, nos últimos anos, a economia circular tem ampliado esse debate ao propor novas formas de pensar os ciclos dos materiais e os modelos de produção e consumo.

Foi a partir desse diálogo entre artesanato e economia circular que nasceu este **ABC do Artesanato Circular**. Ele reúne ideias, reflexões e exercícios que convidam artesãs, artesãos, educadores e demais interessados a explorar as possibilidades da circularidade no fazer artesanal.

Para desenvolver este trabalho, convidamos **Carla Tennenbaum**, cuja trajetória dedicada ao design, ao artesanato e à economia circular a tornou uma escolha natural para conduzir esta reflexão. Com mais de duas décadas de atuação na área e uma contribuição pioneira para

a difusão da economia circular no Brasil, Carla reúne sensibilidade, conhecimento técnico e profundo respeito pelo fazer artesanal.

Agradecemos a ela, e a todas as pessoas envolvidas na realização deste projeto, que contou com a participação de artesãs e artesãos, parceiros institucionais e a nossa equipe técnica do Polo de Referência e Disseminação Sebrae de Artesanato e da Ideia Circular, que contribuíram com ideias, experiências e inspiração ao longo do processo.

Ao compartilhar este material, o CRAB reafirma seu compromisso com a valorização do artesanato brasileiro, com a circulação de conhecimentos e com o fortalecimento de práticas que conectam cultura, sustentabilidade e inovação.

Boa leitura!

Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro

APRESENTAÇÃO

IDEIA CIRCULAR



É uma honra e uma alegria apresentar este ABC.

Ele faz parte do projeto Artesanato e Economia Circular, desenvolvido pela Ideia Circular em parceria com o CRAB para aprofundar a relação entre esses dois campos, ainda pouco investigada.

Para mim, foi um projeto muito especial, que trouxe a oportunidade de organizar e compartilhar reflexões e inquietações que me acompanham há muitos anos.

Minha trajetória na economia circular começou pelo artesanato: em 1999, me apaixonei pelo E.V.A. - um material não-reciclável, com sobras volumosas e coloridas descartadas às toneladas em bairros de São Paulo, onde eu morava. Ver aquelas cores sendo recolhidas pelo caminhão de “lixo” me doeu, e comecei a inventar técnicas artesanais para aproveitar e mostrar o valor que ainda existia ali.

Essa foi a porta de entrada para muitos aprendizados e questionamentos. Por exemplo, a substituição da cola (cara e potencialmente tóxica) por sistemas de encaixe levou mais de dois anos - e finalmente permitiu desmontar, consertar e transformar as peças.

Depois veio outra questão: como lidar com o volume daquele desperdício. Se o meu trabalho não conseguia “resolver” o problema, qual era o lugar dele? E o que resolveria?

Foram esses questionamentos que me levaram à economia circular. E muitos dos entendimentos (ainda em construção) que consegui alcançar sobre o papel do artesanato nessa transformação estão presentes neste ABC.

Sou profundamente grata ao CRAB pela confiança e pela oportunidade de desenvolver este trabalho, e a todas as artesãs e artesãos que participaram dos workshops do projeto e ajudaram a moldar o conteúdo de cada verbete com suas vozes e perspectivas.

Também agradeço à equipe da Ideia Circular e às mestras e mestres que permitiram compartilhar suas experiências inspiradoras como exemplos ao longo do ABC. E, em nome deles, a todas as pessoas que, em diferentes territórios, seguem transformando materiais com cuidado e imaginação, mostrando no dia a dia que outros modos de produzir e circular valor são possíveis.

Que esse trabalho gere cada vez
mais frutos, e que suas sementes se
espalhem e brotem em cada vez mais
espaços, mentes e corações.

Carla Tennenbaum
Diretora e cofundadora
da Ideia Circular

"Somos da circularidade:
começo, meio e começo."

Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo)
A Terra dá, a Terra quer - 2023

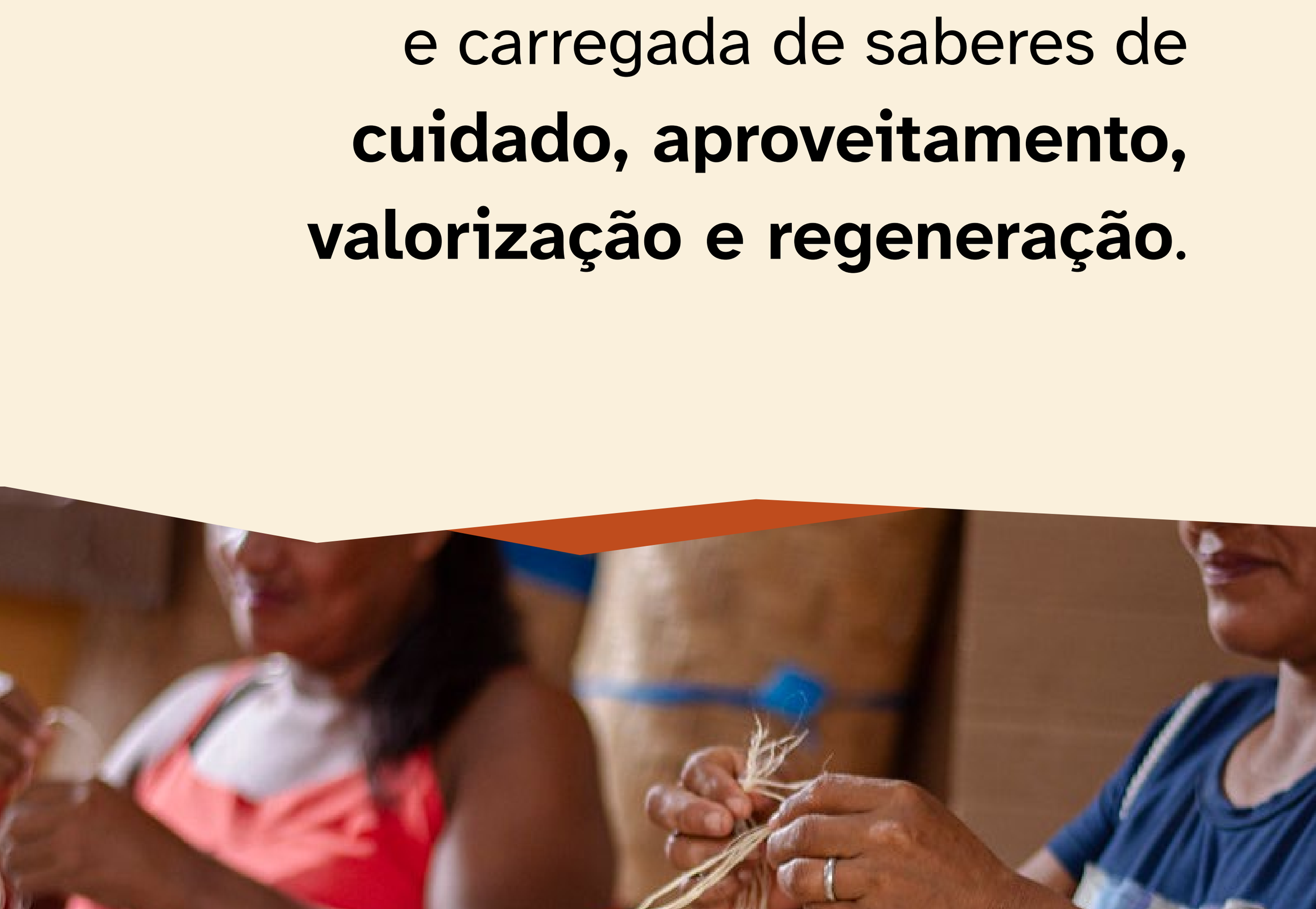
ARTESANATO & *CIRCULARIDADE*

Este ABC vem para começar uma conversa sobre artesanato e economia circular, e sobre o que estamos chamando de **artesanato circular**. Que, de forma resumida (a definição completa vem no “A”), seria aquele que ajuda a **manter o valor dos materiais em circulação**.

Você pode pensar: “Mas o artesanato já faz isso!”

E você tem razão. Na sua origem, **o artesanato é circular por natureza.**

Ele vem de tempos e lugares de **conexão com os ciclos da vida**, em que a transformação dos materiais acontece principalmente pelo trabalho humano, ligada a tecnologias ancestrais e carregada de saberes de **cuidado, aproveitamento, valorização e regeneração**.



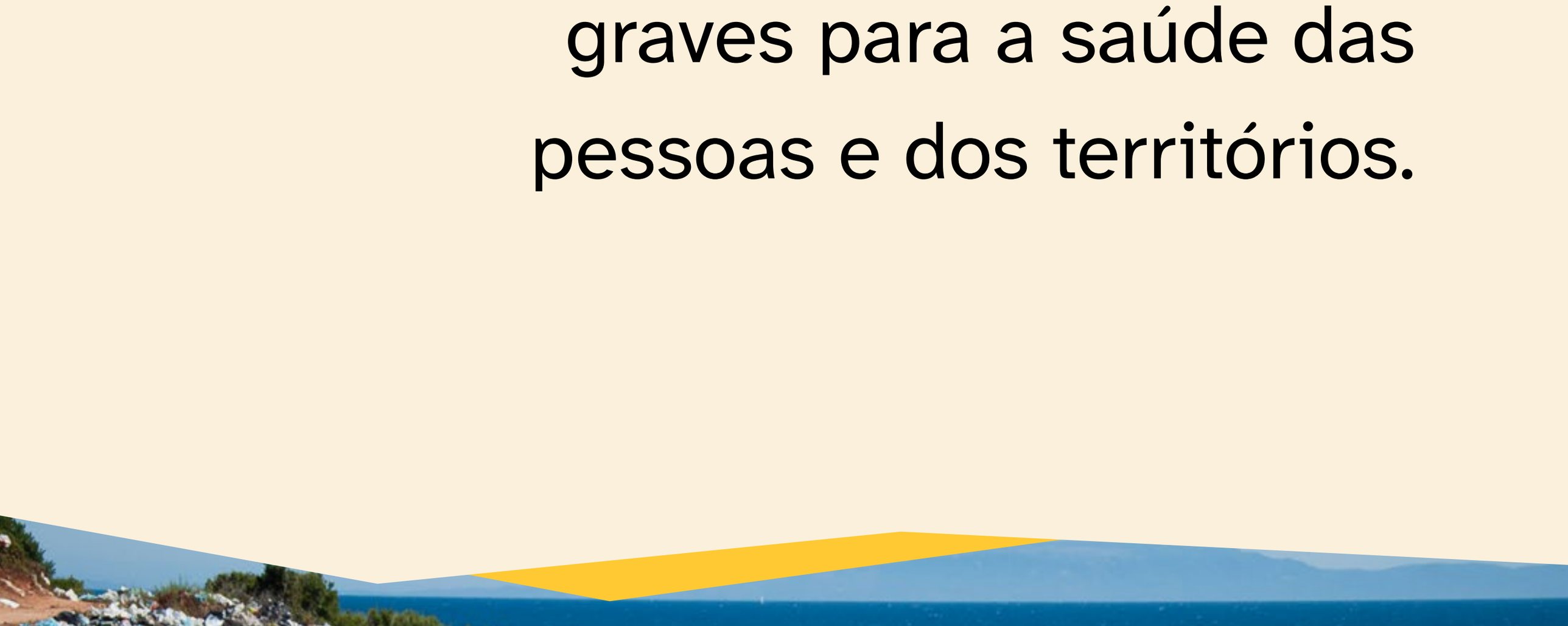


Mas com a industrialização e a produção em massa, muito mudou, em quase todos os lugares do mundo. As coisas que a gente usa no dia a dia agora são inventadas e produzidas **longe dos territórios**.

A maioria dessas coisas não é mais pensada para durar ou ser consertada, e é feita com **materiais sintéticos**, e em alguns casos tóxicos, que não voltam para a natureza e quase nunca podem ser reciclados com a mesma qualidade.

É isso que hoje se chama de uma **economia linear**: uma economia baseada em extrair, produzir, consumir e "jogar fora".

E é claro que isso gera **desperdício, poluição e contaminação**, com riscos graves para a saúde das pessoas e dos territórios.





Por outro lado, também faz com que a gente precise **extrair cada vez mais materiais** da terra, em uma velocidade mais rápida do que os sistemas naturais conseguem repor.

As consequências disso são cada vez mais evidentes, tanto na ameaça de **esgotamento de recursos**, quanto nas **mudanças climáticas** causadas por esse modelo de exploração.

Para enfrentar esses problemas, surge a proposta de uma **economia circular**.

A ideia aqui é seguir outra lógica: **eliminar o desperdício** intencionalmente, **manter os materiais e produtos em uso** no máximo do seu valor, e **regenerar os sistemas naturais.***

***nota:** esses são os princípios de economia circular sintetizados pela Fundação Ellen MacArthur.

Ainda que o foco principal dessa transformação seja a indústria, porque é ela que causa o maior impacto negativo...

A circularidade também é **sobre o que a gente faz com as nossas mãos**, começando por separar, organizar, cuidar, consertar, adaptar, aproveitar e prolongar a vida das coisas.





Estudos mostram, por exemplo, que **90% dos materiais reciclados no Brasil passam pelas mãos de catadoras e catadores**, que separam e organizam manualmente o que pode ser reaproveitado.



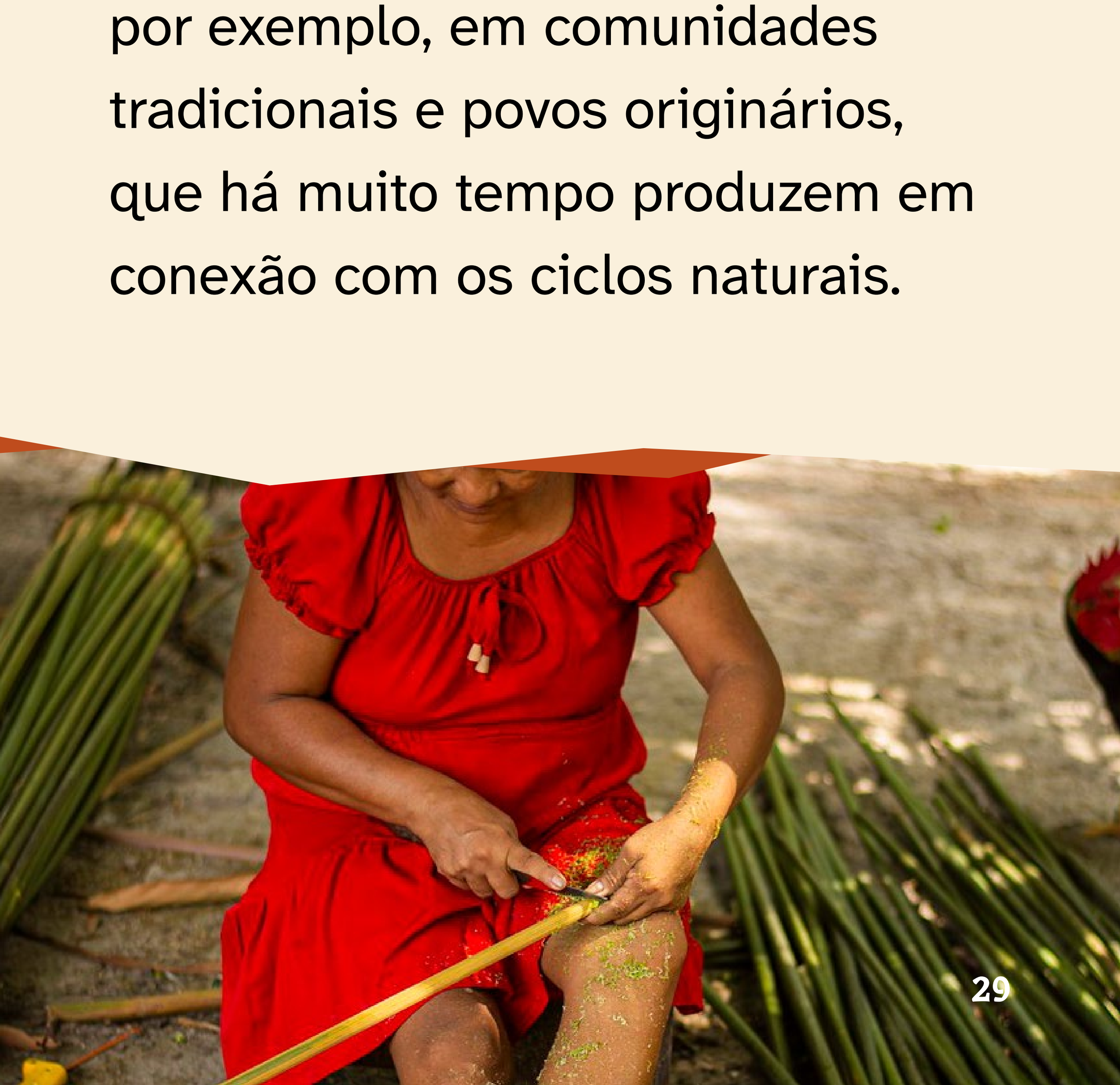


Costureiras, assistências técnicas e outros **profissionais do conserto** mantêm peças em uso por mais tempo, reduzindo o desperdício e a necessidade de extrair novos materiais para fabricar um produto do zero.

E **artesãs e artesãos**, quando planejam o futuro dos materiais e criam peças valiosas, muitas vezes a partir de tecnologias ancestrais, ajudam a mostrar que existe outro jeito de produzir: **com cuidado, com história e com vínculo com o território.**

Ao mesmo tempo, a gente sabe que o **artesanato também não escapou da lógica linear**.

Em alguns espaços, a circularidade segue viva e forte — preservada, por exemplo, em comunidades tradicionais e povos originários, que há muito tempo produzem em conexão com os ciclos naturais.





Mas em muitos outros lugares, quem faz artesanato foi sendo “empurrado” para adotar materiais e processos que parecem mais rápidos e baratos, mas comprometem a qualidade, durabilidade e potencial de reaproveitamento ou reciclagem das peças.

E é neste contexto que este livro pretende contribuir. Ele não vem para cobrar perfeição, e muito menos para responsabilizar artesãs e artesãos por um problema que não foi criado por eles.

A intenção é oferecer **linguagem, ferramentas e critérios** para olhar para materiais e processos com mais consciência, valorizar o que já funciona, e imaginar novos caminhos possíveis - respeitando a realidade de cada território, cada técnica e cada ateliê.

COMO USAR ESTE ABC

Este livro foi organizado como um repertório de ideias para estimular um artesanato mais circular.

Cada letra apresenta um conceito ou tema que ajuda a olhar o fazer artesanal pela lógica da circularidade.

De A a Z, o livro também **desenha um percurso** para explorar esse universo. Você pode ler do começo ao fim, ou navegar pelos temas que mais despertam a sua curiosidade, e voltar sempre que surgir uma nova pergunta no seu processo de criação.

Em cada letra você encontra cinco partes:

- **Um texto principal** que apresenta o tema e sua relação com o artesanato circular.

- **"Por exemplo"**: práticas e experiências concretas que ajudam a visualizar as ideias - em alguns casos referenciando exemplos que estão no final do ABC.

- **"Cuidado"**: pontos de atenção para evitar armadilhas ou simplificações.

- **"Mão na massa"**: perguntas e exercícios para aplicar no seu próprio trabalho.

- **"Veja também"**: indicando conexões entre temas e verbetes ao longo do ABC.

O ABC não pretende ser um manual fechado nem uma lista de regras.

A ideia é que estas páginas sirvam como inspiração, provocação e ferramenta de trabalho para artesãs, artesãos, grupos, educadores e todas as pessoas interessadas em construir formas mais cuidadosas e circulares de produzir.

Você pode - e deve - ler no seu ritmo, voltar às letras que fizerem mais sentido e adaptar as ideias à sua própria realidade.

Bom proveito!

ABC DO ARTESANATO CIRCULAR

ARTESANATO CIRCULAR



Artesanato Circular

Artesanato circular é a **transformação dos materiais** a partir do **trabalho manual e criativo de pessoas**, com a intenção de **manter valor em circulação**, **evitar poluição** e **regenerar os ciclos naturais e sociais**.

Isso significa, principalmente, criar pensando no **antes, durante e depois** do material e da peça.

Antes: de onde o material vem e que histórias ele carrega.

Durante: como ele é transformado até virar sua peça, e ao longo do tempo que ela é usada, sem desperdício nem contaminação.

Depois: como cada peça continua tendo valor, seja durando mais tempo, sendo consertada, transformada, passada adiante ou retornando seus materiais para novos ciclos.

Na sua essência, o artesanato sempre funcionou assim.

O que a ideia de artesanato circular faz é tornar essa lógica **mais consciente e intencional**, ajudando a fazer escolhas melhores em um mundo que hoje é cheio de materiais sintéticos, misturas difíceis de recuperar e coisas feitas para durar pouco.





A circularidade não vem para "corrigir” o artesanato, nem para impor um padrão impossível.

Ela vem para fortalecer aquilo que o artesanato já faz muito bem: transformar matéria em valor — e fazer esse valor circular, em vez de terminar no “lixo”.

A ideia é fazer isso de uma forma cada vez mais consciente e intencional, escolhendo materiais e processos saudáveis, fortalecendo redes locais, comunicando e valorizando nossas escolhas.

POR *EXEMPLO*

- Colher fibras, sementes e madeiras respeitando o tempo de renovação da natureza.

- Transformar sobras de materiais em novas peças, sem perder qualidade.

- Criar pensando no "depois": como a peça pode durar mais, ser consertada ou transformada.

- Trabalhar com materiais e parceiros do território, fortalecendo redes locais e fazendo o valor circular mais perto de onde ele é criado.

CUIDADO

Reaproveitar materiais é um começo, mas não dá pra dizer que é circular se o processo gerar **contaminação ou misturas** impossíveis de recuperar depois.

Muitas vezes, o que trava a circularidade não é o material principal, e sim o uso de cola, tinta ou verniz.

MÃO NA *MASSA*

- Liste os três materiais que você mais usa.

- De onde eles vêm? Para onde vão depois?

- Em que etapa do seu processo aparece mais desperdício ou contaminação?

- O que acontece com a sua peça depois, quando ela quebra, ou não vai ser mais usada por quem comprou?

Veja também:

C - Ciclos

E - Escolha de materiais

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

U - *Upcycling* (Superciclagem)

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



BENEFÍCIOS



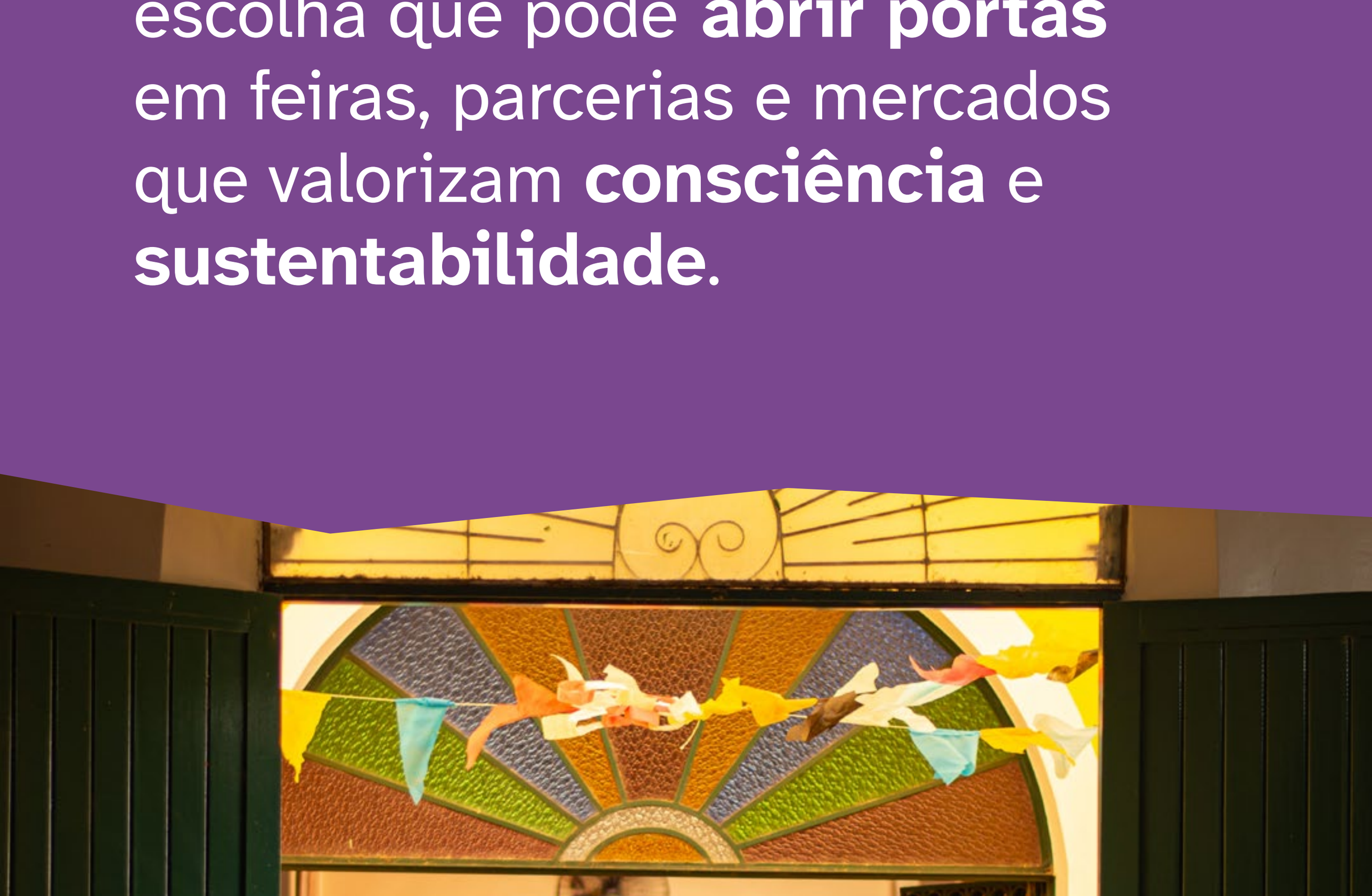
Benefícios

Benefícios são os **ganhos** (para você, para o território, para as pessoas e para o planeta) quando você faz **escolhas mais circulares**, mesmo que pequenas.

No artesanato, os benefícios costumam ser bem concretos e próximos: **menos perda, menos gasto, mais qualidade, mais história pra contar e, muitas vezes, mais oportunidades de venda.**



O artesanato circular ajuda a dar nome ao que muita gente já faz “por instinto”, como aproveitar melhor, fazer durar, respeitar o material, evitar desperdício. E quando você consegue explicar isso, você está comunicando uma escolha que pode **abrir portas** em feiras, parcerias e mercados que valorizam **consciência** e **sustentabilidade**.





A circularidade também ajuda a fortalecer o **território**.

Quando o artesanato se conecta com materiais locais e práticas coletivas de manejo e reaproveitamento, ele deixa de ser um trabalho isolado e vira parte de uma **economia viva**.

Isso estimula redes locais, valoriza o que é do lugar, e diminui a dependência de materiais que vêm de longe e podem variar de preço e disponibilidade.

E os benefícios dessa abordagem para o **planeta** são imensos: menos contaminação, menos necessidade de extrair novos recursos da natureza, mais **saúde**, **abundância** e **resiliência**.

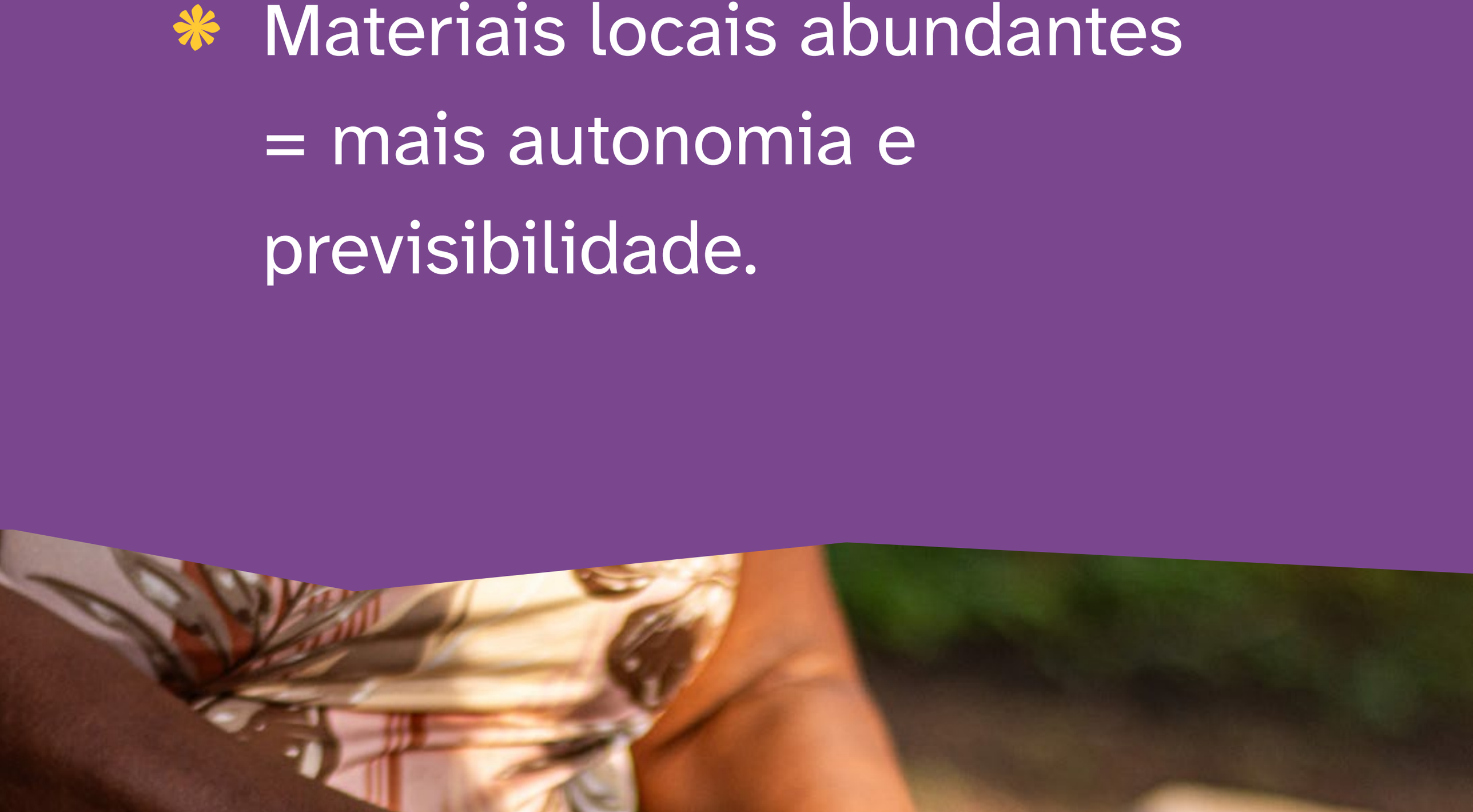
Ou seja: cuidando dos materiais, a gente cuida também do nosso futuro coletivo.



POR *EXEMPLO*

- Menos sobra no processo = mais economia e mais qualidade.

- Materiais locais abundantes = mais autonomia e previsibilidade.





- Peça mais durável e reparável = mais valor e confiança.

- História bem contada = mais conexão e menos disputa pelo “mais barato”.

- Menos materiais tóxicos = mais saúde para você e para natureza.

CUIDADO

Benefício não é uma promessa mágica. Às vezes, a mudança circular começa pequena e parece pouco... Mas ela ganha força na **consistência** e na **intenção** de **melhoria contínua**.

MÃO NA *MASSA*

- O que pesa mais hoje no seu processo, ou o que você sente necessidade de mudar?

- Que benefícios você imagina para você e seu território a partir do artesanato circular?

- O que você ganha quando reaproveita um material, em vez de comprar outro?

- O que muda quando quem compra entende a história por trás da sua peça?

Veja também:

H - Histórias que inspiram

V - Valor e visibilidade

Y - Yby: o chão que pisamos

Z - Zelar pelo futuro

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

CICLOS



Ciclos

Ciclos são a **base da vida**, e o que permite a nossa existência na Terra.

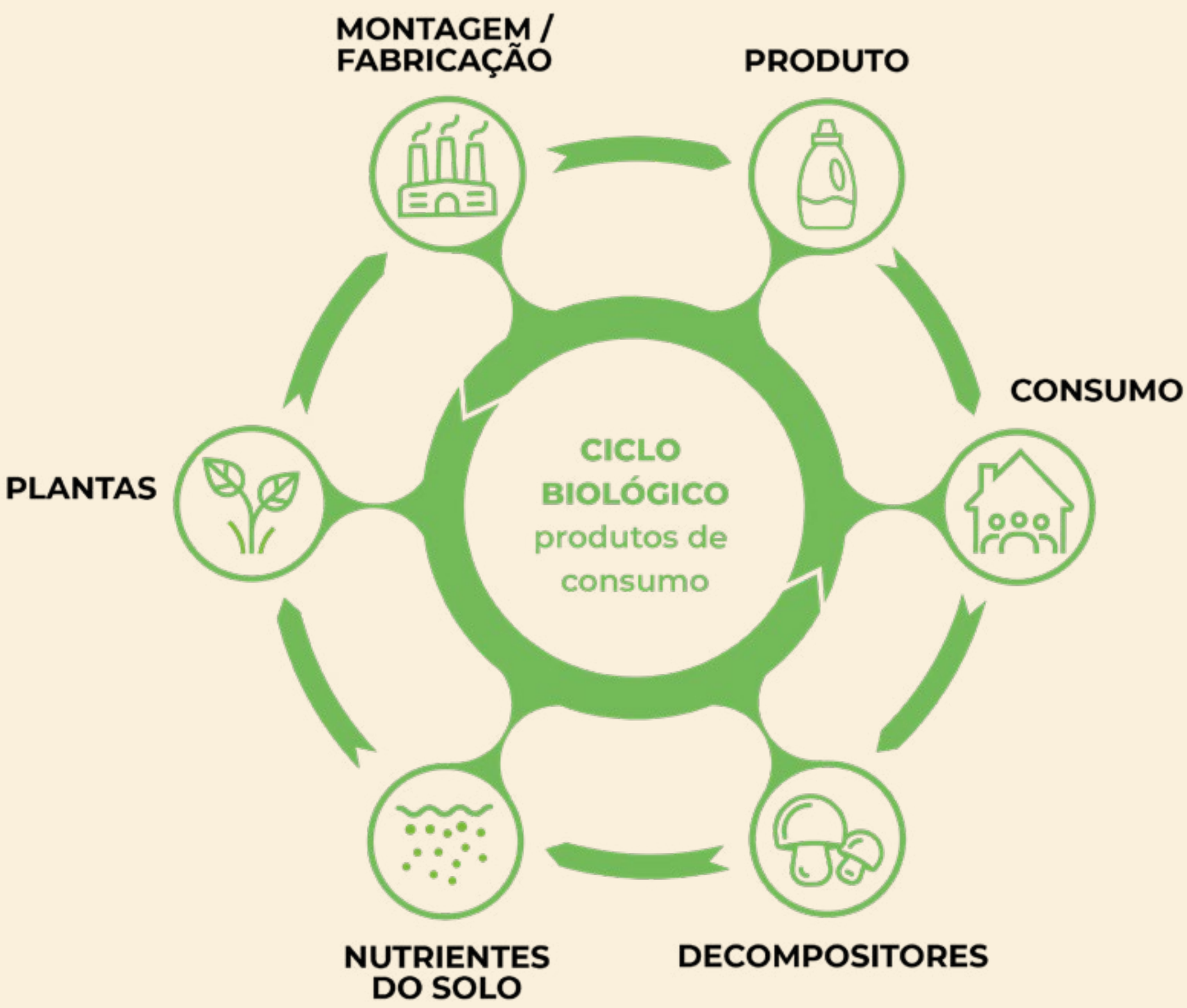
Na natureza, tudo funciona em ciclos, e o que sobra de um processo vira alimento para outro.

Já na nossa economia linear, isso foi quebrado. Em vez de recursos, os materiais viram "lixo": rejeito, poluição, problema.

Para recuperar a circularidade dos materiais e processos, a gente pensa em dois grandes ciclos: o **ciclo biológico** e o **ciclo técnico**.

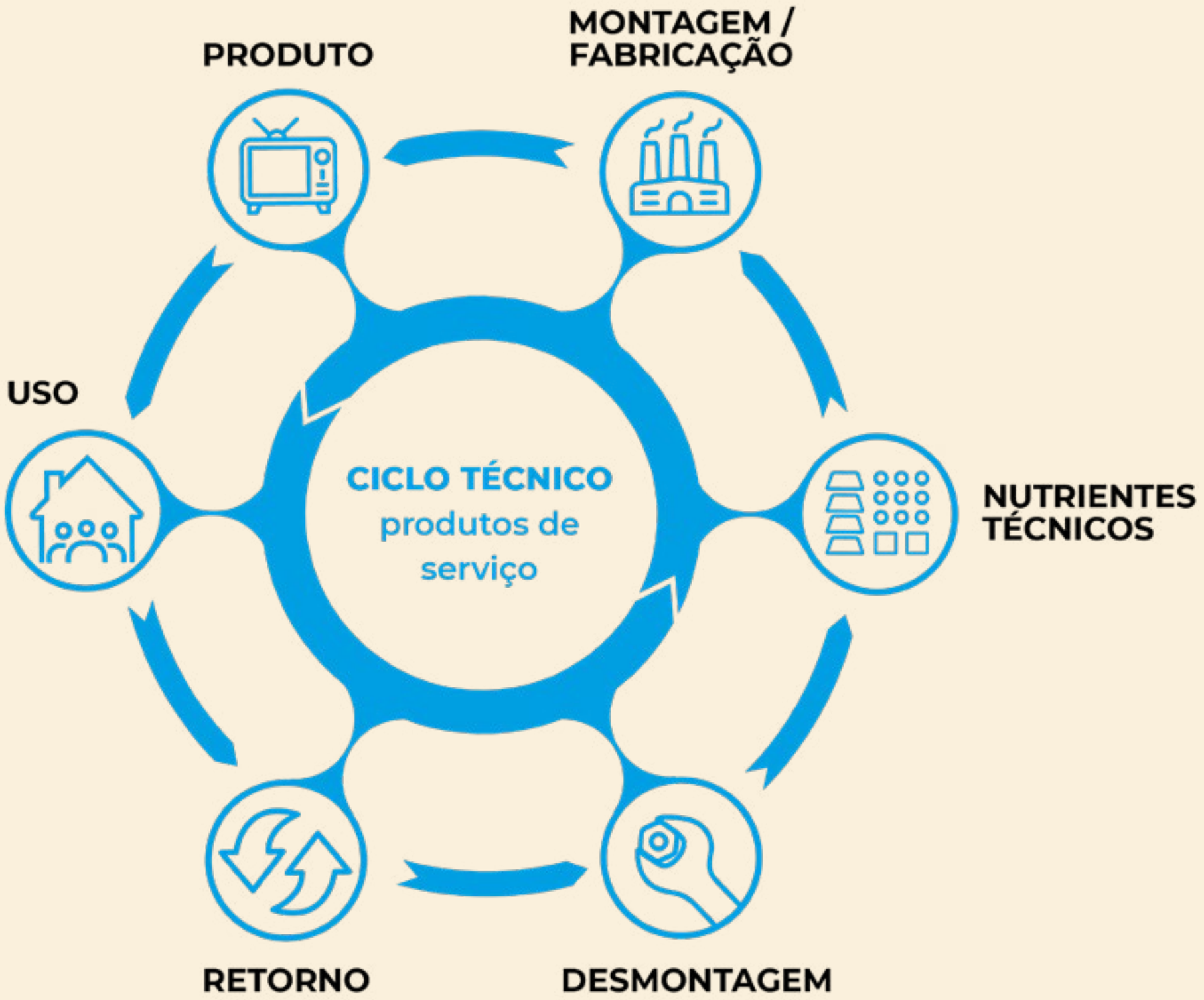
O **ciclo biológico** é o caminho do que vem da natureza e pode voltar para a natureza - desde que não esteja contaminado.

São materiais **renováveis**, como madeiras e fibras, que precisam de **cuidado na extração e manejo**, e também precisam **retornar como nutrientes** para os processos biológicos. Isso é o que algumas pessoas chamam de bioeconomia circular.



Já o **ciclo técnico** é o caminho dos materiais que são **finitos**, ou não se renovam tão rápido, e são produzidos pela indústria, como metais, vidro e plásticos.

Esses materiais também precisam se manter em circulação, **sem perder valor nem contaminar a natureza**, em sistemas de **reuso, remanufatura ou reciclagem**.



Entender esses ciclos ajuda a evitar armadilhas que transformam matérias-primas valiosas em rejeitos.

Eles são a base do design para a circularidade e para a escolha de materiais, que vamos ver nas próximas letras.*

***nota:** a distinção entre ciclo técnico e biológico é uma proposta do pensamento *Cradle to Cradle* (do berço ao berço), uma das bases teóricas da economia circular.

POR *EXEMPLO*

- Se uma fibra natural recebe um acabamento tóxico, ela deixa de ser um nutriente saudável para o ciclo biológico.

- Metal e plástico podem circular muito bem no ciclo técnico, se você facilita a separação e recuperação.



CUIDADO

Você pode até usar materiais dos dois ciclos no seu produto, mas é importante **pensar desde o começo** em **como eles vão ser separados e encaminhados** depois.

MÃO NA *MASSA*

- Os 3 materiais que você mais usa são do ciclo biológico ou técnico?

- Existe alguma etapa no seu processo que contamina o material (tinta, cola, verniz, resina, impermeabilização)?

- Você sabe orientar seus clientes sobre cuidado, manutenção e destino das peças?

Veja também:

E - Escolha de materiais

G - Gestão de resíduos

K - Kaa: natureza como fonte e inspiração

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



DESIGN PARA CIRCULARIDADE



Design para circularidade

Design para circularidade é criar algo de forma **intencional** para **manter ou circular o valor** ao longo do tempo. Também pode ser chamado de design circular.

Quando se fala em design, muita gente pensa em produtos industriais, ou em coisas mais superficiais e estéticas: a forma de um carro, de uma embalagem, ou até design de sobrancelhas...

Mas aqui, a gente entende o design de uma forma mais profunda. Como a gente desenha, inventa ou **imagina uma coisa antes dela existir**.

Design como **intenção**.





Qualquer pessoa faz design quando planeja projetos no seu dia a dia...

E quem trabalha criando objetos artesanais, mais ainda. Toda vez que você decide o material, o encaixe, a costura, o acabamento ou a espessura de uma peça, você está fazendo escolhas de design.

Design para circularidade só coloca mais uma **pergunta essencial** desde o começo: **E depois?**

O que acontece com essa peça com o passar do tempo, quando ela quebra, envelhece ou não é mais usada?

Existem muitas respostas possíveis para essa pergunta, ligadas a **estratégias diferentes** que você pode usar para criar produtos e processos circulares.

Você pode pensar em uma peça que **dure mais tempo**, que seja fácil de **desmontar e consertar**, que possa ser **compartilhada**, usada de vários jeitos ou transformada e adaptada a várias situações...

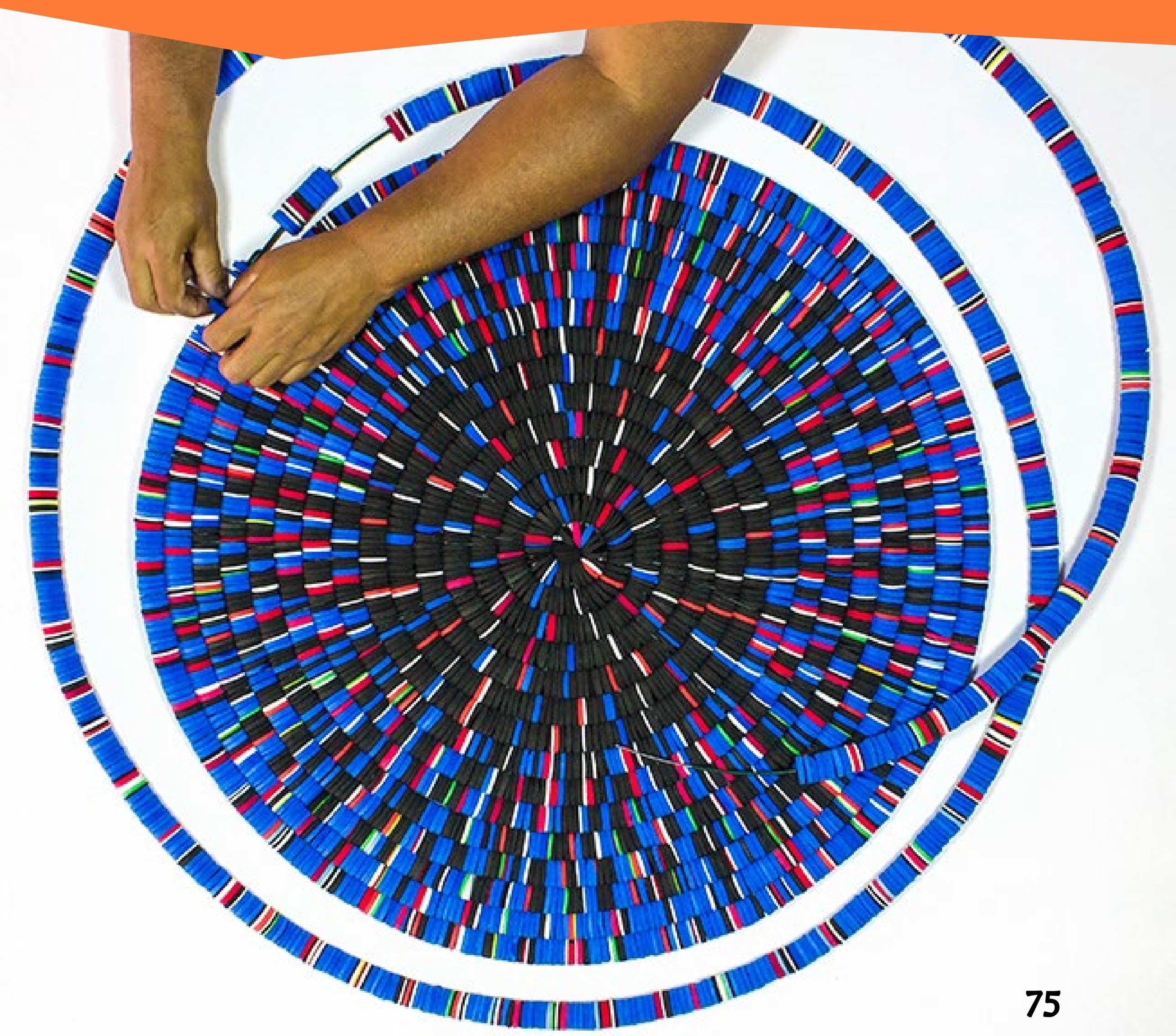
E que, quando não der mais para usar, possa ser **compostada** (se for do ciclo biológico) ou **reciclada** (se for do ciclo técnico).

O importante é **partir dessa intenção** e, a partir dela, ir redesenhando seus produtos e processos para **potencializar a circularidade**.



POR *EXEMPLO*

- Trocar cola por encaixes, parafuso, ou amarração para facilitar a desmontagem.



- Criar peças modulares (uma parte muda, o conjunto se transforma ou ganha uma nova utilidade).
- Incluir orientação simples de uso e cuidado (para aumentar a durabilidade).

CUIDADO

Não adianta uma peça ser linda e funcional se ela gera desperdício ou contaminação.

O design para circularidade integra a **estética e utilidade** com a **ética e a sustentabilidade** em todas as etapas.

MÃO NA *MASSA*

- Olhe uma peça sua e tente identificar qual é o ponto fraco: o que estraga primeiro?

- Se você quisesse que ela fosse reparável (fácil de consertar), o que mudaria?

- Dá para pensar em uma versão “2 em 1”, que vira outra coisa quando muda a fase da vida?

- No fim do uso, ela pode ser compostada ou reciclada?

Veja também:

C - Ciclos

N - Novo olhar

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

U - *Upcycling* (Superciclagem)

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



ESCOLHA DE MATERIAIS



Escolha de materiais

A escolha de materiais é uma parte bastante concreta e importante no design para circularidade. Ela define muitos dos **impactos positivos ou negativos** do artesanato, desde a extração (antes), passando pela produção ou uso (durante), até o que acontece com aquela peça no fim do ciclo (depois).

De uma forma geral, faz sentido escolher materiais que sejam **abundantes no território**, por motivos ecológicos, e também econômicos: mais **autonomia e previsibilidade**, menos custos de transporte, **fortalecimento de redes locais**.





Se você vai trabalhar o **ciclo biológico**, pode escolher materiais que sejam extraídos de forma regenerativa, ou seja, respeitando o **ritmo de renovação da natureza**.

Também é importante escolher materiais secundários - tintas, linhas, colas, vernizes, etc - que não contaminem esse material, para que depois do uso ele possa **voltar com saúde para a biosfera**.

No caso do **ciclo técnico**, você pode partir de outro tipo de recurso abundante: **resíduos que estão sendo desperdiçados**, e que você pode encontrar em cooperativas de reciclagem, nas suas próprias sobras de produção, no descarte de lojas ou indústrias locais, ou na sua vizinhança.

Trabalhar esses materiais como matéria-prima também é pedagógico: ajuda outras pessoas a enxergarem valor onde antes viam "lixo”.

Especialmente quando você pensa no “e depois”, para que o material possa ser **encaminhado para novos ciclos**, e não acabe descartado de novo.



POR *EXEMPLO*

- Usar materiais biológicos locais, respeitando época e forma de coleta - como o capim-dourado, que só pode ser colhido em alguns meses do ano (Tocantins, pg 346).

- Usar tintas, corantes e pigmentos orgânicos para materiais biológicos - como a fibra de buriti (Maranhão, pg 343) e o teçume em tucum (Amazonas, pg 385).

- Criar peças a partir de resíduos locais, como madeiras flutuantes (Piauí, pg 361), redes de pesca retiradas do oceano (Rio de Janeiro, pg 376), ou conchas de mariscos (Pernambuco, pg 352).

- Escolher linhas e acabamentos para combinar com o seu material, como o feltro de PET com linhas de poliéster (Bahia, pg 370).

CUIDADO

A escolha dos fios, colas, tintas, vernizes e acabamentos é tão importante quanto a do material principal, já que eles podem **facilitar ou impedir** que a peça seja consertada, transformada, reciclada ou compostada no futuro. **Escolha materiais secundários de acordo com o ciclo**: que ajudem a separar os componentes e materiais no caso do ciclo técnico, e que sejam seguros para retornar para a natureza no caso do ciclo biológico.

MÃO NA *MASSA*

- Dos 3 materiais que você mais usa e levantou nos exercícios anteriores, quais já parecem boas escolhas circulares, e quais você acha que precisaria mudar?

- Olhe para os materiais secundários que você utiliza (linhas, colas, tintas, vernizes, acabamentos). Eles facilitam ou dificultam a circularidade da peça?

- Identifique um material que você usa e que vem de muito longe. Existe alguma alternativa local que você poderia usar no lugar dele?

- Existe algum ferro-velho, cooperativa de reciclagem ou empresa geradora de resíduos na sua região? Que materiais você poderia encontrar com potencial para se transformar em novas peças?

Veja também:

C - Ciclos
K - Kaa: natureza como fonte e inspiração
R - Reuso, Reciclagem e Regeneração
Y - Yby: o chão que pisamos

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



FAZER CONSCIENTE

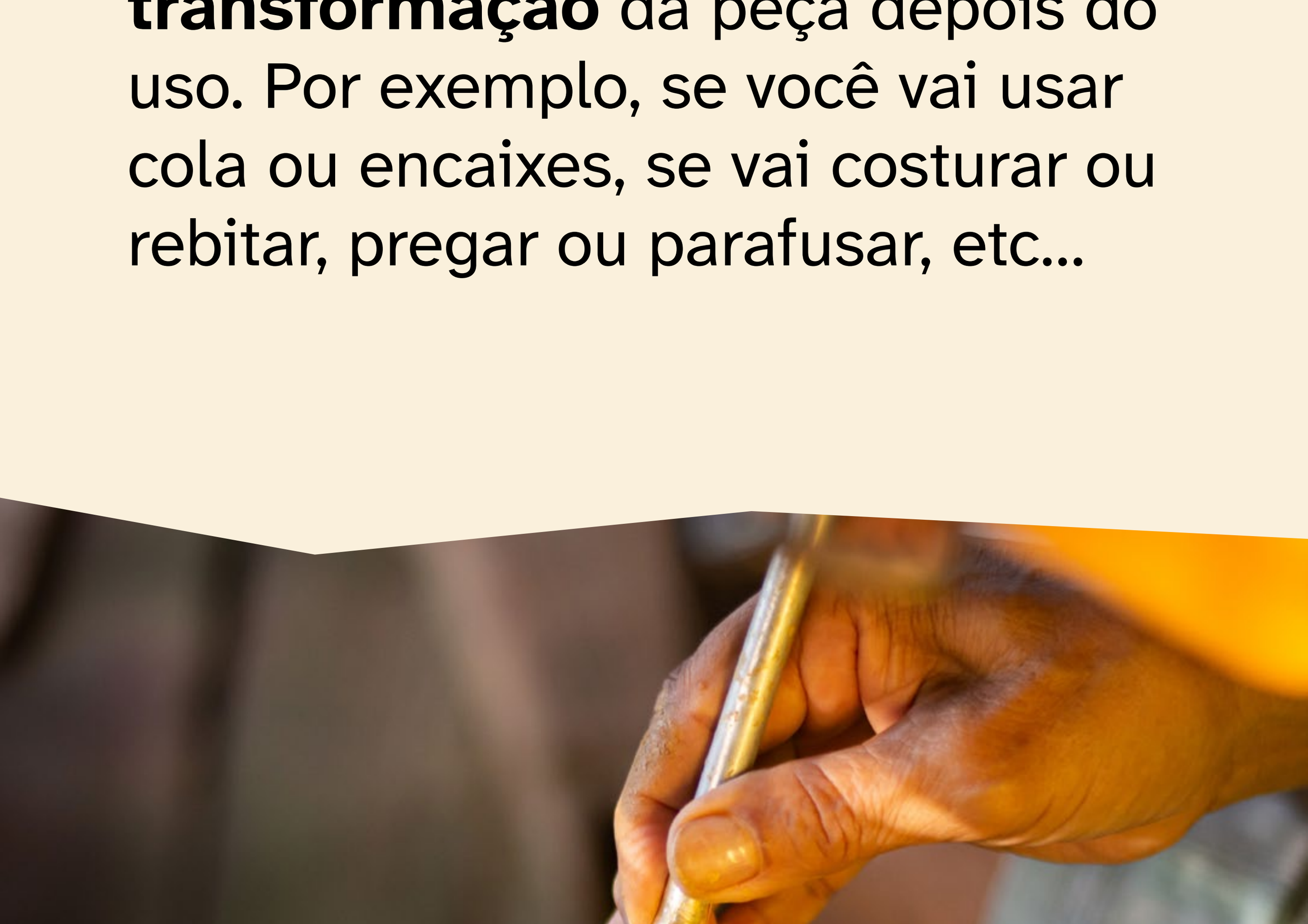


Fazer consciente (técnicas e processos)

Além do material, a circularidade também mora no **jeito de fazer**.

Fazer com consciência significa escolher **técnicas e processos inteligentes**, que **não desperdicem nem contaminem** os materiais, e que sejam **seguros e saudáveis** - para quem faz, para o território, e para o planeta.

As técnicas e processos definem as **ferramentas e materiais secundários** que você vai usar - e muitas vezes também definem o **potencial de aproveitamento e transformação** da peça depois do uso. Por exemplo, se você vai usar cola ou encaixes, se vai costurar ou rebitar, pregar ou parafusar, etc...





Alguns processos artesanais usam **químicos tóxicos** ou geram **resíduos perigosos**. Se for o seu caso, é importante buscar alternativas possíveis, na intenção de proteger a sua saúde e manter o valor circulando.





Olhar as suas técnicas e processos com a **lente da circularidade** ajuda a enxergar **onde se perde valor**, seja com sobras de material desperdiçado, contaminação, retrabalho, gasto de água e de energia... Isso abre **oportunidades de inovação e economia**, seja com grande mudanças ou pequenas melhorias que ajudem a tornar o seu trabalho mais leve, saudável e efetivo.

POR *EXEMPLO*

- Desenvolver processos menos tóxicos - como na parceria de mestres ceramistas com uma universidade para encontrar alternativas à vitrificação com zarcão e trocar a lenha por gás na queima das peças. (Pernambuco, pg 349).

- Substituir cola por encaixes, permitindo desmontagem e conserto - como nas mandalas de E.V.A. (São Paulo, pg 355).

- Tingir fibras com pigmentos naturais, evitando contaminação e permitindo o retorno seguro à natureza - como no caso do tucum (Amazonas, pg 385) e buriti (Maranhão, pg 343).

- Criar processos produtivos que aproveitam melhor os materiais - como o desenvolvimento de ferramentas para produzir biocompensado de miriti (Pará, pg 364).

CUIDADO

Mesmo com materiais biológicos, processos que usam **químicos sintéticos ou tóxicos podem contaminar** a peça. Isso dificulta o retorno seguro à natureza e anula parte da intenção circular.

MÃO NA *MASSA*

- Você usa algum produto químico que pode ser tóxico para você ou para a natureza?
- Quais são as etapas do seu processo? Faça uma lista, do material à peça final.
- Alguma parte do processo gera retrabalho, desperdício, ou contamina o material de alguma forma?
- Como você poderia fazer diferente?

Veja também:

I - Inovação criativa

M - Melhoria contínua

P - Parcerias

Q - Químicos

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

GESTÃO DE RESÍDUOS



Gestão de resíduos

Quase todo processo humano ou natural gera resíduos. Na **economia linear** de hoje, os resíduos das nossas atividades produtivas muitas vezes são **inutilizáveis ou tóxicos**, e se tornam um **problema a ser resolvido**, ou gerido.

Por isso a necessidade de "gestão de resíduos" de uma empresa ou cidade - que na verdade são **rejeitos**, ou **materiais misturados e desperdiçados**.



Já em uma **economia circular**, se seguirmos a lógica do ciclo técnico e biológico, os resíduos sempre vão ser **nutrientes para novos produtos ou processos**. Eles deixam de ser um problema para ser gerido, e passam a ser um **recurso para ser aproveitado**.

Como ainda estamos na transição, a gestão de resíduos muitas vezes ainda é necessária...

E ela se torna cada vez mais fácil, e proveitosa, quando você consegue **escolher os materiais e processos de forma intencional**, pensando no design para circularidade.

Na hora de gerir os resíduos do seu ateliê, é sempre melhor aproveitar cada um no máximo do seu valor, como **matéria-prima para novos produtos**. Ou diminuir as sobras de um processo, mudando a técnica com a intenção de **reduzir o desperdício**.





Se a redução ou reuso não é possível, os resíduos de materiais do ciclo técnico podem ser **reciclados**, e materiais do ciclo biológico, **compostados**, para devolver nutrientes para o solo.

Aterro, lixão e incineração são opções lineares, que causam desperdício e contaminação, e precisam ser evitadas em um artesanato circular.

POR *EXEMPLO*

- Transformar sobras de tecido em enchimento para almofadas ou em tiras para novas peças, como tapetes ou acessórios.

- Compostar restos de materiais naturais (fibras, folhas, podas) para usar na horta, devolvendo nutrientes à terra.

- Reutilizar embalagens e potes vazios, ou separar e encaminhar esses e outros materiais do ciclo técnico para cooperativas de reciclagem.

- Ajustar o design de um produto ou a forma de cortar o material para minimizar as sobras e o desperdício na fonte.

CUIDADO

"Jogar fora" não é uma opção circular. **Misturar materiais de diferentes ciclos** pode inviabilizar sua reciclagem ou compostagem.

MÃO NA *MASSA*

- Faça um "diagnóstico" dos resíduos do seu ateliê por uma semana: Quais materiais você descarta, e qual a quantidade de cada?

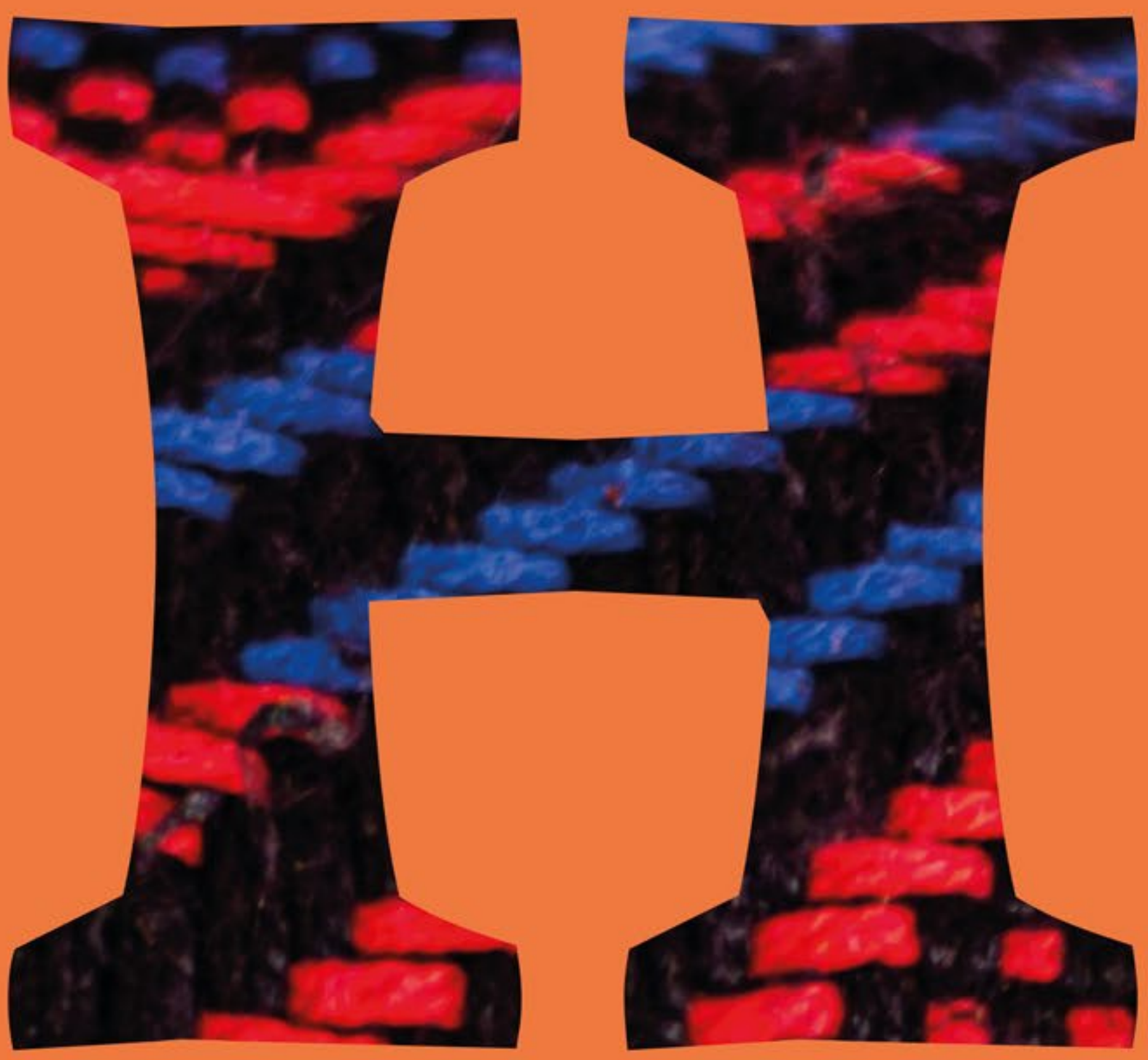
- Escolha um desses materiais e imagine 3 formas diferentes de transformar em um novo produto, ou como ele poderia ser alimento para outro processo.

- Qual parte do seu processo gera mais resíduo? Que mudança na técnica ou no design reduziria essa sobra?

Veja também:

L - L.I.X.O.
C - Ciclos
D - Design para circularidade
R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

Você pode voltar para o índice clicando aqui, ou seguir para a próxima letra!



HISTÓRIAS QUE *INSPIRAM*



Histórias que inspiram

Cada peça de artesanato carrega **várias histórias**: a história das escolhas e gestos específicos que moldaram a **peça em si**, mas também a história do **material**, da **técnica**, do **território**, e, não menos importante, a história de **quem criou e fez** (você!).

Contar as suas histórias **cria conexão, torna visíveis todas essas camadas** que existem por trás de cada objeto, e **ajuda quem compra** a entender por que aquela peça custa o que custa, ou por que foi feita daquele jeito.



O **artesanato circular enriquece essa narrativa**, e permite **dar nome** ao que muita gente já faz de forma instintiva na sua prática: respeitar os ciclos naturais, valorizar materiais, evitar desperdício, reaproveitar sobras, cuidar do processo.

Quando essas **escolhas** são **comunicadas de forma intencional e verdadeira**, elas **valorizam a sua produção e a sua trajetória**, e abrem portas para **novos mercados**.

Falar do próprio trabalho também é um **exercício de reflexão**.
Ao organizar suas histórias, você enxerga melhor o **caminho** que vem construindo, reconhece o **valor do seu conhecimento** e fortalece sua **identidade** como artesã ou artesão.



Compartilhar essas narrativas também pode ter o efeito muito benéfico de **inspirar outras pessoas** (tanto quem produz quanto quem compra), ampliando a conversa sobre **materiais, valor e cuidado** e estimulando uma **mudança cultural** mais do que necessária.



POR *EXEMPLO*

- Compartilhar no seu site ou redes sociais o processo de coleta ou tratamento dos materiais que você usa, mostrando o cuidado e o respeito envolvidos.

- Contar para os seus clientes, pessoalmente ou nos seus materiais de divulgação, sobre os desafios e escolhas que levaram você a esse trabalho.



- Criar etiquetas com algumas frases significativas, ou um QR Code que leva a um pequeno vídeo ou texto sobre a origem do material ou a história por trás da peça.

CUIDADO

Evite criar narrativas que não correspondem à realidade, ou que escondem fragilidades. Seu produto **não precisa ser 100% circular ou sustentável** - aliás, dificilmente será!

Ser transparente sobre onde você está, e o que ainda falta melhorar, gera empatia, enquanto uma imagem falsa de perfeição traz desconfiança. Compartilhe suas histórias com **sinceridade e autenticidade**!

MÃO NA *MASSA*

- Conte sobre você, seu material e sua técnica - por que você se apaixonou ou escolheu trabalhar com isso? Comece a escrever ou gravar os pontos principais.

- Pesquise como outros artesãos contam suas histórias. O que te inspira e daria para adaptar para o seu trabalho?

- Pense em três momentos do seu processo que você poderia fotografar ou filmar para compartilhar.

Veja também:

B - Benefícios

O - Origem

V - Valor e visibilidade

X - Xodó

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



EXPLORAÇÃO INOVAÇÃO CRIATIVA

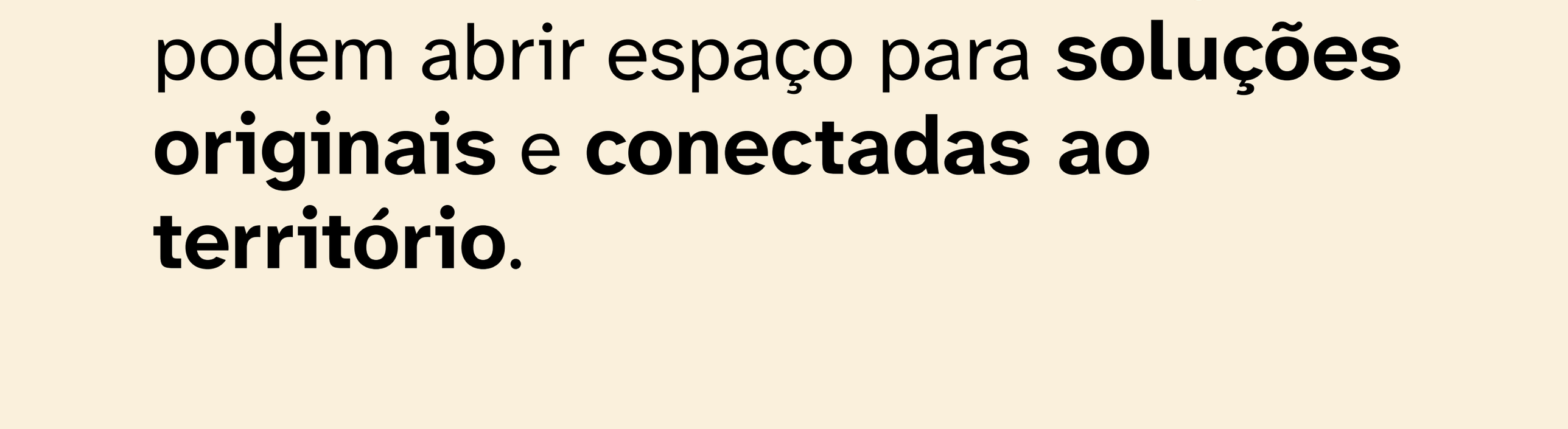


Inovação criativa

No artesanato circular, a inovação nasce de forma orgânica, a partir da **criatividade**, da **experimentação** e do **desejo de melhoria** dos produtos e processos.

E isso é bem diferente da lógica linear da indústria, que exige consumo rápido e novidade constante, colocando mais coisas desnecessárias no mundo...

Muitas vezes, a inovação criativa **surge justamente das restrições**: falta de recursos, irregularidade ou dificuldade de acesso a materiais. Em vez de travar o trabalho, essas condições podem abrir espaço para **soluções originais** e **conectadas ao território**.





No contexto da circularidade, inovar também envolve **repensar o valor do que já existe**: transformar um **resíduo em matéria-prima**, criar **peças que duram mais ou podem ser transformadas**, experimentar um novo **modelo de negócio**.

Esse tipo de inovação não depende de tecnologia avançada, mas de **curiosidade**, **intencionalidade**, **prática** e disposição para **aprender fazendo**, e enxergar potencial onde existe desperdício.

O processo também pode se fortalecer muito com o **trabalho em rede**. Compartilhamento de materiais com outras artesãs e artesãos, conversas sobre dificuldades comuns, parcerias com universidades, instituições de fomento ou centros de pesquisa ajudam a enxergar **novas possibilidades** e a potencializar o movimento de **aprendizado** e **melhoria contínua**.

POR *EXEMPLO*

- Adaptar uma técnica tradicional para um uso ou material diferente.
- Experimentar novos modelos de negócio, como aluguel de objetos para festas e eventos, ou sistemas de troca e desconto para quem devolve peças antigas.

- Criar soluções que facilitam a desmontagem e conserto, como as mandalas de E.V.A. produzidas com encaixes em vez de cola (São Paulo, pg 355).

- Desenvolver novos produtos a partir de sobras que sempre se repetem no seu processo, ou em outro setor na sua região - como o papel feito com resíduos de produção do biocompensado de miriti (Pará, pg 364).

CUIDADO

Inovar não significa complicar,
buscar soluções mirabolantes,
ou estimular o consumo com
novidades constantes. Às vezes,
a melhor inovação é **simplificar**:
eliminar etapas desnecessárias,
substituir químicos tóxicos ou
misturas de materiais, tornar algum
processo mais leve e intencional.

MÃO NA *MASSA*

- Que sobra do seu processo poderia virar matéria-prima para outra peça?

- Que técnica você poderia experimentar de um jeito diferente, ou com outro material?

- Qual dificuldade recorrente do seu trabalho pode virar ponto de partida para uma nova ideia?

- Com quem você poderia trocar materiais, experiências ou soluções?

- Separe um tempo para testar e explorar possibilidades, sem compromisso de resultado.

Veja também:

N - Novo olhar

P - Parcerias

M - Melhoria contínua

V - Valor e visibilidade

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



JUSTIÇA E VALORIZAÇÃO SOCIAL



Justiça e valorização social

A economia circular não é só sobre materiais. É sobre **pessoas** e **relações**.

No artesanato circular, importa **quem faz**, em que condições, com que reconhecimento e retorno. Importa se o trabalho gera **renda justa**, fortalece a **comunidade** e respeita as **diferenças**.

A maioria das artesãs e artesãos **ainda não recebe o reconhecimento que merece**. O artesanato muitas vezes é tratado como uma arte menor, vendida na “feirinha”, visto como passatempo - e não como ofício, paixão, técnica e conhecimento acumulado ao longo de gerações.

Quem está na base da **cadeia dos materiais** costuma ser ainda mais invisibilizado.

Povos ribeirinhos que coletam e beneficiam sementes, por exemplo, sustentam **conhecimentos ancestrais** e ajudam a manter a **floresta em pé**, mas frequentemente recebem uma remuneração mínima por esse trabalho, enquanto o valor se concentra em outras etapas da cadeia.





Cada vez mais, essas pessoas querem ser **apresentadas**, e não apenas representadas. Querem **falar das suas próprias técnicas e conhecimentos**, e do que esse trabalho significa para **suas vidas e territórios**.



Quando você **compra de quem produz**, quando **valoriza o saber local**, quando paga (ou cobra) um **preço que reconhece o tempo e cuidado** investido, quando dá **visibilidade** a quem está por trás da peça, você ajuda a construir uma economia mais **justa**, mais **próxima** e mais **humana**.

Para que o artesanato seja realmente circular, é preciso **fazer o dinheiro, o cuidado, o valor e o reconhecimento circularem entre as pessoas** - do território até o público final.

POR *EXEMPLO*

- Iniciativas que conectam diretamente quem faz com quem compra permitindo que uma parte maior do valor permaneça com quem produz - como no caso do miriti, em que eliminar atravessadores permitiu aumentar significativamente a remuneração das famílias coletoras (Pará, pg 364).

- Políticas públicas em estados como Pernambuco e Paraíba que reconhecem mestres de ofício como patrimônio vivo, oferecendo bolsas mensais para garantir a preservação e transmissão de conhecimentos e tecnologias tradicionais.

- Experiências associativas que fortalecem a comunidade, como associações de artesãs que trabalham a fibra do buriti (Maranhão, pg 343) e capim-dourado (Tocantins, pg 346).

CUIDADO

Preço baixo demais quase sempre significa que alguém na cadeia está sendo mal remunerado. Justiça e valorização social aparecem nas **decisões concretas**: no preço, na escolha de fornecedores, nas formas de parceria e nas relações de trabalho.

MÃO NA *MASSA*

- Existe alguma decisão que você toma no seu ateliê que impacta diretamente outras pessoas do seu território, ou de outros territórios? Como ela pode promover mais justiça e valorização, mesmo que de forma pequena?

- Quem está por trás dos materiais que você usa? Você sabe o nome dessas pessoas? Já pensou em apresentá-las junto com a peça?

- O preço que você cobra (ou paga) reconhece o tempo, a técnica e toda a cadeia envolvida? O que mudaria se você recalculasse esse valor com mais consciência?

Veja também:

O - Origem

V - Valor e visibilidade

S - Saberes ancestrais

T - Tradição e Transformação

X - Xodó

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



KAÁ: NATUREZA COMO FONTE E INSPIRAÇÃO



Kaá: Natureza como fonte e inspiração

Kaá é uma palavra de origem tupi que significa folha, planta ou mata - raiz de termos como Caatinga (mata branca) e Caipora (habitante da mata).

Usar essa palavra aqui é uma forma de reconhecer tanto a generosidade e abundância da natureza, quanto a sabedoria dos povos originários, que há muito tempo compreendem os ciclos naturais como base da vida e da produção.

Seguindo essa sabedoria, enxergamos a natureza como um **sistema vivo do qual fazemos parte**, e não somente como fornecedora de recursos ou meio-ambiente para os humanos. Em vez de dominar e explorar, buscamos conectar, integrar e aprender com ela.





No artesanato circular, essa relação se concretiza no **ciclo biológico**: materiais que vêm da natureza e podem retornar para ela de forma regenerativa, desde que não sejam contaminados no processo.





O termo **bioeconomia** vem sendo usado para atividades produtivas que usam materiais biológicos, muitas vezes como alternativa aos recursos fósseis e não-renováveis.

Mas se a lógica continua sendo extrair e descartar, mesmo que a matéria-prima seja natural, o processo ainda é linear. Por isso falamos também em **bioeconomia circular**, que considera o ciclo completo e o retorno seguro à biosfera.

Já a **sociobioeconomia** amplia o olhar para incluir os grupos e comunidades que protegem a biodiversidade. No artesanato, isso significa valorizar não só o material, mas também o **saber de quem coleta, beneficia e transforma**. Entender que floresta em pé, cultura viva e renda justa estão conectadas.

Quando o artesanato se organiza a partir dessa lógica, Kaá deixa de ser só matéria-prima, e passa a ser território, conhecimento e relação.

POR *EXEMPLO*

- Coletar fibras ou sementes só na época certa, respeitando o ciclo da planta - como no caso do capim-dourado (Tocantins, pg 346) e do miriti (Pará, pg 364).

- Trabalhar com matérias-primas de manejo comunitário, fortalecendo economias locais.

- Usar corantes naturais, que não contaminam o produto - como no caso do artesanato com tucum (Amazonas, pg 385), e da fibra de buriti (Maranhão, pg 343).

- Criar peças compostáveis, pensadas para retornar ao solo com segurança - como no caso das gamelas de pupunha tratadas com cera de abelha e carnaúba (Acre, pg 379).

CUIDADO

Nem todo material “natural” é automaticamente sustentável ou circular: o **manejo e o processo** fazem toda a diferença.

Além de cuidar da extração, é importante evitar contaminações que podem impedir o retorno saudável ao ciclo biológico, e também garantir que quem maneja esse material receba reconhecimento e renda justa.

MÃO NA *MASSA*

- Você conhece o ciclo natural do material que utiliza? Em que época ou em que condições ele pode ser coletado?

- Sua peça pode voltar para o solo com segurança? Se não, o que precisaria mudar para isso ser possível?

- Quem coleta ou maneja os materiais que você usa? Você conhece essas pessoas? Como esse trabalho impacta o território?

Veja também:

C - Ciclos

J - Justiça e valorização social

Q - Químicos

S - Saberes ancestrais

Y - Yby: o chão que pisamo

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



L.I.X.O.



L.I.X.O

A gente escreve L.I.X.O. abreviado, ou com aspas, que é pra ir desconstruindo essa ideia...

“Lixo” é um **erro de intenção**: um erro de design.

É importante entender a diferença entre **resíduo, rejeito e “lixo”**:

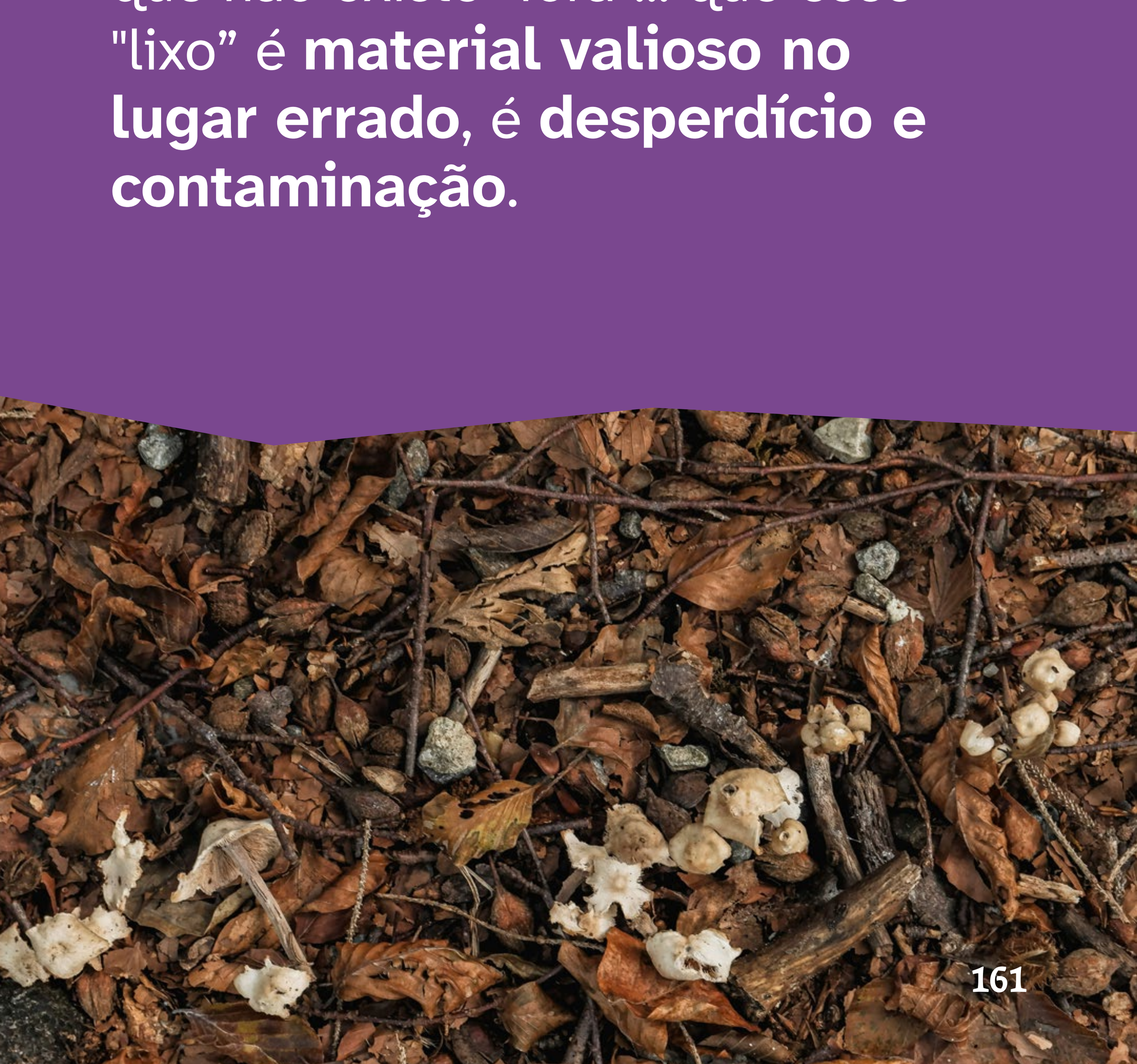
Resíduo é inevitável, é o que sobra - e não é necessariamente ruim. **Quase todo processo humano ou natural gera algum resíduo**. A questão é pensar os processos e os materiais de uma forma intencional, para que os resíduos possam ser recursos para um novo produto ou processo, como na natureza.

O **rejeito** é justamente aquele resíduo que não parece servir para nada, ou seja, que foi rejeitado... E ele é um bom indicativo de uma **oportunidade de melhoria** no design para circularidade: se tem rejeito, tem alguma coisa errada, e que pode ser pensada melhor.



Já o **“lixo”** é um conceito bem abstrato. Uma coisa que, na verdade, não existe.

O que é “lixo”? Tudo o que é desvalorizado. Rejeitos variados que são misturados e jogados "fora". Só que a gente já sabe que não existe "fora”... que esse "lixo” é **material valioso no lugar errado**, é **desperdício e contaminação**.





Na natureza não existe “lixo”.
Existem muitos resíduos, mas
não existe desperdício, porque
os resíduos de uma espécie
alimentam outras: são **nutrientes**
para novos processos.

"Lixo” é uma ideia que a
humanidade inventou, e chegou a
hora de desinventar.
Se você escolher materiais do
ciclo técnico ou biológico **com**
intenção, e sem contaminação,
os **resíduos viram nutrientes**.

POR *EXEMPLO*

- Fibras naturais, se não estiverem contaminadas, podem virar adubo e devolver nutrientes biológicos para o solo, como no caso do tucum (Amazonas, pg 385) e buriti (Maranhão, pg 343).

- Resíduos de produção que viram novos produtos, como os resíduos de biocompensado de miriti que são transformados em papel artesanal (Pará, pg 364).

- Resíduos do território podem ser aproveitados como matéria-prima - como madeiras flutuantes que viram esculturas (Piauí, pg 361), sobras industriais de E.V.A que viram mandalas (São Paulo, pg 355) ou shapes descartados de skate que viram armações de óculos (Curitiba, pg 382).

CUIDADO

Se a sua peça ou algum material no seu processo vira L.I.X.O., é **sinal que alguma coisa está errada**.

MÃO NA *MASSA*

- Olhe mais uma vez para os seus produtos e processos. Existe algum material que vira L.I.X.O.?

- Por que ele é rejeitado?

- Como poderia ser alimento para um novo ciclo, ou material para um novo produto? E, se não puder, por qual outro material ele poderia ser substituído?

Veja também:

G - Gestão de resíduos

Q - Químicos

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

U - *Upcycling* (Superciclagem)

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

MELHORIA CONTÍNUA

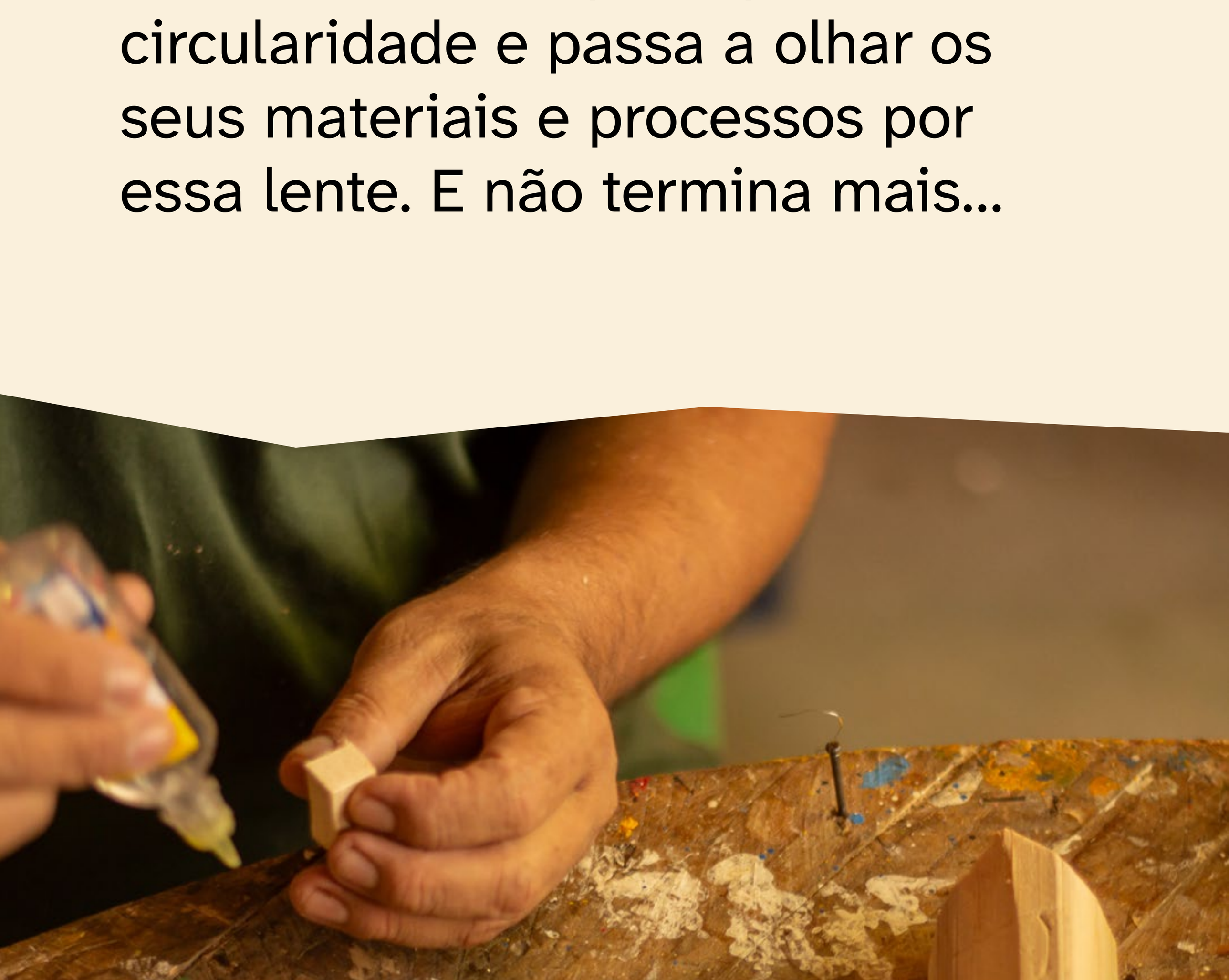


Melhoria contínua

A melhoria contínua parte do entendimento de que a **circularidade é uma intenção, um compromisso e uma jornada**, mais do que um destino fixo de perfeição.

É muito difícil ser 100% circular ou sustentável! Especialmente se o seu trabalho envolve materiais ou cadeias produtivas que ainda são lineares.

Por isso, é importante entender que a transformação não acontece de um dia para o outro, e sim **passo a passo**, com **abertura e constância**. Ela começa quando você entende os princípios da circularidade e passa a olhar os seus materiais e processos por essa lente. E não termina mais...





A melhoria contínua envolve a **disposição** de estar sempre aprendendo e buscando **formas de aprimorar os seus produtos e processos**. De enxergar “problemas” como oportunidades, com **curiosidade** e **flexibilidade**, seja para fazer uma grande mudança na sua produção, ou pequenos ajustes que vão se somando ao longo do tempo.

Você pode **visualizar onde quer chegar**, e mapear os passos que precisa percorrer até alcançar esse ideal. Ou pode seguir um caminho mais orgânico, de **experimentação, aprendizado, tentativa e erro**.



De qualquer forma, o **compromisso com a melhoria contínua** é um caminho sem volta, que fortalece não só os seus produtos, mas também a sua **capacidade de adaptação e inovação criativa**.

O importante é seguir com intenção, paciência e persistência, na busca por cada vez mais **valor, circularidade, saúde e efetividade**.

POR *EXEMPLO*

- Trocar um acabamento tóxico por outro mais seguro.

- Melhorar as instruções de cuidado da peça a partir das dúvidas dos seus clientes.

- Ajustar o corte de um material para reduzir ou aproveitar melhor as sobras.

- Testar uma alternativa local para um material que vem de longe.

- Substituir cola por encaixes ou costuras.

- Testar uma inovação em uma peça ou conjunto de peças, conferir o resultado, e aos poucos estender para todos os seus produtos.

CUIDADO

O importante é não desistir nem paralisar na busca pela perfeição. A melhoria contínua **pede persistência, paciência e abertura** para aprender com os desafios e celebrar os avanços ao longo do caminho.

MÃO NA *MASSA*

- Pense em uma mudança pequena e concreta que você poderia implementar em um dos seus produtos nos próximos meses.

- Identifique um ponto do seu processo que já melhorou nos últimos anos. O que permitiu essa mudança?

- Peça feedback sincero para pelo menos 3 clientes ou colegas artesãos sobre a durabilidade e manutenção das suas peças. O que eles sugerem?

- Sonhe e ponha no papel: qual é a visão circular de futuro mais bonita que você imagina para o seu trabalho? Agora anote, de forma reversa, quais são os passos e etapas para percorrer até alcançar essa visão. Do que você precisa? Quem pode te ajudar?

Veja também:

D - Design para circularidade

F - Fazer consciente

I - Inovação criativa

N - Novo olhar

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!


NOVO
OLHAR



Novo olhar

A economia circular propõe um “novo” olhar para os materiais, processos e produtos. Um olhar regenerativo, que busca **manter o valor em circulação** e entende **resíduos como nutrientes** - seja no ciclo biológico ou no ciclo técnico.

Esse olhar é "novo” entre aspas,
porque também é **ancestral**,
e está na base de muitas das
práticas e tecnologias de povos
originários e comunidades
tradicionais. Ao mesmo tempo, é
novo em relação à lógica linear dos
sistemas de produção e consumo
dominantes hoje, que influenciam
profundamente a nossa vida e o
nosso trabalho.





No artesanato, esse olhar de circularidade aparece em escolhas bem concretas: pensar no **“e depois?”** da peça, cuidar dos **acabamentos** e das **misturas de materiais**, enxergar um descarte como matéria-prima, redesenhar processos para mais **saúde e efetividade**.





A consciência sobre esses critérios de circularidade, longe de “travar”, pode ser um elemento que permite sair do automático, questionar a forma como as coisas são feitas e experimentar caminhos diferentes.

Mudar a lente abre espaço para outras possibilidades. Cultivar um novo olhar, ou simplesmente um olhar mais aberto, alimenta a **inovação criativa** e a **melhoria contínua** dos seus processos e produtos.

POR *EXEMPLO*

- Fazer uma releitura criativa de peças tradicionais - como castiçais inspirados no formato de alguidares de cerâmica empilhados (Pernambuco, pg 349).





- Enxergar resíduos por outras “lentes” - como os óculos feitos a partir de shapes descartados de skate (Paraná, pg 382).

- Explorar e valorizar as propriedades de um material - como a criação de móveis e objetos com polpa de papelão (Minas Gerais, pg 367).

CUIDADO

Nem toda ideia precisa virar produto. Você pode se permitir experimentar sem muita expectativa.

Cultivar um novo olhar é um exercício sensível, feito de **curiosidade**, **tentativa e erro**, e **flexibilidade** para **aprender fazendo**.

MÃO NA *MASSA*

- Olhar marciano: olhe para um material ou objeto como se você viesse de outro planeta e tivesse acabado de chegar na Terra, sem saber o que é ou para o que serve. O que você descobre? Que propriedades, texturas e possibilidades aparecem a partir desse olhar?

- Olhar de criança: dê uma peça, material ou componente (seguro) do seu processo para uma criança brincar, e veja o que ela inventa - ou brinque com ela e imagine novas possibilidades!

- Faça experiências para entender como uma peça sua reage à água, ao sol, ao uso e ao tempo.

- Enxergue por outros ângulos: experimente virar uma peça de ponta-cabeça, ou de lado, e veja que novas formas, encaixes, usos ou ideias vêm na sua mente.

- Experimente usar a sua técnica com um outro material, ou o seu material com uma outra técnica.

Veja também:

I - Inovação criativa

M - Melhoria contínua

T - Tradição e Transformação

U - *Upcycling* (Superciclagem)

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

ORIGEM

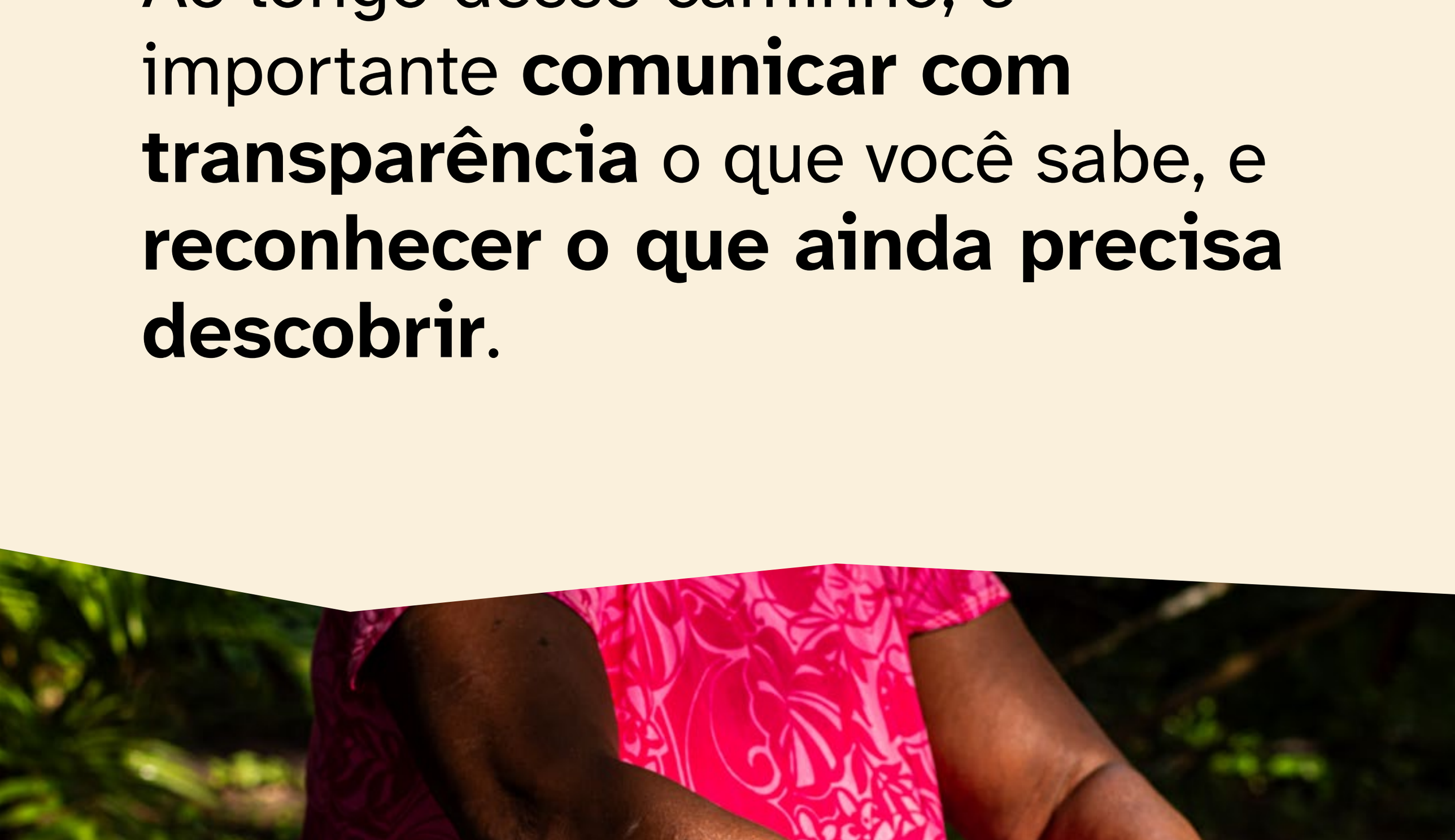


Origem

No artesanato circular, falar sobre origem é pensar no “antes”: de onde vem o material, quem produziu ou coletou, por quais caminhos ele passou até chegar nas suas mãos, e das suas mãos até quem vai usar a peça.

Você provavelmente já conhece boa parte dessa trajetória. Se não conhece, pode começar a **investigar**: perguntar, pesquisar e conversar com fornecedores para **entender melhor os processos e impactos envolvidos**.

Ao longo desse caminho, é importante **comunicar com transparência** o que você sabe, e **reconhecer o que ainda precisa descobrir**.





Hoje em dia, as cadeias produtivas muitas vezes são longas e nebulosas. Um fio pode ter passado por vários países antes de chegar no seu ateliê. Um pigmento pode ter passado por processos que você nem imagina.

Tentar **se aproximar da origem** é um movimento de **curiosidade e responsabilidade**, que amplia a sua **consciência** e ajuda a fazer **escolhas mais consistentes**.

Mesmo que não consiga rastrear tudo, você pode **comunicar os seus limites** de uma **forma honesta e inspiradora**. Pode falar sobre **o que já sabe**, o que está buscando **descobrir ou melhorar**, e sobre os **critérios que orientam as suas decisões.**



Essa **transparência** fortalece a **confiança** de quem compra os seus produtos, demonstrando a sua **sinceridade** e o seu **cuidado ético com toda a cadeia**.

Ao compartilhar a **jornada dos materiais** e a **intencionalidade do seu fazer**, você valoriza o seu trabalho, cria **conexão** e reforça o compromisso com um **caminho cada vez mais circular**.

POR *EXEMPLO*

- Compartilhar nas suas redes sociais ou site a história das pessoas que coletaram o material biológico que você usa, ou do descarte industrial que virou a sua matéria-prima principal.

- Explicar por que um material ainda não tem uma alternativa local ou mais circular.

- Criar etiquetas com um QR Code que direciona para um vídeo ou página com fotos e textos sobre a origem do material e, se possível, o nome das pessoas envolvidas na sua coleta e beneficiamento.

- Mostrar no seu material de divulgação os bastidores do seu ateliê, com registros simples do seu processo produtivo que demonstrem a ética e o cuidado que você tem no tratamento dos materiais.

- Preferir, sempre que possível, materiais que têm certificações ou garantias de origem, ou fornecedores que você conhece e com quem pode conversar diretamente.

- Mencionar a parceria com cooperativas de reciclagem, fornecedores ou artesãos que trabalham com técnicas complementares, mostrando a rede de apoio que sustenta o seu trabalho.

CUIDADO

Transparência é sobre honestidade, não perfeição. É aceitável, e até positivo, **comunicar os seus desafios** e as etapas da sua jornada de melhoria contínua.

Ao valorizar a origem, procure garantir que quem está na ponta dessa cadeia (catadores, coletores, comunidades, fornecedores) também receba **reconhecimento e remuneração justa**.

MÃO NA *MASSA*

- Escolha um material importante do seu trabalho e tente entender melhor a sua origem. O que você descobre ao investigar, pesquisar ou conversar com quem fornece?

- Liste quais informações sobre a origem e processo de confecção das suas peças você já comunica, e quais você poderia começar a incluir.

- Existe algum ponto da sua cadeia que você prefere não olhar? O que impede essa investigação?

- Pense nos seus fornecedores ou parceiros. Faria sentido dar mais visibilidade a algum deles, mencionando nas suas comunicações ou convidando para uma parceria de conteúdo?

Veja também:

H - Histórias que inspiram

E - Escolha de materiais

J - Justiça e valorização social

K - Kaá: natureza como fonte e inspiração

V - Valor e visibilidade

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



PARCERIAS



Parcerias

Parcerias e colaborações ajudam a enfrentar os desafios da circularidade e **viabilizam caminhos que seriam difíceis de percorrer individualmente**.

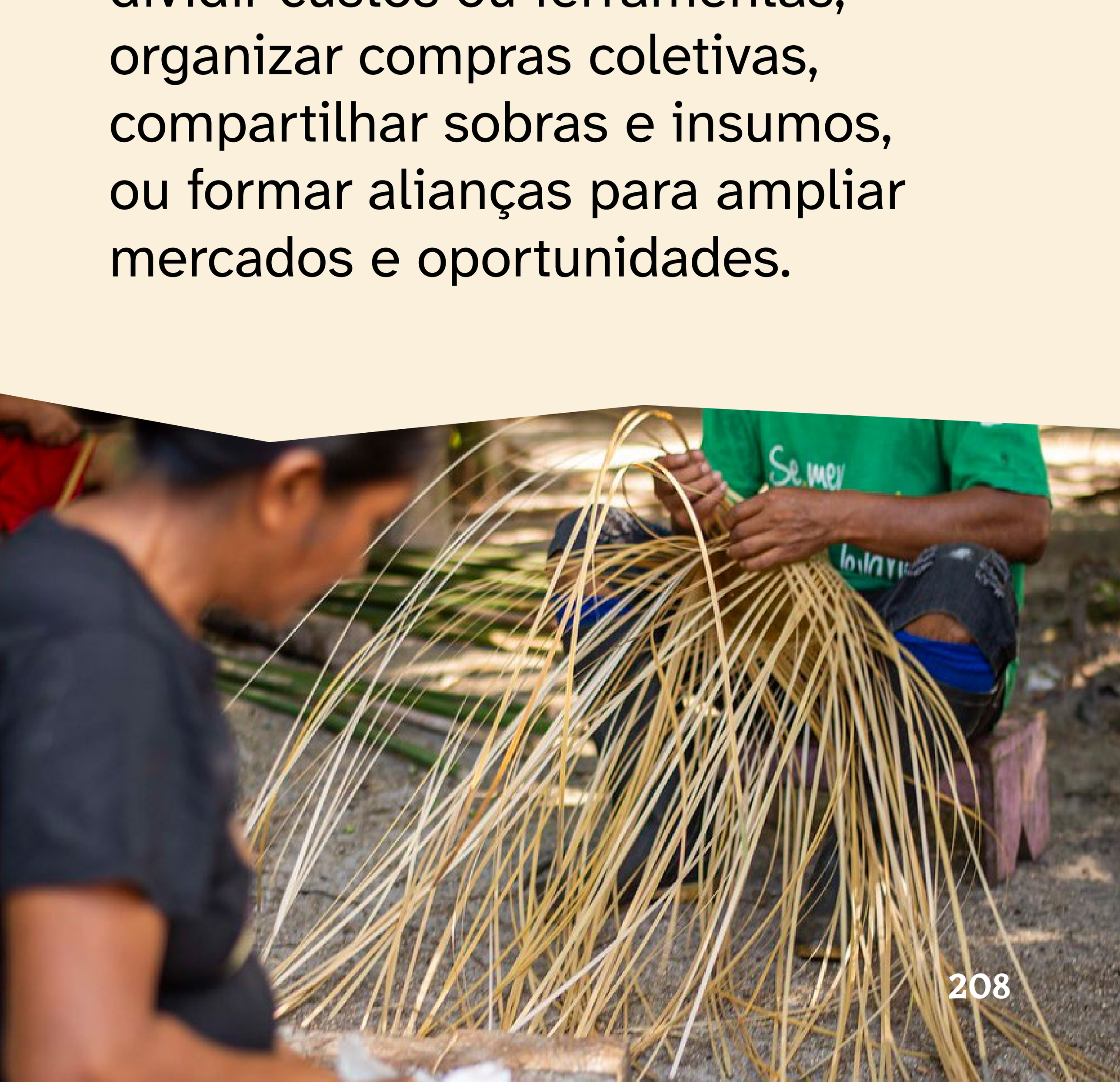
O artesanato nunca foi uma prática isolada. Mesmo quando o trabalho é feito por uma única pessoa, ele depende de fornecedores, clientes, vizinhos, feiras, redes de apoio e compartilhamento.

Na perspectiva da economia circular, essas relações ganham ainda mais **importância estratégica**.

Elas podem facilitar o acesso a materiais mais saudáveis, a redução de desperdícios, logística de coleta, comercialização justa e inovação técnica.

Quando artesãs e artesãos se organizam, **ampliam seu poder de negociação** e constroem **condições mais justas e favoráveis para produzir e comercializar seu trabalho**.

A colaboração pode significar dividir custos ou ferramentas, organizar compras coletivas, compartilhar sobras e insumos, ou formar alianças para ampliar mercados e oportunidades.





As parcerias também podem se expandir: com **cooperativas de reciclagem** e **empresas**, para acessar resíduos que se tornam matéria-prima; com **escolas**, para inspirar e transmitir conhecimentos para as novas gerações; com **universidades e centros de pesquisa**, para desenvolver soluções técnicas que tornem os materiais e processos mais circulares; e com o **poder público**, para acesso a espaços e políticas de apoio e reconhecimento.

A colaboração nem sempre é simples, e costuma exigir **diálogo** e **persistência**. Mas quando redes se formam, o trabalho passa a integrar um **movimento maior de cuidado, criação e transformação**, e a **circularidade ganha impulso e escala** no território.



POR *EXEMPLO*

- Artesãos que se organizam para compartilhar materiais ou fazer compras coletivas, reduzindo custos e desperdícios, e facilitando o acesso a materiais de qualidade.

- Parcerias com empresas locais ou cooperativas de reciclagem para garantir fornecimento de resíduos limpos e separados como matéria-prima.

- Colaborações com universidades para desenvolver novos acabamentos, processos menos tóxicos ou soluções tecnológicas (Pernambuco, pg 349).

- Parcerias com designers (Amazonas, pg 385) e escritórios de arquitetura (Pará, pg 364).

- Parcerias com escolas para realizar oficinas e processos educativos (Pernambuco, pg 373).
- Redes de comercialização conjunta ou organização comunitária que fortalecem preço e visibilidade, como associações de artesãs (Maranhão, pg 343) e lojas colaborativas (Amazonas, pg 385).

CUIDADO

Relações desequilibradas podem gerar dependência ou sobrecarga. Inicie a parceria com muito **diálogo e acordos** sobre responsabilidades, divisão de custos e reconhecimento.

MÃO NA *MASSA*

- Liste três pessoas ou organizações com quem você poderia construir uma parceria concreta nos próximos meses.

- Identifique um desafio no seu processo produtivo. Existe alguma outra pessoa, empresa ou instituição que poderia ser uma parceira para encontrar uma solução?

- Existe alguma sobra do seu processo que poderia interessar a outro artesão?

- Você já conversou com outros produtores sobre compras coletivas, acordos de preço ou parcerias de comercialização?

- Que tipo de apoio externo (técnico, institucional, comercial) poderia fortalecer sua prática circular?

Veja também:

H - Histórias que inspiram

J - Justiça e valorização social

M - Melhoria contínua

V - Valor e visibilidade

W - Workshops, cursos e eventos

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

QUÍMICOS



Químicos

Muitas vezes, o maior **desafio à circularidade** não está no material principal, mas nos químicos utilizados no processo.

Colas permanentes,
vernizes sintéticos, resinas,
impermeabilizantes, solventes e
aditivos podem transformar um
material saudável em uma mistura
contaminada demais para retornar
ao ciclo biológico, ou difícil de
recuperar no ciclo técnico.

A ideia aqui não é demonizar os químicos. Até porque a química está na base de todos os processos, mesmo dos materiais mais naturais e saudáveis.

O importante é entender a composição do que você usa, seus efeitos e sua compatibilidade com os ciclos biológicos e técnicos, para fazer escolhas informadas.





No artesanato, essas decisões nem sempre são simples. Alguns produtos prometem brilho, impermeabilidade ou praticidade no processo.

Mas é importante perguntar: que substâncias estão presentes ali? Elas podem afetar a saúde de quem produz ou de quem usa a peça? Permanecem no solo ou na água depois do descarte? Impedem a desmontagem, a reciclagem ou a compostagem do produto? **O efeito prometido realmente justifica esses impactos?** Existe alguma outra alternativa mais compatível com a circularidade?

Químicos



222

Essa atenção também é um **cuidado com o próprio corpo e com o espaço de trabalho**. Vapores, poeiras e resíduos tóxicos podem prejudicar a saúde, especialmente em ateliês pouco ventilados ou sem proteção adequada.



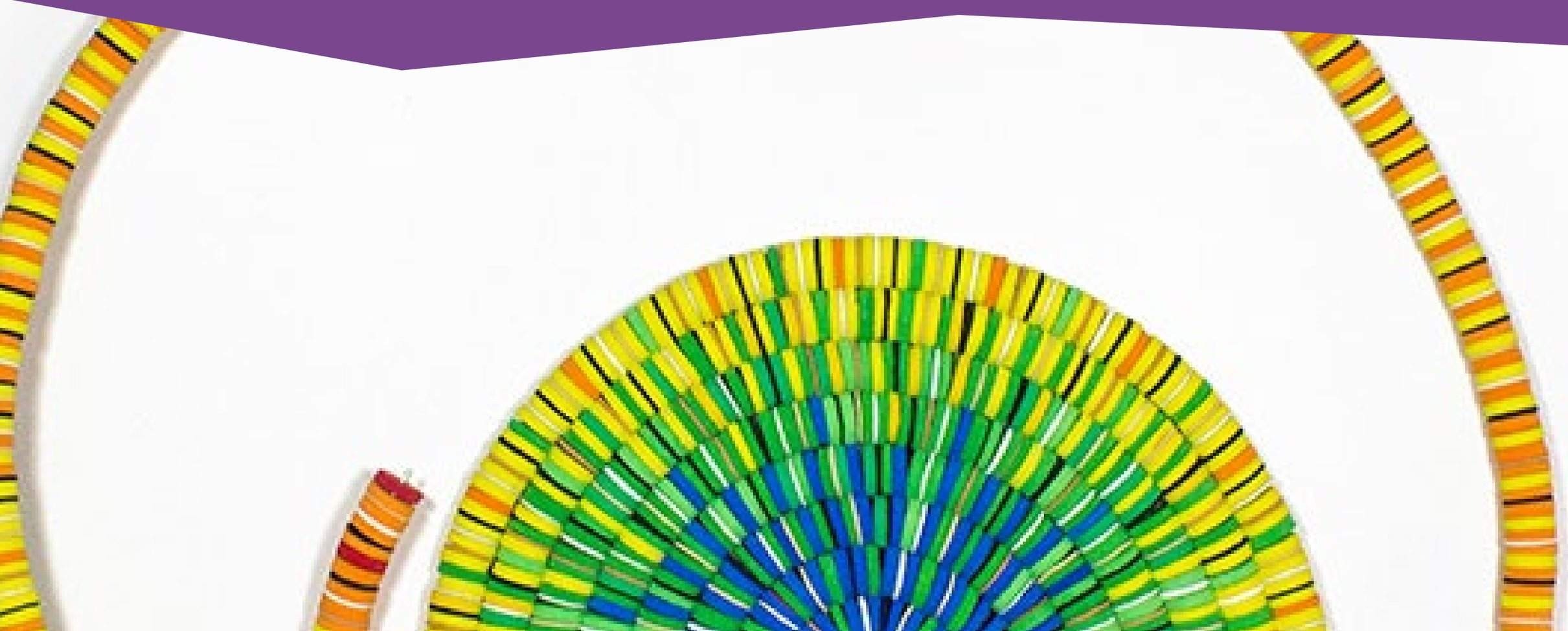
Revisar os químicos que você usa, reduzir misturas irreversíveis e testar alternativas mais saudáveis pode transformar profundamente a circularidade de uma peça. Muitas vezes, são esses detalhes que definem se um **material continua como nutriente**, ou se acaba virando "L.I.X.O.".

POR *EXEMPLO*

- Escolher tintas e pigmentos atóxicos ou naturais, como tinturas extraídas de cogumelos e plantas do território (Amazonas, pg 385).



- Trocar cola permanente por encaixes, costura ou parafusos, facilitando desmontagem, reparo e reciclagem - como no redesenho de mandalas feitas de resíduos de E.V.A. (São Paulo, pg 355).



- Substituir um verniz sintético por acabamento à base de óleos ou ceras naturais quando a peça foi pensada para retornar ao solo - como cera de abelha ou carnaúba para tratar gamelas (Acre, pg 379).

- Adaptar o design para reduzir a necessidade de químicos agressivos, como ceramistas que, em parceria com laboratório de design da UFPE, desenvolveram alternativas à vitrificação com zarcão, de alta toxicidade (Pernambuco, pg 349).

CUIDADO

Pequenas escolhas invisíveis podem comprometer todo o ciclo da peça. Antes de buscar um acabamento “perfeito”, vale considerar como aquele químico afeta a desmontagem, reciclagem ou retorno ao solo/compostagem.

MÃO NA *MASSA*

- Liste todos os produtos químicos que fazem parte do seu processo (colas, vernizes, tintas, solventes, impermeabilizantes). Você sabe qual é a função de cada um e se existem alternativas compatíveis com o ciclo da sua peça?

- Escolha um deles e investigue melhor: leia a ficha técnica, converse com o fornecedor ou pesquise sua composição. O que você descobre?

- Algum desses produtos impede que sua peça retorne ao solo ou seja reciclada? O design poderia ser ajustado para substituir ou eliminar esse químico?

- Experimente testar, em pequena escala, uma alternativa mais compatível com a circularidade e registre os resultados.

Veja também:

F - Fazer consciente

N - Novo olhar

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

Z - Zelar pelo futuro

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

REUSO, RECICLAGEM E REGENERAÇÃO



Reuso, Reciclagem e Regeneração

Manter os produtos e materiais circulando no máximo do seu valor é um princípio central da economia circular. Mas existem **vários jeitos de circular**, e nem todos preservam valor da mesma forma.

Por isso, faz sentido priorizar estratégias de **reuso**, que **mantêm o valor do produto inteiro** ou dos seus **componentes** – seja fazendo durar mais, ou facilitando o conserto, compartilhamento, redistribuição ou remanufatura.

Isso prolonga a vida da peça e preserva não só a matéria, mas também a **história e o trabalho** investido ali.

A **reciclagem** entra quando o produto já não pode continuar como está, e os **materiais são reprocessados**. Nem todos os materiais podem ser reciclados com qualidade: aditivos e misturas na composição muitas vezes geram uma **“subciclagem”**, com perda de valor e propriedades.

Por isso, vale escolher materiais que possam ser reciclados com qualidade, evitar misturas e priorizar o uso prolongado da peça, sempre que possível.





Produtos do ciclo biológico também podem ser mantidos em circulação pelo reuso. E, quando não puderem mais ser usados, ainda podem contribuir para a **regeneração dos sistemas naturais**, retornando de forma saudável como **nutrientes** - desde que não tenham sido contaminados ao longo do processo.

E quando o trabalho circula renda e reconhecimento entre as pessoas, também promove **regeneração social**: fortalece as comunidades e os vínculos com o território.

O **artesanato circular** pode contribuir para todas essas formas de **circulação e regeneração**.

E também abrir espaço para **transformações criativas** que não só preservam, mas ampliam o valor dos materiais - como você vai ver mais para frente, na letra U.

POR *EXEMPLO*

- Estimular trocas, revendas ou compartilhamento, para prolongar o uso entre diferentes pessoas.

- Criar peças que sejam fáceis de desmontar, para facilitar o conserto, troca e reaproveitamento de componentes.

- Escolher materiais que possam ser reciclados com qualidade quando o produto não puder mais ser usado.

- Pensar na compostagem e retorno seguro ao solo, no caso de materiais biológicos.



CUIDADO

Misturas desnecessárias, colas permanentes ou acabamentos incompatíveis podem impedir tanto o reuso quanto a reciclagem e a regeneração.

MÃO NA *MASSA*

- Sua peça foi pensada para durar? O que costuma falhar ou quebrar primeiro?

- Você oferece ou indica conserto para quem compra?

- Seus produtos poderiam circular entre mais pessoas antes de serem descartados?

- Quando não der mais para usar a peça, qual é o melhor destino possível para cada material?

* O que você poderia ajustar hoje para aumentar a durabilidade de uma peça?

Veja também:

D - Design para vircularidade

L - L.I.X.O.

Q - Químicos

U - *Upcycling* (Superciclagem)

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!

SABERES ANCESTRAIS



Saberes ancestrais

A circularidade é ancestral.

Ela se conecta com práticas muito antigas de transformação e valorização de materiais, incluindo a maior parte das técnicas artesanais tradicionais.

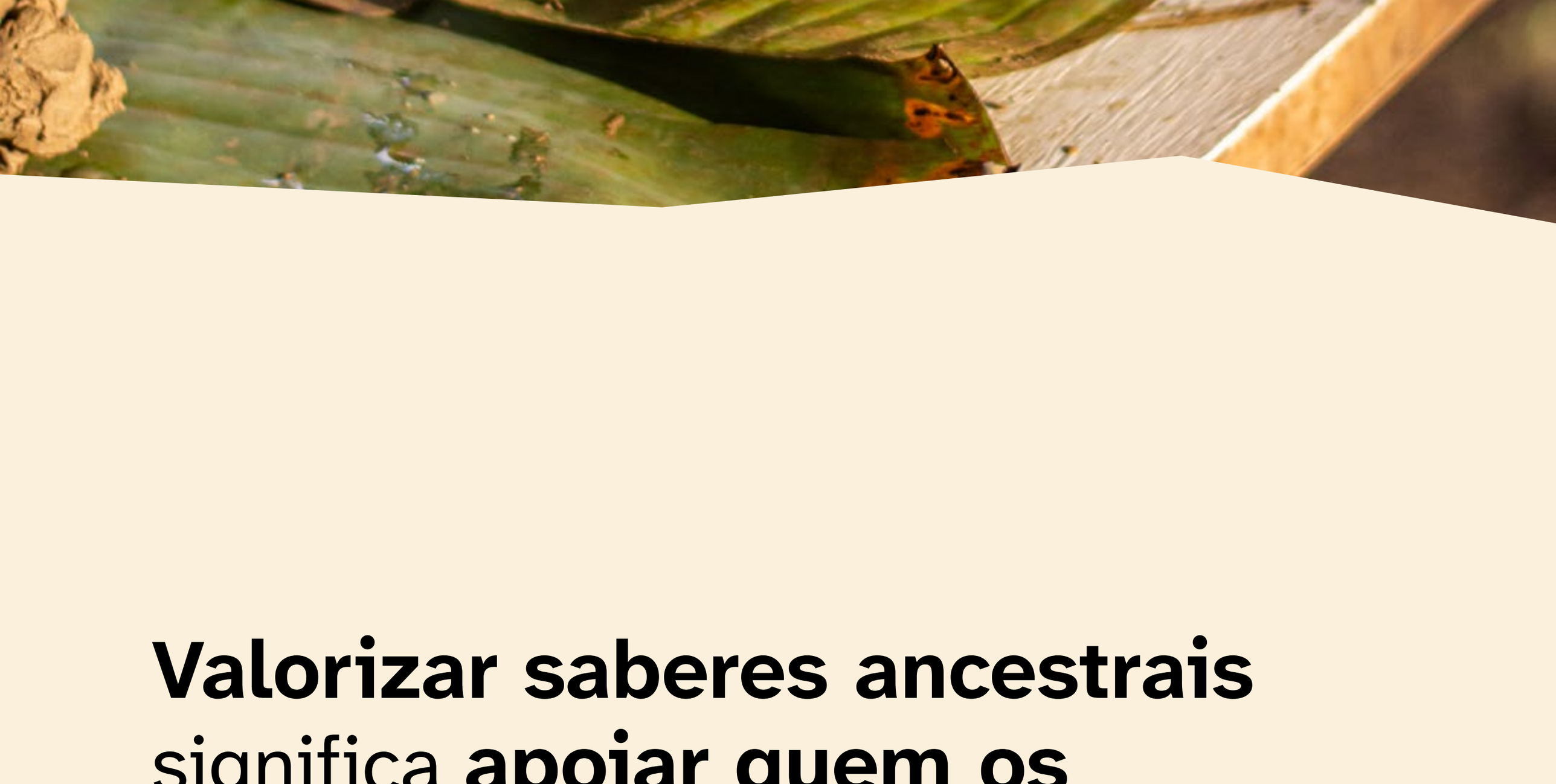
Ao resgatar esses conhecimentos ancestrais, o artesanato circular **reconecta a criatividade humana à lógica cíclica da natureza** - e nos lembra que também somos parte dela.

Muito antes de se falar em economia circular, várias comunidades já organizavam sua produção a partir dos ciclos naturais.

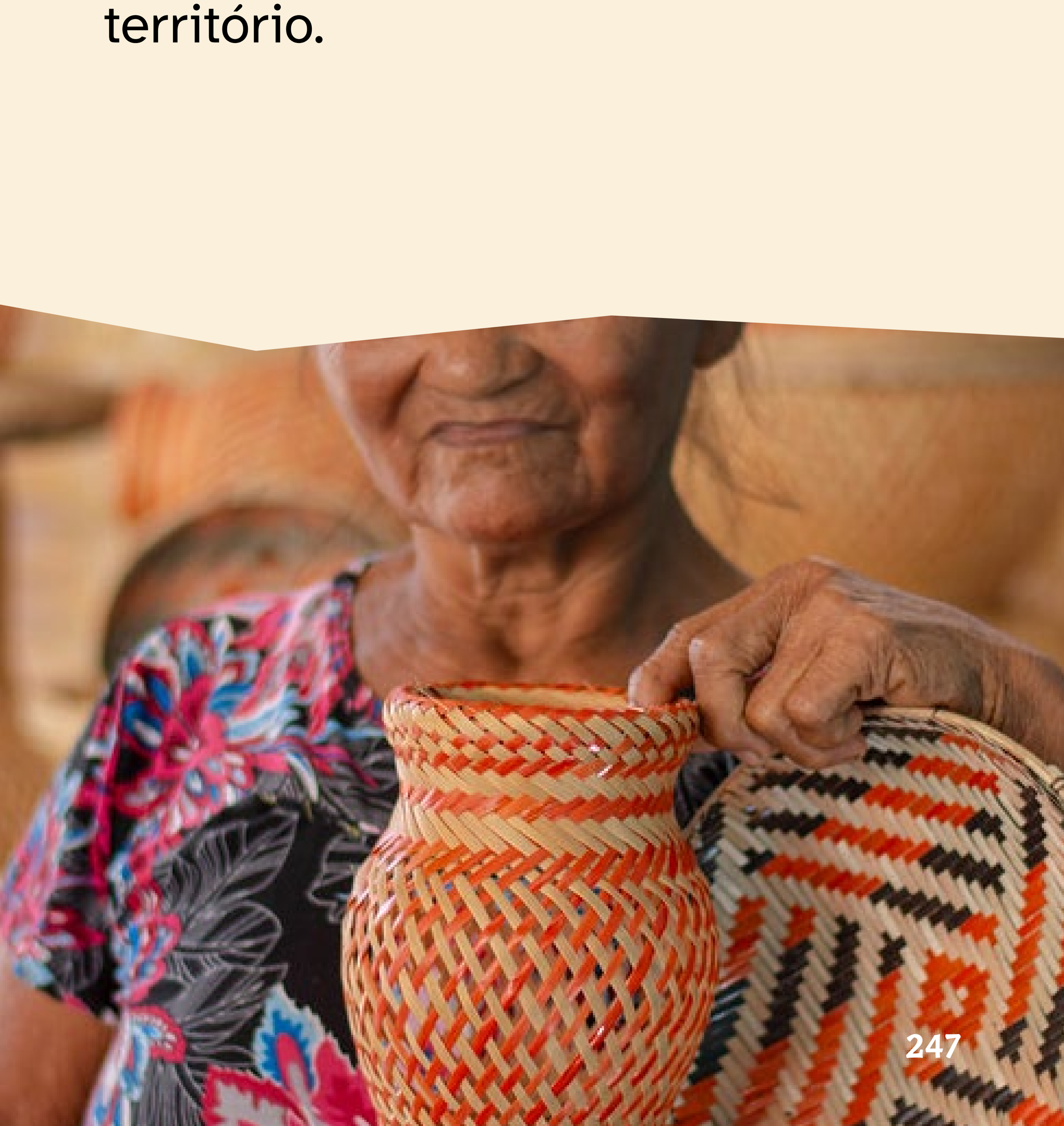
Especificamente no Brasil, povos originários, comunidades quilombolas, ribeirinhas e tradicionais desenvolveram **técnicas e tecnologias** que respeitam o tempo da natureza, aproveitam integralmente os materiais e mantêm **relações de cuidado com o território**.

Esses conhecimentos estão ligados a **visões de mundo** e **formas de vida** em que nada é isolado do contexto maior. E são preservados com **coragem e resiliência**, ainda que frequentemente ameaçados pela desvalorização, pela exploração predatória e pela perda de transmissão entre gerações.





Valorizar saberes ancestrais significa **apoiar quem os mantém vivos** e evitar apropriações superficiais que desconectam a técnica do território.





Significa que, se a gente desaprendeu, precisa **reaprender** a se reconhecer como parte de um todo, e se sentir nativa deste planeta.

No artesanato circular, saber **de onde a gente vem** ajuda a orientar as escolhas que a gente faz agora — e o **futuro que queremos construir**.

POR *EXEMPLO*

- Respeitar o tempo de coleta e os ciclos da planta, sem antecipar ou forçar a natureza - como no manejo do capim-dourado (Tocantins, pg 346).

- Usar fibras e pigmentos naturais, preservando tecnologias ancestrais - como no trabalho com tucum (Amazonas, p. 385) ou buriti (Maranhão, pg 343).

- Estimular o manejo tradicional que mantém a floresta em pé enquanto gera renda - como na coleta de braços de miriti (Pará, pg 364).

- Em muitas comunidades, o fazer artesanal é coletivo e transmitido entre gerações, mantendo vivo um conhecimento que já nasce em equilíbrio com o território.

CUIDADO

Evite copiar técnicas fora de contexto ou usar referências culturais sem vínculo com o território. Valorizar saberes ancestrais envolve reconhecer a autoria, origem e os direitos de **quem mantém esses conhecimentos vivos**.

MÃO NA *MASSA*

- Que técnica você utiliza que já carrega uma lógica circular, mesmo sem esse nome?

- Quem te ensinou o que você sabe? De onde vem essa prática?

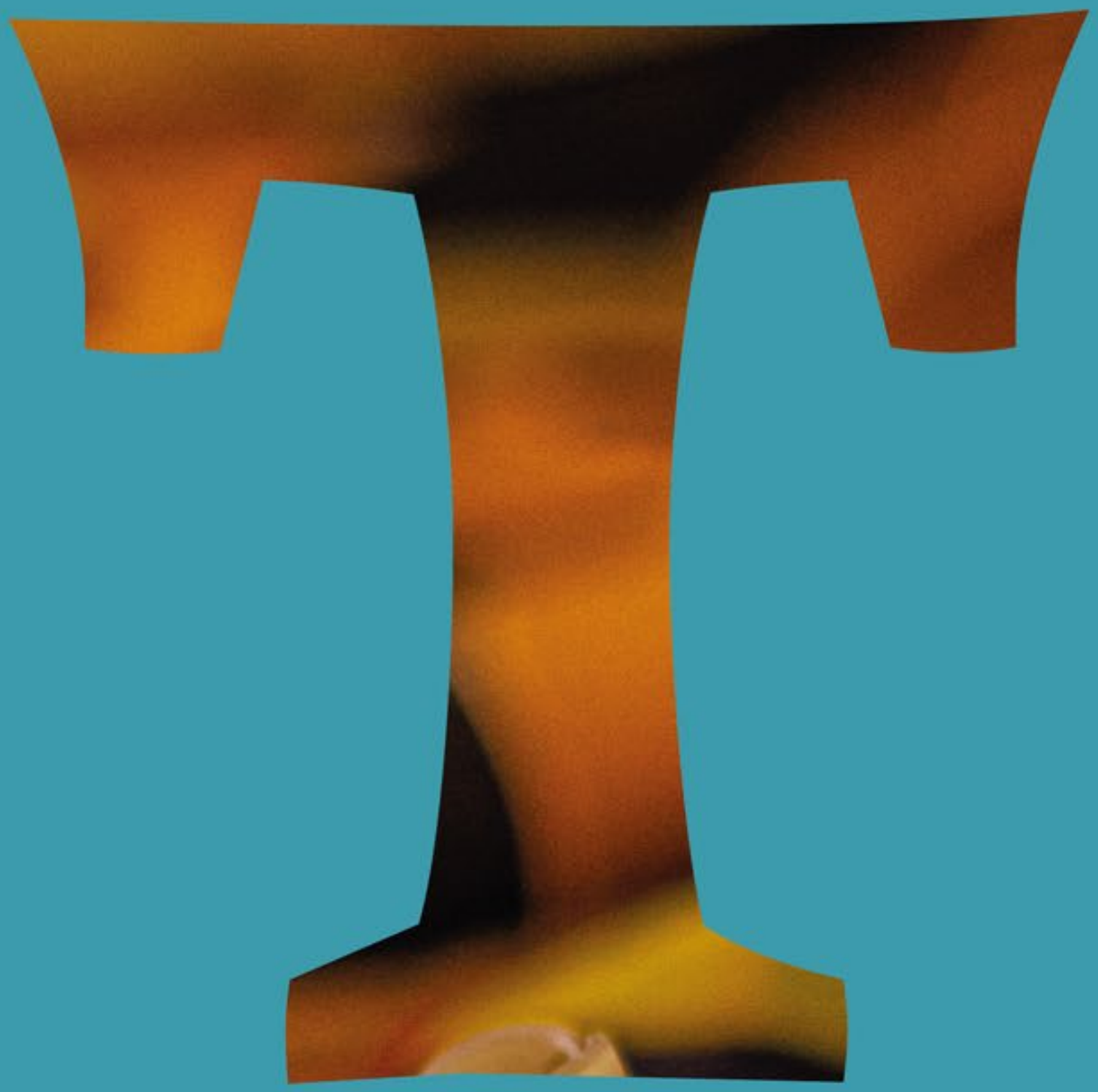
- Existe algum saber tradicional do seu território ou da sua família que poderia ser valorizado ou reaprendido?

- Como você pode reconhecer e dar visibilidade às raízes do seu trabalho?

Veja também:

J - Justiça e valorização social
O - Origem
T - Tradição e Transformação
Y - Yby: o chão que pisamos

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÃO



Tradição e Transformação

A tradição atravessa o tempo **porque se transforma**. Ela carrega técnica, memória e identidade, e **permanece viva quando encontra espaço para se atualizar** em cada geração - com pessoas dispostas a aprender, praticar e transmitir o que sabem.

No artesanato, todo gesto tem uma história. Ao mesmo tempo, **cada artesã e artesão ajusta, experimenta e responde a novos contextos e necessidades**. Essa adaptação faz parte da própria continuidade do saber e evita que ele se congele ou desapareça.





Hoje, muitos mestres e mestras expressam uma preocupação comum: o risco de perder o que levou gerações para se construir.

Jovens muitas vezes seguem outros caminhos, não por falta de interesse, mas porque **não enxergam reconhecimento ou viabilidade econômica** no ofício. Quando o trabalho artesanal é desvalorizado, a transmissão enfraquece.

Manter viva uma tradição envolve criar condições para que ela **continue fazendo sentido no presente**. Isso pode incluir adaptar produtos, dialogar com novas demandas, incorporar melhorias de processo ou fortalecer o valor econômico da técnica.





No **artesanato circular**, a **transformação abre caminhos para essa permanência**. Ao integrar **materiais** mais saudáveis, atualizar **técnicas**, desenvolver novas **aplicações** ou agregar **valor** a partir de resíduos locais, o saber se atualiza e amplia suas possibilidades.

Assim, tradição e transformação seguem entrelaçadas, mantendo o artesanato **vivo e relevante** ao longo do tempo.

POR *EXEMPLO*

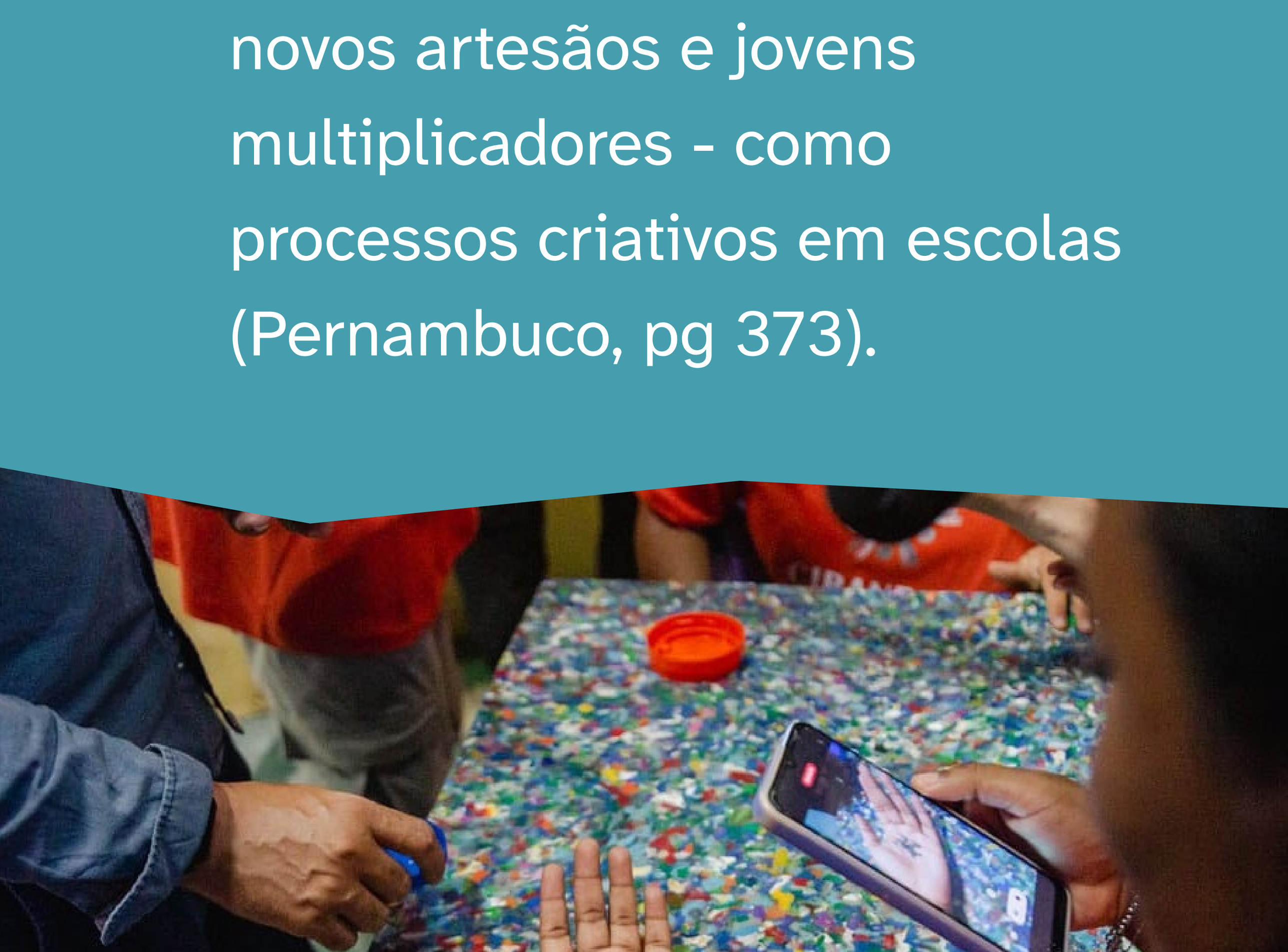
- Desenvolver novos produtos ou linhas de produção a partir de resíduos de produção e manejo local - como objetos de pupunha (Acre, pg 379).

- Preservar conhecimentos ancestrais e, ao mesmo tempo, criar novas linhas de produtos para ampliar o valor agregado da técnica - como em jóias e objetos de tucum (Amazonas, pg 385) e móveis e embalagens de miriti (Pará, pg 364).

- Adaptar técnicas tradicionais para trabalhar com materiais descartados ou desvalorizados, como crochê com sacos plásticos ou tecelagem com resíduos têxteis.

- Prêmios, bolsas e certificações (como patrimônio cultural imaterial, por exemplo) que fortalecem o reconhecimento e contribuem para a continuidade do ofício.

- Promover oficinas e processos de aprendizagem que formam novos artesãos e jovens multiplicadores - como processos criativos em escolas (Pernambuco, pg 373).



CUIDADO

Nem toda mudança fortalece
a tradição. Transformar com
consciência, considerando
materiais, ciclos e território,
contribui para que o saber siga
vivo e alinhado com um
futuro mais circular.

MÃO NA *MASSA*

- Quem te ensinou o que você sabe fazer - formalmente ou informalmente?

- Existe algo no seu processo que você gostaria que continuasse existindo daqui a 20 anos?

- Quem já aprendeu, ou poderia aprender com você?

- O seu trabalho faz parte de alguma tradição — ou está construindo uma nova?

Veja também:

H - Histórias que inspiram

S - Saberes ancestrais

W - Workshops, cursos e eventos

Z - Zelar pelo futuro

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



UPCYCLING (SUPERCICLAGEM)



Upcycling

Upcycling é um termo em inglês que ficou conhecido também no Brasil, e pode ser traduzido como “superciclagem”: **uma transformação que preserva ou aumenta o valor de materiais e objetos**, revelando **novas qualidades e significados**.

A superciclagem é o oposto de uma **“subciclagem”** (*downcycling*), em que os **materiais perdem parte das suas propriedades ou valor**. Como vimos na letra R, isso acontece em alguns processos de reciclagem mecânica, especialmente com materiais de **baixa reciclabilidade** ou que foram contaminados por misturas e aditivos.

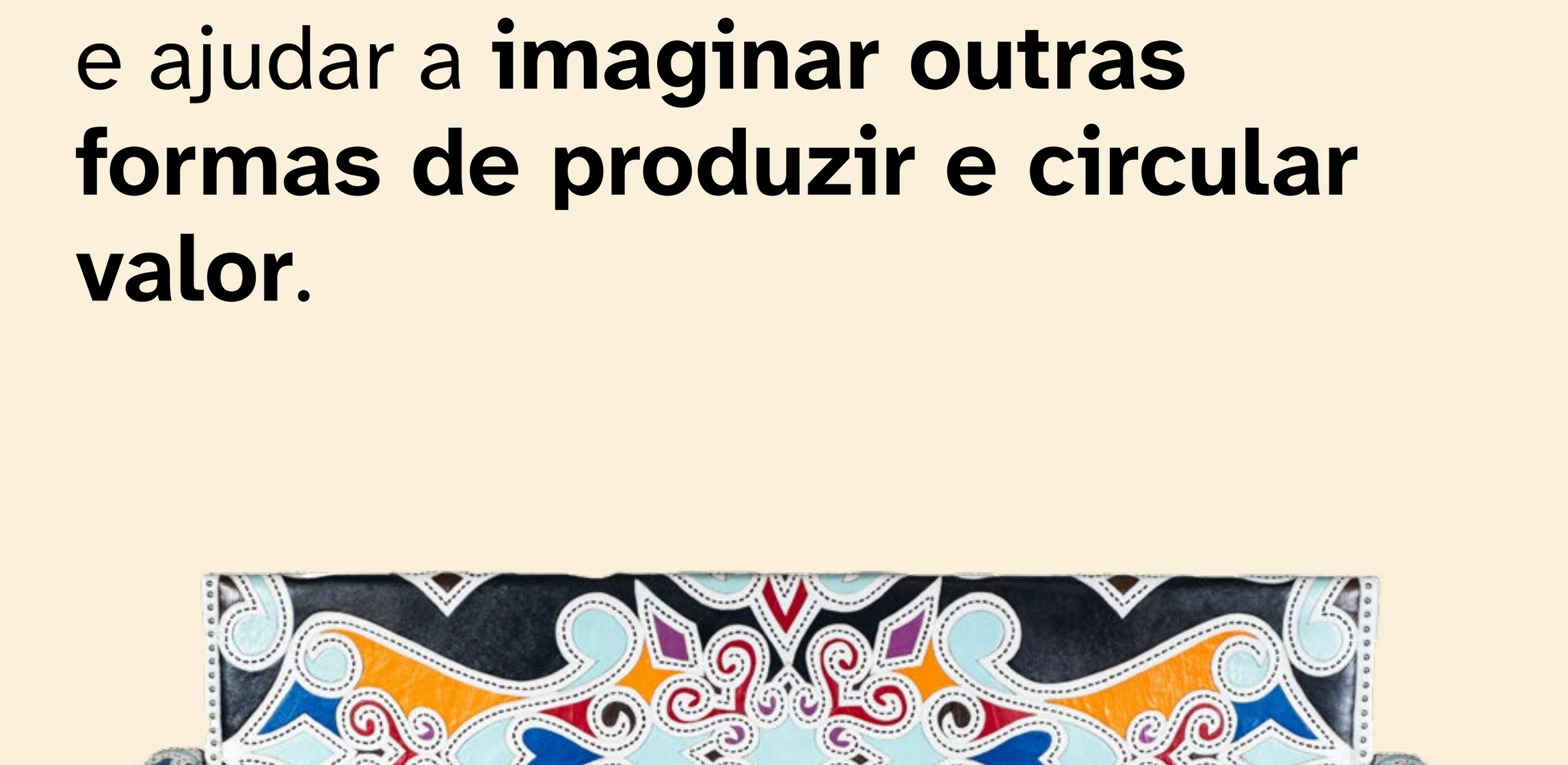
O artesanato é um **terreno fértil** para o *upcycling*. A habilidade técnica, o olhar sensível e o vínculo com o território ajudam a **enxergar potencial** em materiais e produtos desvalorizados. Em vez de triturar, derreter ou descaracterizar, o fazer artesanal **reinventa, recompõe e ressignifica**.



É claro que o ***upcycling*** manual **não pretende resolver o problema dos resíduos**, até porque ele não opera na escala da indústria. A ideia não é encontrar uma destinação para rejeitos, ou transformar “lixo em luxo”.

Como já vimos no G e no L, o **lixo é um erro de design**, que precisa ser corrigido na raiz: no desenho dos materiais, processos e sistemas que geraram aquele rejeito. E, de uma forma mais ampla, nos nossos modelos de produção e consumo, em direção a uma economia circular.

Nesse contexto, o papel da superciclagem é de contribuir para essa transformação que não é só material, mas também cultural e simbólica: **mudar a forma como olhamos para os materiais**, questionar a lógica do desperdício e ajudar a **imaginar outras formas de produzir e circular valor**.



POR *EXEMPLO*

- Criar peças a partir de materiais descartados, preservando e destacando suas qualidades - como óculos feitos de shapes descartados de skate (Paraná, pg 382).

- Transformar resíduos industriais ou comerciais em produtos de maior valor - como mandalas e composições feitas com E.V.A. (São Paulo, pg 355).

- Desenvolver novos materiais a partir de sobras, com identidade própria de forma e textura — como a polpa moldada de papelão, transformada em objetos e mobiliário (Minas Gerais, pg 367).

- Reaproveitar materiais do território com intervenção mínima e alto valor simbólico - como esculturas em madeira flutuante (Piauí, pg 361).

CUIDADO

Nem todo reaproveitamento é uma superciclagem. Para ser considerado *upcycling* e realmente **manter ou aumentar o valor dos materiais**, é importante evitar misturas irreversíveis ou o uso de químicos que impeçam a desmontagem, reciclagem ou retorno seguro ao ciclo biológico.

MÃO NA *MASSA*

- Existe algum material desvalorizado ou descartado no seu território ou no seu processo de trabalho que poderia ganhar um novo uso ou significado?

- Observe esse material: que qualidades ele tem (cor, textura, resistência, forma)? Que tipo de transformação poderia revelar ou ampliar esse potencial — sem misturar materiais ou comprometer a circularidade da peça?

- Experimente desenvolver um pequeno protótipo e registrar o processo.

- Se você já trabalha com resíduos de outras cadeias (industriais, agrícolas ou urbanas), o que precisaria mudar no design da peça para valorizar mais esse material?

- O seu processo permite desmontar, reparar ou reaproveitar partes da peça no futuro?

Veja também:

D - Design para circularidade

I - Inovação criativa

N - Novo olhar

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



VALOR E VISIBILIDADE



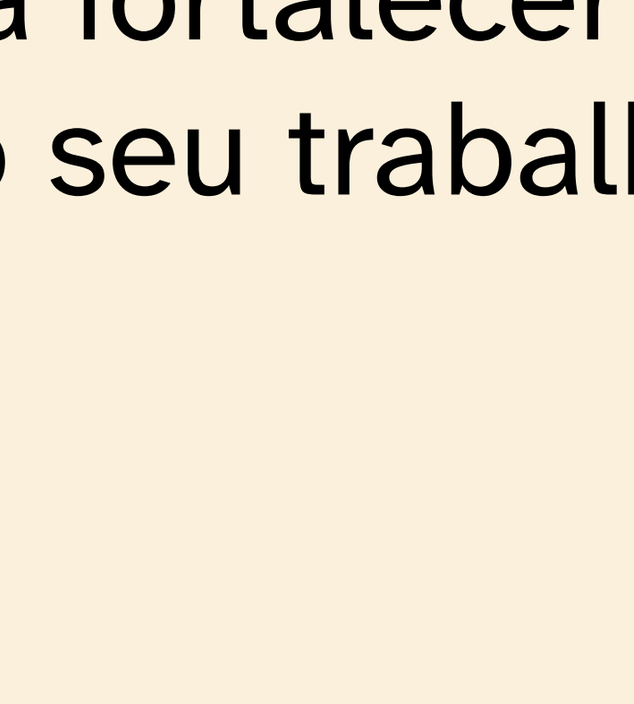
Valor e visibilidade

Como você viu ao longo deste ABC, o artesanato circular está profundamente ligado à **criação e preservação de valor**: na **escolha de materiais e processos**, no **cuidado com os ciclos, com o território e as pessoas**. Para que esse trabalho possa continuar existindo, é importante que todo esse valor também se traduza em **valor financeiro** para quem produz.

Nem sempre é fácil precificar um produto artesanal. O preço precisa cobrir seus **custos e necessidades reais**, além de considerar o valor do tempo, da técnica e dos compromissos sociais e ambientais assumidos.

Contar a história do material, da peça e das escolhas ligadas à circularidade também ajuda a **tornar esse valor visível** para os seus clientes e a fortalecer o reconhecimento do seu trabalho.

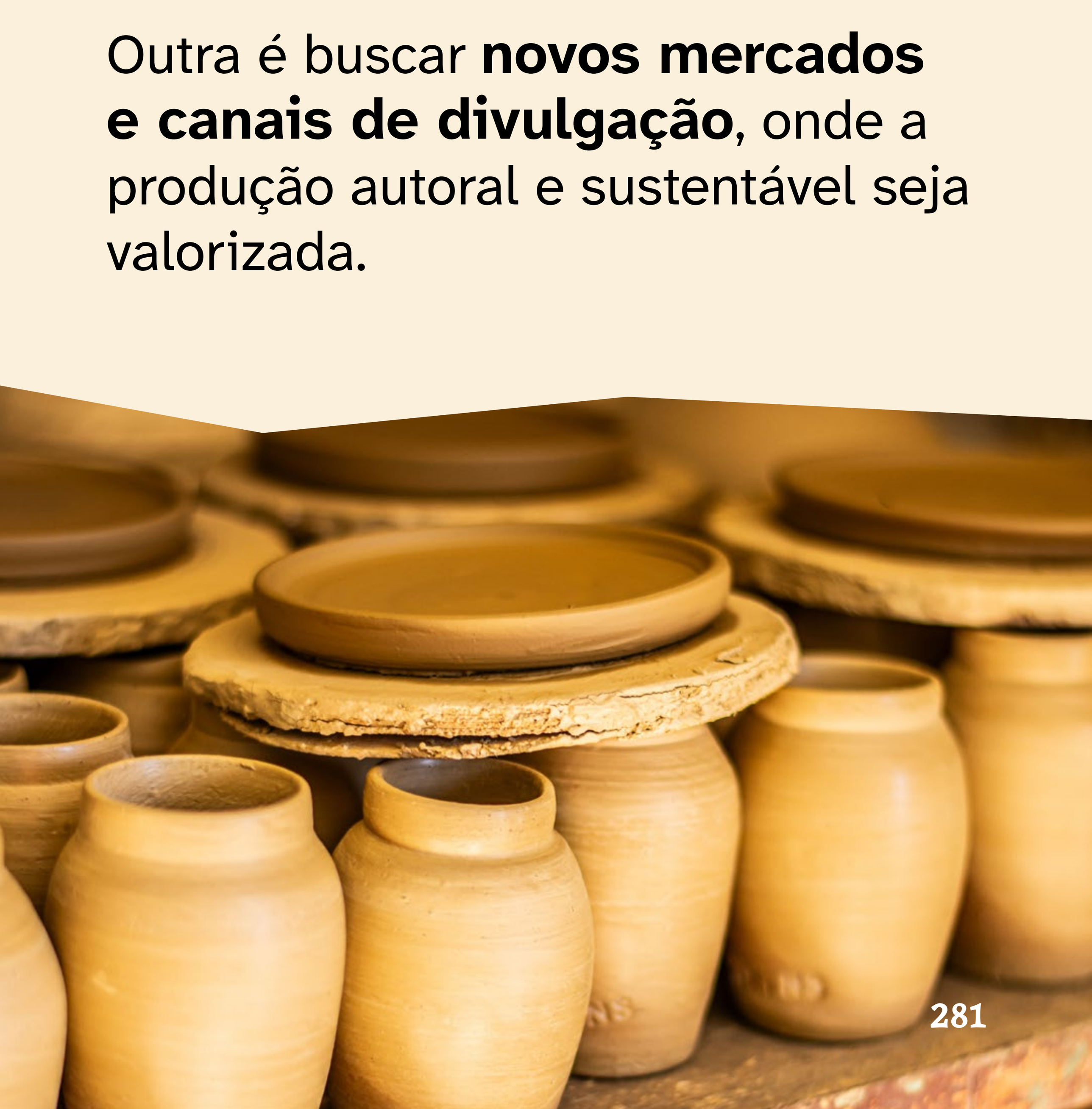
Valor e visibilidade



280

Mesmo assim, pode ser que nem todos estejam dispostos a pagar o preço justo. Uma estratégia possível é criar **linhas de produtos** com diferentes graus de complexidade, para atender a **públicos diversos**.

Outra é buscar **novos mercados e canais de divulgação**, onde a produção autoral e sustentável seja valorizada.





Essa **visibilidade** pode vir através de feiras, exposições, redes sociais, plataformas online, editais e publicações especializadas.
Ou ainda compartilhando seus conhecimentos em workshops e cursos - vamos falar mais sobre isso no W!

Para quem trabalha sozinho, também vale buscar parcerias, coletivos, lojas colaborativas e associações, que podem ampliar o seu **alcance e poder de negociação**, além de gerar **aprendizado e apoio mútuo**.

As escolhas de onde vender, com quem se associar e que tipo de público alcançar também fazem parte do seu **posicionamento**, e ajudam a criar condições para que o artesanato circular continue **prosperando** e **alcançando novos espaços**.



POR *EXEMPLO*

- Usar seu site ou redes sociais para mostrar etapas do processo, aproximando o público do trabalho e do tempo envolvido na produção.

- Criar etiquetas ou pequenos textos que expliquem o material, a técnica e as escolhas ligadas à circularidade da peça.

- Desenvolver diferentes linhas de produtos (mais simples ou mais elaboradas) para alcançar públicos diversos sem desvalorizar o trabalho.

- Vender em coletivos ou lojas colaborativas, dividindo custos e ampliando a visibilidade.

- Participar de feiras, exposições e eventos culturais, e buscar editais, publicações ou prêmios que reconheçam práticas sustentáveis.

CUIDADO

Diminuir o valor do seu trabalho pode até ajudar a vender no curto prazo, mas dificulta sustentar o ofício no longo prazo. Encontrar os públicos e espaços certos ajuda a construir **relações mais justas e duradouras**.

MÃO NA *MASSA*

- Você sabe quanto custa produzir cada peça? Já calculou o tempo de trabalho, materiais, deslocamentos e outros custos envolvidos?

- O preço que você pratica hoje cobre os custos e ainda gera renda suficiente para sustentar o seu trabalho e remunerar de forma justa outras pessoas na sua cadeia?

- Você comunica a origem dos materiais, a técnica utilizada e as escolhas ligadas à circularidade? Como poderia compartilhar melhor essas informações?

- Existe alguma rede ou associação que poderia ampliar a visibilidade do seu trabalho? Experimente conversar com agências de fomento ou pesquisar iniciativas na sua região.

- Onde o seu trabalho é visto e vendido hoje? Existem outros espaços ou públicos que valorizam esse tipo de produção?

Veja também:

H - Histórias que inspiram
J - Justiça e valorização social
O - Origem
P - Parceria

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!


WORKSHOPS,
CURSOS E
EVENTOS



Workshop, cursos e eventos

Produzir e vender objetos não é a única forma de gerar valor com o artesanato circular. **Ensinar o que você sabe** em workshops, cursos e eventos é uma ótima forma de **multiplicar conhecimentos e promover a circularidade** - além de criar novas possibilidades de **renda e visibilidade** para o seu trabalho.

Quando você ensina sua técnica,
abre seu ateliê para visitas
ou conduz uma oficina, está
compartilhando **o conhecimento,**
as histórias e o olhar por
trás dos seus produtos. Muitas
pessoas que participam passam
a reconhecer e acompanhar seu
trabalho, recomendar suas peças
ou voltar como clientes.





Essas experiências também ajudam a **manter saberes vivos** e a **despertar o interesse das novas gerações**. Oficinas em escolas, centros culturais, feiras ou comunidades ampliam o acesso à cultura e incentivam mais pessoas a experimentar e aprender tecnologias manuais.



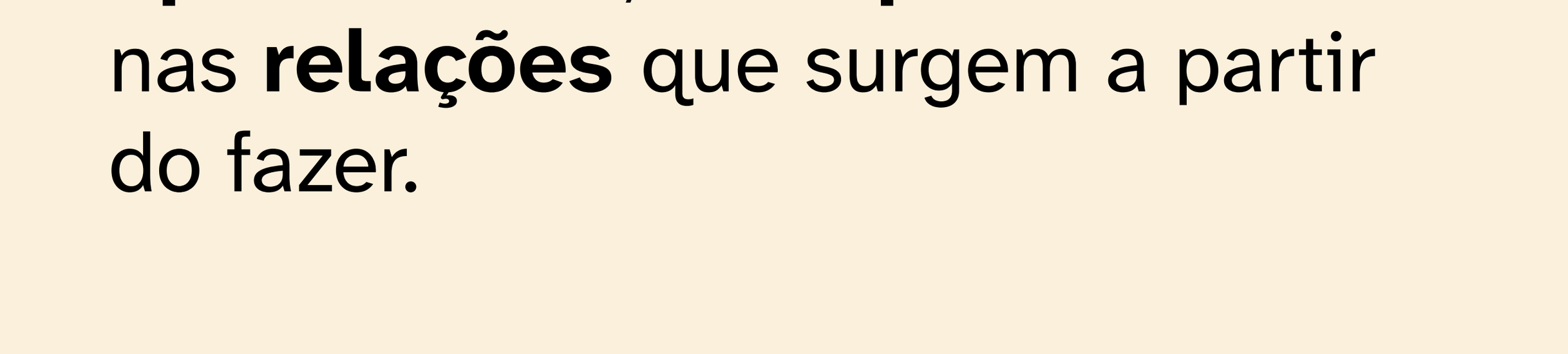


Além disso, ensinar sua técnica em cursos e workshops pode se tornar uma **fonte de renda** complementar - ou até a principal, dependendo da demanda. Muitas artesãs e artesãos têm tido sucesso com cursos presenciais ou online, que permitem alcançar pessoas de vários lugares.

Quer falar bonito? Alguns autores chamam isso de **“desmaterialização”**: quando se cria valor sem precisar extrair mais materiais nem produzir mais coisas.

A economia circular também estimula **novos modelos de negócio**, em que o cliente paga por um **serviço** (aluguel, assinatura, experiência) em vez de comprar um produto.

Compartilhar técnicas e conhecimentos amplia as possibilidades do seu trabalho e faz o valor circular também no **aprendizado**, na **experiência** e nas **relações** que surgem a partir do fazer.



POR *EXEMPLO*

- Oferecer oficinas de reaproveitamento de materiais que ensinam circularidade na prática - como iniciativas que trabalham com resíduos urbanos (Pernambuco/São Paulo, p. 358).

- Desenvolver cursos e workshops que ensinam técnicas e ampliam o alcance do trabalho artesanal, presencialmente ou online.

- Criar experiências no ateliê, como visitas ou vivências, aproximando o público do processo de criação.
- Engajar as novas gerações com oficinas, formações e processos criativos - como projetos educativos com reciclagem plástica em escolas e comunidades (Pernambuco, pg 373).

- Facilitar pequenas oficinas ou demonstrações em festivais, eventos culturais ou programas de turismo criativo que valorizam experiências ligadas ao território e à cultura local.



CUIDADO

Muitas técnicas artesanais têm uma história e uma origem coletiva. Ao compartilhar esse conhecimento, procure **reconhecer mestres, comunidades e referências** que ajudaram a mantê-lo vivo.

MÃO NA *MASSA*

- Existe alguma parte do seu processo que poderia ser ensinada em uma oficina simples ou em um curso mais aprofundado?

- Que tipo de público poderia se interessar por aprender essa técnica? Crianças, jovens, turistas ou outros artesãos?

- Em que lugares ou formatos você imagina que esse aprendizado poderia acontecer: feiras, escolas, centros culturais, cursos online ou encontros no seu ateliê?

- Se você fosse organizar uma oficina ou curso, que parte do processo as pessoas poderiam experimentar para terem resultados interessantes em pouco tempo?

Veja também:

H - Histórias que inspiram

P - Parcerias

T - Tradição e Transformação

V - Valor e visibilidade

Z - Zelar pelo futuro

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



XODÓ



Xodó
(e o "X" do problema)

Xodó é uma palavra de origem africana, consagrada na cultura brasileira como o **carinho ou afeto** que sentimos por alguém - ou por algo. E isso tem tudo a ver com o artesanato circular.

Diferente da produção industrial em série, no artesanato os materiais são beneficiados e cada peça é feita à mão, com **atenção, tempo e cuidado**. Esse xodó, por si só, ajuda a criar valor, e a dissolver a lógica que leva ao desperdício.





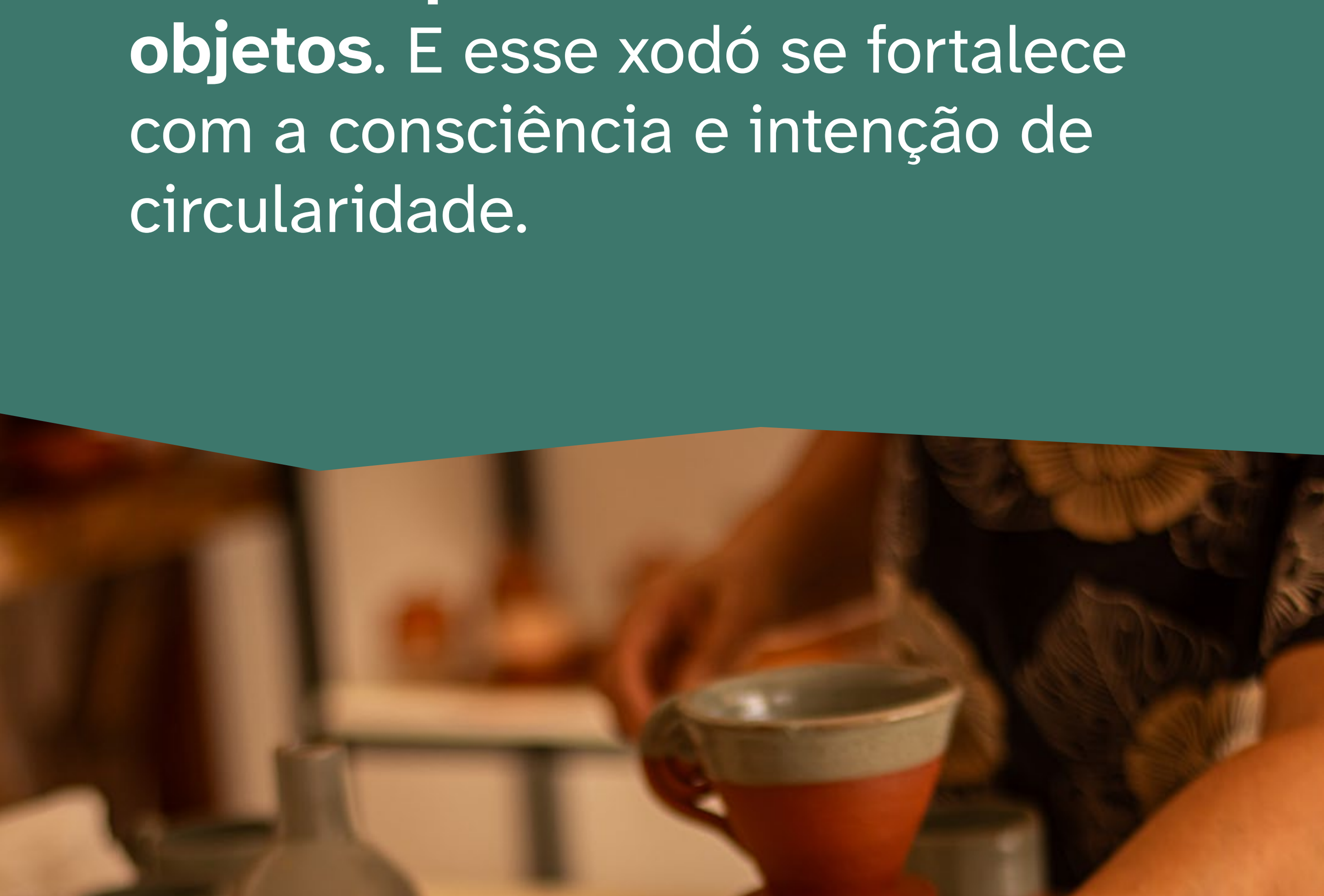
Como já vimos, o artesanato circular não é, nem pretende ser, uma solução para o problema dos resíduos. O **design regenerativo**, aliás, questiona a própria ideia de resolver problemas e propõe, em vez disso, **revelar potenciais** e **redesenhar sistemas**.

É assim que a economia circular muda o ponto de partida. Quando **materiais são entendidos como nutrientes** - no ciclo biológico ou no ciclo técnico - **a ideia de lixo perde o sentido**.

Em vez de um problema de resíduos para gerenciar, existe uma **riqueza de fluxos** para aproveitar. Um produto ou material só vira "problema" quando é desenhado de forma que seu valor se perde ou deixa de ser percebido.



O fazer manual cria e preserva valor justamente por esse **olhar próximo e cuidadoso**, que muda a forma como percebemos o que está nas nossas mãos – quase um **xodó pelos materiais e objetos**. E esse xodó se fortalece com a consciência e intenção de circularidade.





Assim, mesmo que não resolva o “problema”, o artesanato circular **revela potenciais e aponta caminhos** para essa grande transformação cultural. Em pequena escala, com criatividade e autonomia, é possível criar ciclos mais virtuosos, enraizados no **cuidado com os materiais**, e no **vínculo afetivo com os territórios e comunidades.**

POR *EXEMPLO*

- Histórias que revelam o tempo, cuidado e as escolhas por trás de uma peça, e reforçam o afeto e xodó que ela inspira.

- Resíduos ou materiais desvalorizados que acabam inspirando um novo produto ou técnica, revelando qualidades que antes passavam despercebidas.

- Processos em que o material orienta o design da peça, em vez de ser forçado a se adaptar a uma forma pré-definida.

- Projetos artesanais que aproximam produção, território e cultura, valorizando cadeias curtas e saberes locais.

CUIDADO

Você não precisa se cobrar para resolver um problema que não criou. O artesanato circular não substitui mudanças maiores nos sistemas produtivos, mas pode **revelar potenciais e inspirar novas formas de olhar para os materiais e seu valor.**

MÃO NA *MASSA*

- Que cuidados ou histórias fazem parte do processo de criação das suas peças? Como isso aparece no resultado final?



- Existe algum material no seu ateliê que você costuma tratar como sobra - ou rejeitar por variações de cor, textura ou forma? O que mudaria se você olhasse para ele com mais curiosidade ou carinho?

- Que materiais ou objetos do seu território costumam ser descartados ou desvalorizados? Eles poderiam ganhar uma nova vida no seu trabalho?

Veja também:

A - Artesanato circular

H - Histórias que inspiram

L - L.I.X.O.

R - Reuso, Reciclagem e Regeneração

U - *Upcycling* (Superciclagem)

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



YBY: O CHÃO QUE PISAMOS



Yby: o chão que pisamos

Yby é uma palavra de origem tupi-guarani que significa **terra, solo ou chão** - o chão que pisamos e onde criamos raízes. Falar de Yby é falar de **território**: do lugar, dos materiais, das culturas e das relações que sustentam nosso trabalho.

No artesanato circular, usar **materiais abundantes no território** como matéria-prima é uma ótima escolha.

Além de fortalecer economias locais, reduzir custos de transporte e aumentar a autonomia e previsibilidade do fornecimento, o uso de insumos do território também traz mais camadas de **referência, vínculo e significado** para o trabalho.

Essa conexão também funciona no caminho inverso. O artesanato circular pode **fortalecer os territórios** - gerando renda, articulando redes, preservando conhecimentos locais, e criando novos significados e valores a partir de materiais que antes eram ignorados ou descartados.





Mesmo em contextos urbanos, essa relação continua existindo: **a cidade também é território**. Nos bairros, ruas e quebradas existem memórias, relações, fluxos e paisagens que influenciam o trabalho - além de uma abundância de resíduos, descartes e materiais dos mais variados tipos, que podem se tornar matéria-prima e inspiração para novos ciclos criativos.

Trabalhar em **conexão com os espaços e contextos que habitamos** fortalece a os territórios e comunidades, ao mesmo tempo que **contribui para um movimento maior** de transformação.

O artesanato circular também se constrói assim: com a mão na massa, os pés no chão e os olhos no futuro.



POR *EXEMPLO*

- Trabalhar com fibras e outros materiais biológicos abundantes no território, manejados de forma sustentável - como o capim dourado (Tocantins, pg 346) ou o buriti (Maranhão, pg 343).

- Valorizar materiais urbanos locais - como este artesão que mora do lado de uma pista de skate e cria óculos com shapes (pranchas) descartados (Paraná, pg 382).

- Desenvolver peças que expressem histórias, paisagens ou materiais característicos da sua região - como artesã que cria esculturas com madeiras flutuantes (Piauí, pg 361) e grupo que faz jóias com conchas de mariscos (Pernambuco, pg 352).

- Transformar um resíduo local em oportunidade de geração de renda e educação ambiental - como este projeto coletivo de transformação de vidros descartados (Paraná, pg 388).

CUIDADO

Alguns materiais locais só são abundantes - e continuam abundantes - em certas condições, e seu uso precisa de **cuidados** para fortalecer, e não sobrecarregar, o território. Isso significa, principalmente, observar o **tempo de regeneração e manejo sustentável** de materiais biológicos, e também observar os **fluxos e disponibilidade** de materiais técnicos, para garantir seu fornecimento.

MÃO NA *MASSA*

- Como o lugar onde você vive aparece nas suas peças, processos ou escolhas de materiais?

- Algum material que você usa vem de longe? Ele poderia ser substituído por uma alternativa local?

- Que materiais do seu território são abundantes, significativos ou pouco valorizados?

- De que forma o seu fazer contribui para o território onde você vive?

- Passe uma semana observando o chão que você pisa, ou os espaços em que você circula, com abertura e curiosidade – sem buscar alguma coisa específica, mas com a intenção de perceber coisas novas, ou se conectar de forma mais profunda com alguma parte do território. Veja o que você descobre!

Veja também:

E - Escolha de materiais

K - Kaá: natureza como fonte e inspiração

S - Saberes ancestrais

P - Parcerias e colaboração

X - Xodó

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para a próxima letra!



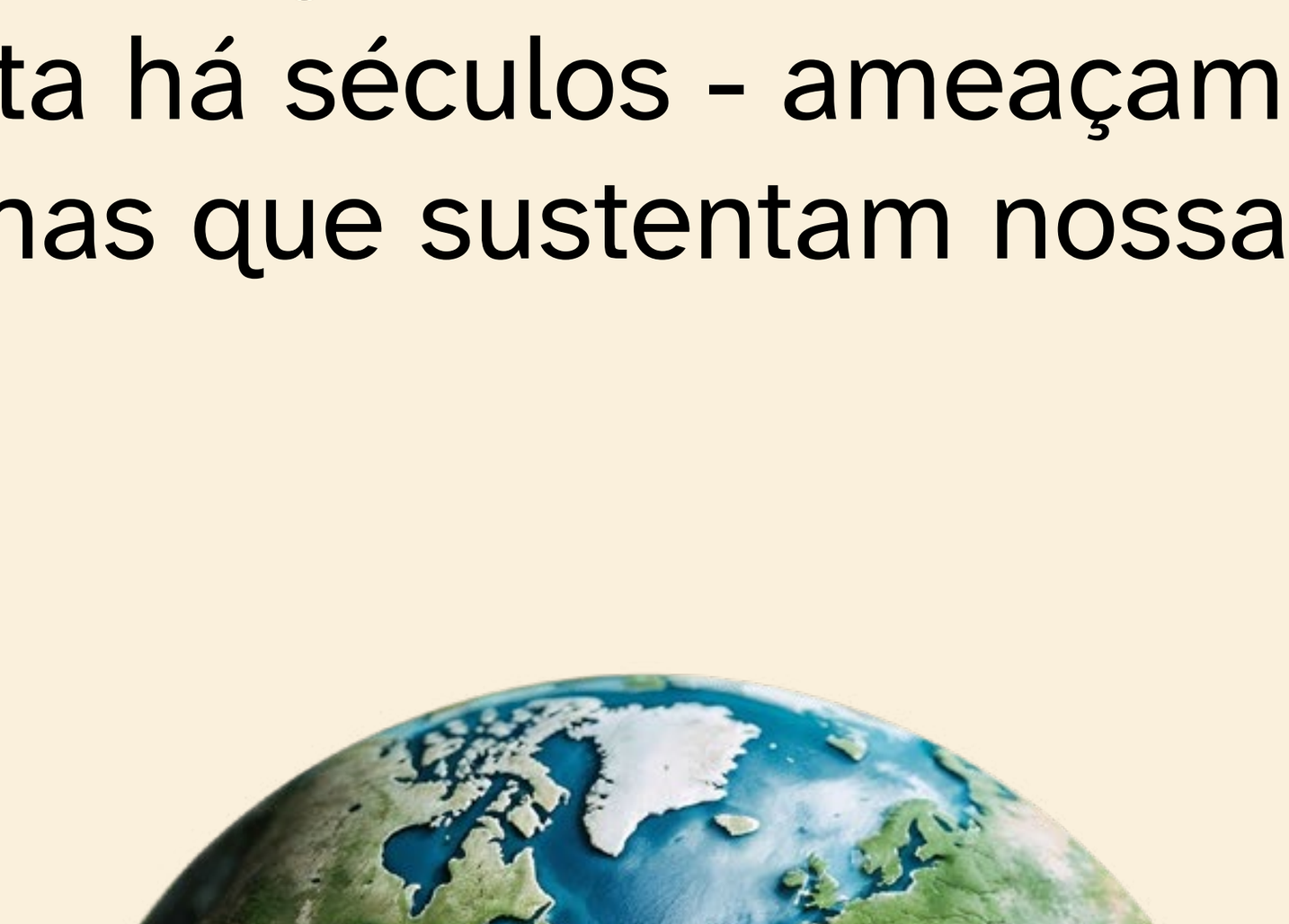
ZELAR PELO FUTURO



Zelar pelo futuro

Como vimos ao longo deste ABC, o artesanato circular se enraíza no **cuidado com os materiais**, na **preservação de conhecimentos ancestrais** e no **vínculo com territórios e comunidades**. Essas também são formas de **zelar pelo futuro** da nossa espécie - e de todas as outras.

A humanidade está atravessando um grande **desafio coletivo**. Mudanças climáticas, poluição e esgotamento de recursos - gerados por sistemas produtivos predatórios e lineares que vêm colonizando o planeta há séculos - ameaçam os sistemas que sustentam nossas vidas.



Mas a consciência sobre a **necessidade de transformação** também nunca foi tão grande. Em vários países, pessoas de diferentes setores se unem em um esforço comum para “adiar o fim do mundo”* e **imaginar formas mais sustentáveis, bonitas e possíveis de organizar nossa existência**.

A economia circular faz parte desse movimento: olhar o presente pensando também em quem vem depois.

*nota: "Ideias para adiar o fim do mundo" é o título de um livro de Ailton Krenak.

O **artesanato** tem uma força especial nesse caminho. Por trabalhar em **pequena escala**, com **proximidade** entre quem faz, quem usa, e os materiais e territórios envolvidos, ele permite experimentar práticas mais cuidadosas e regenerativas.





No **artesanato circular**, esse zelo aparece nas **escolhas** do dia a dia: nos materiais, nos processos, nas relações e nos produtos que colocamos no mundo. Cada peça carrega **tempo, responsabilidade e intenção**. Quando esse cuidado se multiplica, ajuda a abrir caminhos para uma economia mais circular, mais justa e mais viva.

O futuro também se constrói com as mãos - e começa nas escolhas que fazemos agora.

POR *EXEMPLO*

- Escolher materiais que possam circular no ciclo biológico ou técnico, e que respeitem a saúde das pessoas e dos ecossistemas.

- Criar peças pensadas para durar, ser reparadas ou circular entre várias pessoas ao longo do tempo.

- Transmitir técnicas e conhecimentos para as novas gerações: aprendizes, filhos, pessoas da comunidade ou alunos presenciais e online.
- Valorizar materiais e conhecimentos do território, fortalecendo economias locais e relações justas de trabalho.
- Reduzir desperdícios e manter valor em circulação pensando no “depois” de cada peça: manutenção, reuso, transformação ou retorno seguro à natureza.

CUIDADO

Zelar pelo futuro significa cuidar das condições de trabalho, dos materiais e dos territórios hoje. A circularidade envolve o **destino dos produtos** e também a **qualidade das relações** que sustentam o fazer.

MÃO NA *MASSA*

- Que escolhas do seu processo de trabalho hoje ajudam a construir o futuro que você gostaria de ver?

- Existe algum material, prática ou hábito no seu ateliê que poderia ser transformado para gerar menos desperdício ou mais valor?

- Que conhecimentos, técnicas ou experiências você gostaria de transmitir para as próximas gerações?

- Como o seu trabalho pode fortalecer o território onde você vive - seja na floresta, no campo ou na cidade?

- Se você imaginar seu trabalho daqui a 10 ou 20 anos, que mudanças gostaria de ter colocado em prática?

Veja também:

A - Artesanato circular

B - Benefícios

C - Ciclos

T - Tradição e Transformação

Y - Yby: o chão que pisamos

Você pode voltar para o índice **clicando aqui**, ou seguir para conhecer experiências inspiradoras no Brasil.

EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS

Os exemplos a seguir mostram como diferentes artesãs, artesãos e iniciativas no Brasil já colocam em prática princípios do artesanato circular, **conectando materiais, território, criatividade e geração de valor**. Cada experiência revela caminhos possíveis para manter materiais em circulação e fortalecer os contextos culturais e sociais em que o artesanato acontece.

Os casos estão organizados em ordem alfabética pelo material principal utilizado e apresentam o projeto, o local, o ciclo do material (biológico ou técnico) e um breve texto contextualizando cada experiência.



BURITI (fibra)

GRUPO
Associação dos Artesãos de Santa Maria

LOCAL
Comunidade Quilombola Santa Maria,
Alcântara (MA)

CICLO
Biológico



Na comunidade quilombola de Santa Maria, em Alcântara (MA), a fibra de buriti é a base de uma tradição de tecelagem transmitida entre gerações. A partir dela, artesãs produzem bolsas, sacolas, esteiras e tapetes.

O trabalho envolve a escolha das partes mais finas e macias da palha, o preparo manual da fibra e

o tingimento com corantes naturais, resultando em peças delicadas que carregam a identidade e os conhecimentos do território.

Conduzido principalmente por mulheres, organizadas na Associação dos Artesãos de Santa Maria, esse trabalho se tornou uma importante fonte de renda para o povoado.

A organização coletiva fortalece a cadeia produtiva local, amplia o acesso ao mercado e mantém vivos os conhecimentos tradicionais sobre o manejo da fibra e a tecelagem.





CAPIM DOURADO

GRUPO
Quilombo Mumbuca

LOCAL
Mateiros, Jalapão (TO)

CICLO
Biológico



A comunidade quilombola da Mumbuca, no Jalapão, é conhecida pela produção artesanal com capim-dourado, uma planta da família das sempre-vivas que cresce nas veredas da região.

A técnica foi ensinada pelos povos indígenas Xerente e é transmitida de geração em geração, principalmente entre mulheres artesãs, que transformam o material em bolsas, cestos, cintos e adornos.

A coleta é feita manualmente e segue um calendário específico, entre 20 de setembro e 20 de novembro, quando a planta já liberou suas sementes.

Esse manejo ajuda a garantir a regeneração natural do capim-dourado, mantendo a relação entre artesanato, tradição, conservação das veredas e geração de renda para as comunidades locais.





CERÂMICA

PROJETO

Cerâmica do Cabo /
Laboratório O Imaginário (UFPE)

LOCAL

Cabo de Santo Agostinho (PE)

CICLO

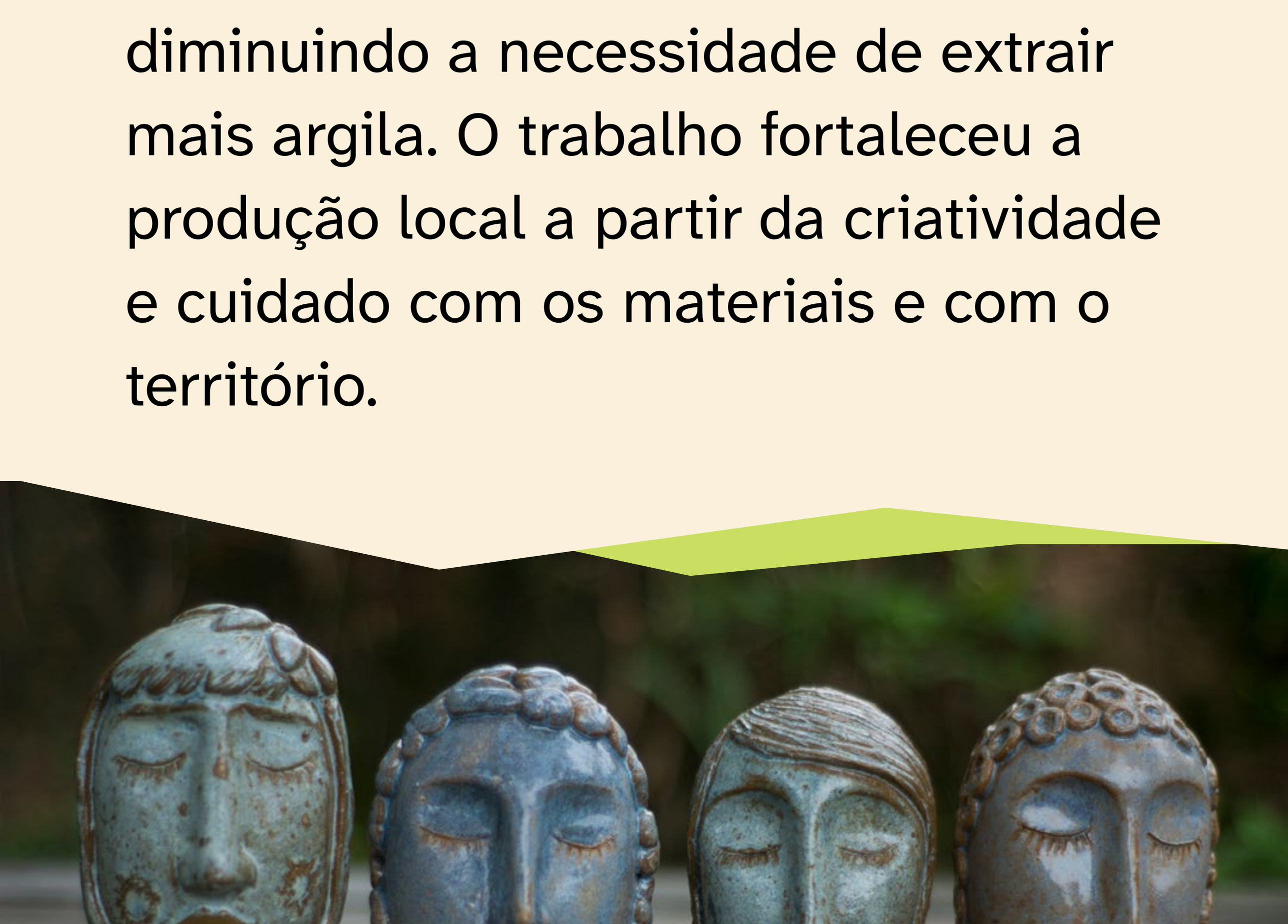
Técnico



No Cabo de Santo Agostinho (PE), ceramistas vêm transformando práticas tradicionais em diálogo com o Laboratório O Imaginário, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A parceria uniu conhecimentos tradicionais e pesquisa em design para melhorar processos de produção e reduzir impactos ambientais.

Foram realizados estudos sobre a argila da região, testes com esmaltes sem chumbo, alternativas à vitrificação com zarcão e adaptações nos fornos para reduzir emissões e evitar a queima de madeira nativa.

Também foram desenvolvidas massas cerâmicas com resíduos industriais, diminuindo a necessidade de extrair mais argila. O trabalho fortaleceu a produção local a partir da criatividade e cuidado com os materiais e com o território.





CONCHAS

PROJETO

Marisqueiras Quilombolas

LOCAL

Quilombo de São Lourenço, Goiana (PE)

CICLO

Biológico

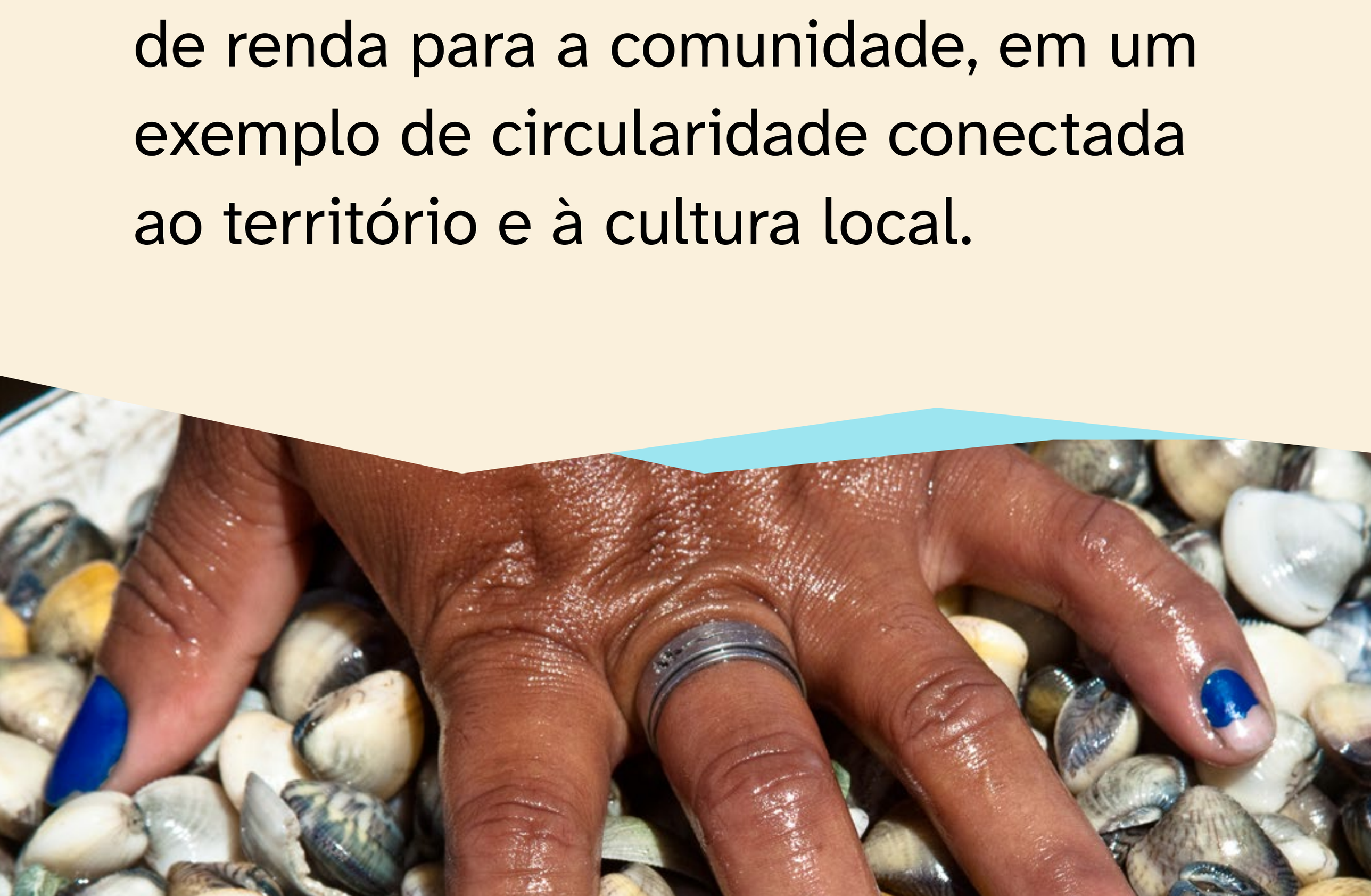


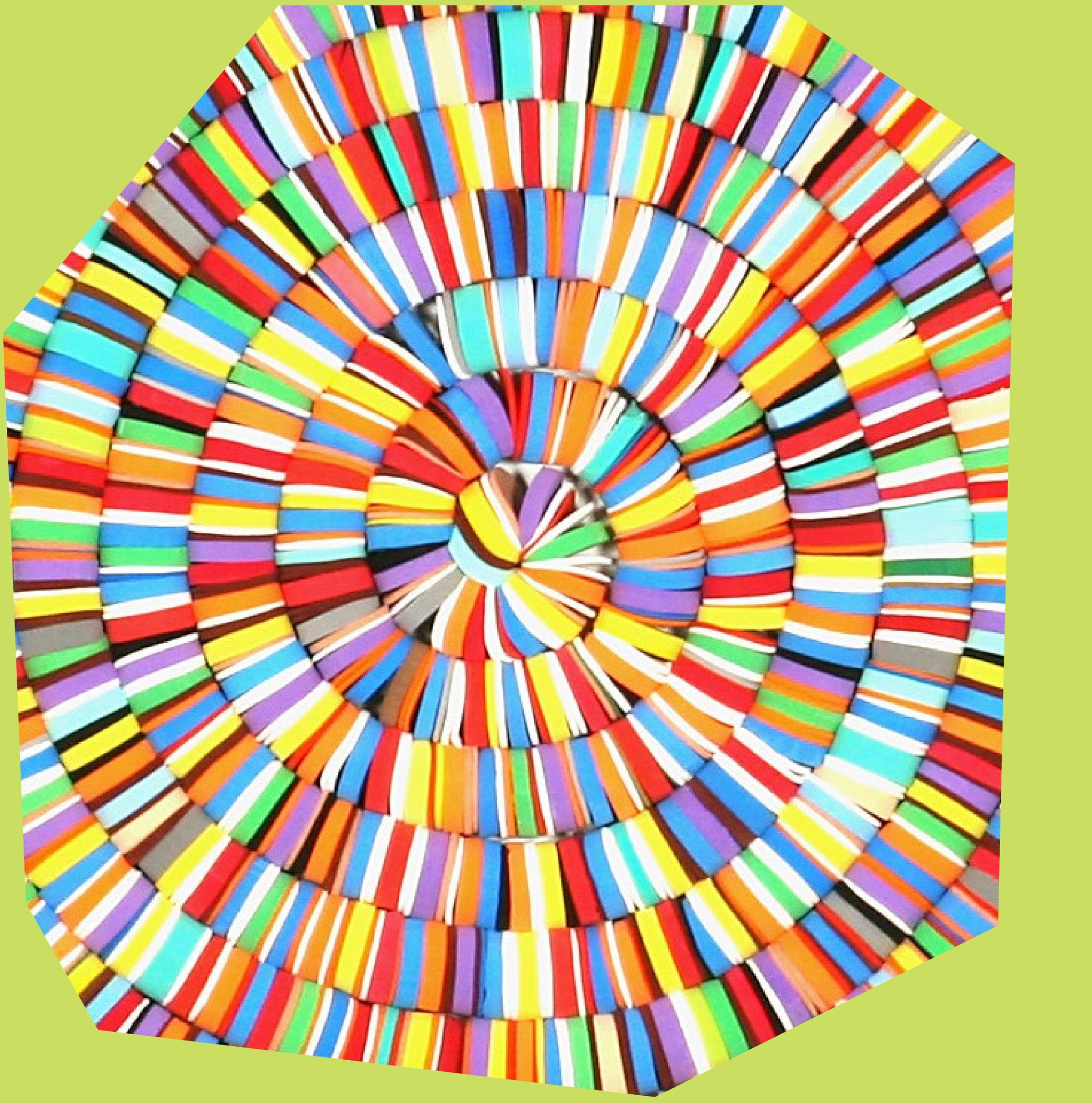
O projeto Marisqueiras Quilombolas, desenvolvido em parceria com o Laboratório O Imaginário da UFPE, partiu de um resíduo comum na cadeia local da pesca: as conchas de marisco.

Em vez de serem descartadas depois da coleta, elas passam a ser usadas como matéria-prima para o artesanato, conectando o fazer manual ao território e aos conhecimentos da comunidade.

As conchas são unidas a fios usando técnicas têxteis tradicionais, dando forma a colares e outros adornos que carregam a paisagem e a cultura da região costeira.

O projeto ajuda a reduzir o descarte na faixa litorânea e cria novas formas de renda para a comunidade, em um exemplo de circularidade conectada ao território e à cultura local.





E.V.A

PROJETO

Desespirais - Carla Tennenbaum

LOCAL

São Paulo / São Luiz do Paraitinga (SP)

CICLO

Técnico

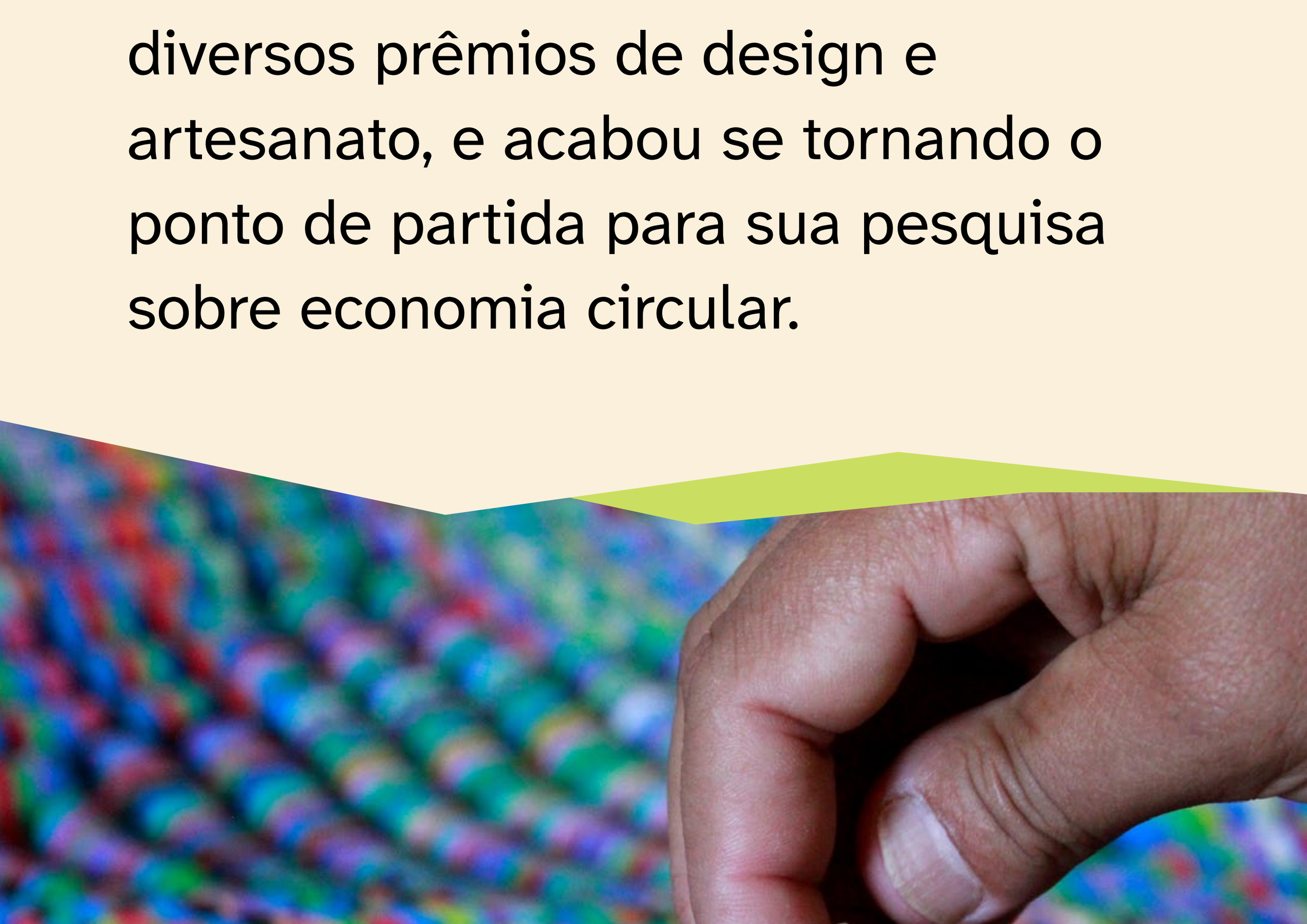


O projeto Desespirais foi desenvolvido por Carla Tennenbaum, a partir de um processo criativo com resíduos de E.V.A. (Etil-Vinil-Acetato) - um material não-reciclável cujo corte gera sobras volumosas, normalmente descartadas em lixões ou aterros.

Carla corta esses resíduos em pedaços menores, utilizados como módulos de cor para criar peças decorativas de grande impacto visual.

No começo, a moldagem era feita com arame e cola. Com o tempo, foram desenvolvidos sistemas originais de encaixe que permitem desmontar, consertar e transformar as peças.

O trabalho foi reconhecido por diversos prêmios de design e artesanato, e acabou se tornando o ponto de partida para sua pesquisa sobre economia circular.







LONA e PET

PROJETO

Lixiki - Ana Borba

LOCAL

Recife (PE) e São Paulo (SP)

CICLO

Técnico



Iniciada pela designer Ana Borba, a Lixiki surgiu a partir de uma inquietação com o volume de resíduos produzidos nas cidades.

A iniciativa começou com cenografia urbana em eventos públicos no Recife, como o Natal de 2011, que envolveu a transformação artesanal de 70 mil garrafas PET e gerou renda para cerca de 150 pessoas.

Com o projeto NOSSALONA, a Lixiki passou a produzir bolsas, estojos e nécessaires com lona de banners, material não-reciclável que normalmente acaba em lixões ou aterros.

Hoje a empresa também oferece serviços como oficinas de reutilização de materiais e jogos educativos sobre sustentabilidade e ESG, ampliando a circularidade para além dos produtos.





MADEIRA

PROJETO
Barraca da Nêda - Nêda Lopes

LOCAL
Cajueiro da Praia (PI)

CICLO
Biológico

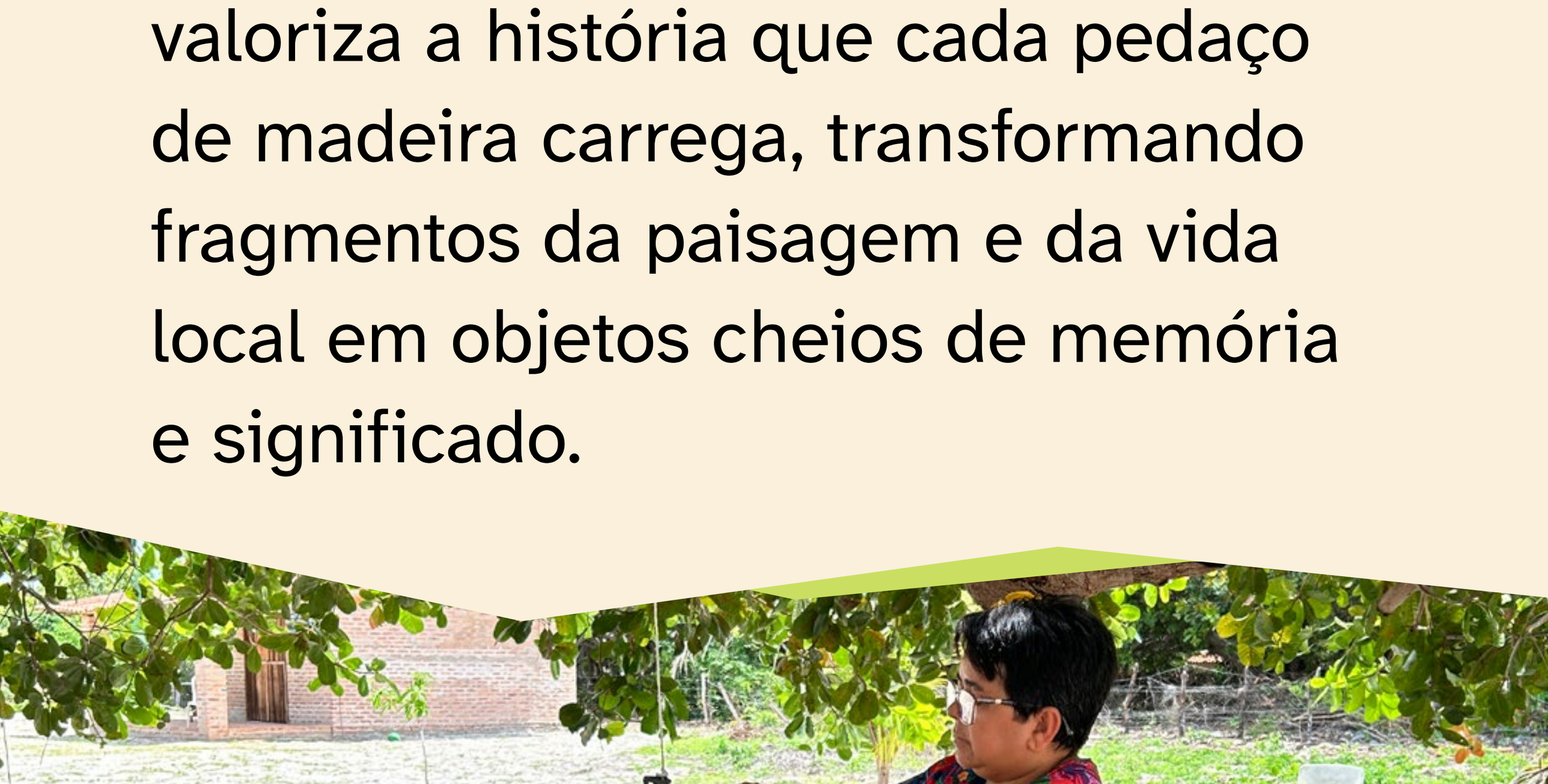


No litoral do Piauí, Nêda Lopes transforma madeira reaproveitada em esculturas conhecidas como “vilinhas”, pequenas representações da comunidade de pescadores onde vive.

A matéria-prima vem de sobras de marcenaria, tábuas de canoas antigas e pedaços de madeira flutuante

marcados pela ação da maré, do vento e do tempo. Muitos desses materiais antes eram queimados ou descartados.

As vilinhas retratam elementos do cotidiano da comunidade, como roças, cercas, poços, varais e cajueiros com balanços. Além de reaproveitar a matéria-prima, Nêda valoriza a história que cada pedaço de madeira carrega, transformando fragmentos da paisagem e da vida local em objetos cheios de memória e significado.







MIRITI
(biocompensado)

PROJETO

Miriti Conceito em Sustentabilidade - Mestre Joel Cordeiro

LOCAL

Abaetetuba (PA)

CICLO

Biológico



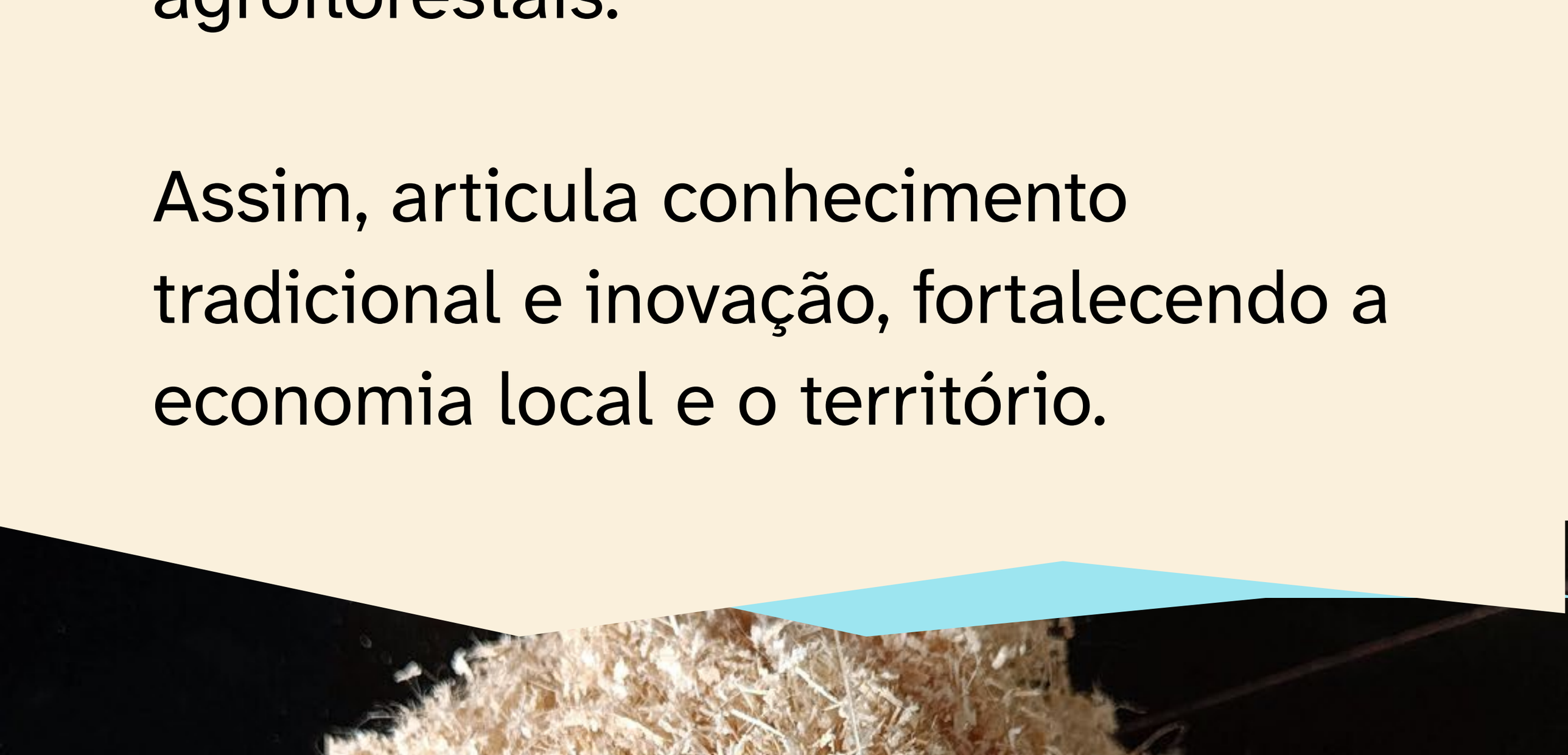
Fundado por Mestre Joel Cordeiro, o Miriti Conceito em Sustentabilidade trabalha com a palmeira miriti, também conhecida em outras regiões como buriti.

A partir do pecíolo da planta, coletado sem cortar a palmeira-mãe, Joel desenvolve o biocompensado de miriti, uma chapa leve e resistente usada na criação de embalagens biodegradáveis, objetos utilitários e móveis, incluindo parcerias com a Guá Arquitetura.

No processo, nada se perde: as sobras são transformadas por uma parceira local em papel artesanal de miriti.

O projeto também ampliou a renda das famílias extrativistas em cerca de 500% ao longo de uma década, valorizando o manejo do miriti e incentivando seu cultivo em sistemas agroflorestais.

Assim, articula conhecimento tradicional e inovação, fortalecendo a economia local e o território.





PAPELÃO

PROJETO
Domingos Tótora

LOCAL
Maria da Fé (MG)

CICLO
Biológico



Nascido e criado em Maria da Fé, na Serra da Mantiqueira (MG), Domingos Tótora desenvolve um trabalho que transita entre arte, design e artesanato a partir de papelão descartado.

Ao perceber a grande quantidade desse material sendo jogada fora pelos supermercados da cidade,

passou a usá-lo como matéria-prima. O papelão é triturado e transformado em uma polpa moldada à mão para criar vasos, fruteiras, centros de mesa e peças de mobiliário.

A produção envolve artesãos da comunidade, e as formas e texturas remetem a elementos da natureza como terra, pedras e cascas de árvores. O trabalho mostra como um material industrial pode continuar em circulação, gerando renda local e novos significados para o que antes era descartado.





PLÁSTICO PET (feltro)

PROJETO

Pêra Peralta - Carla Pereira

LOCAL

Barra do Choça (BA)

CICLO

Técnico

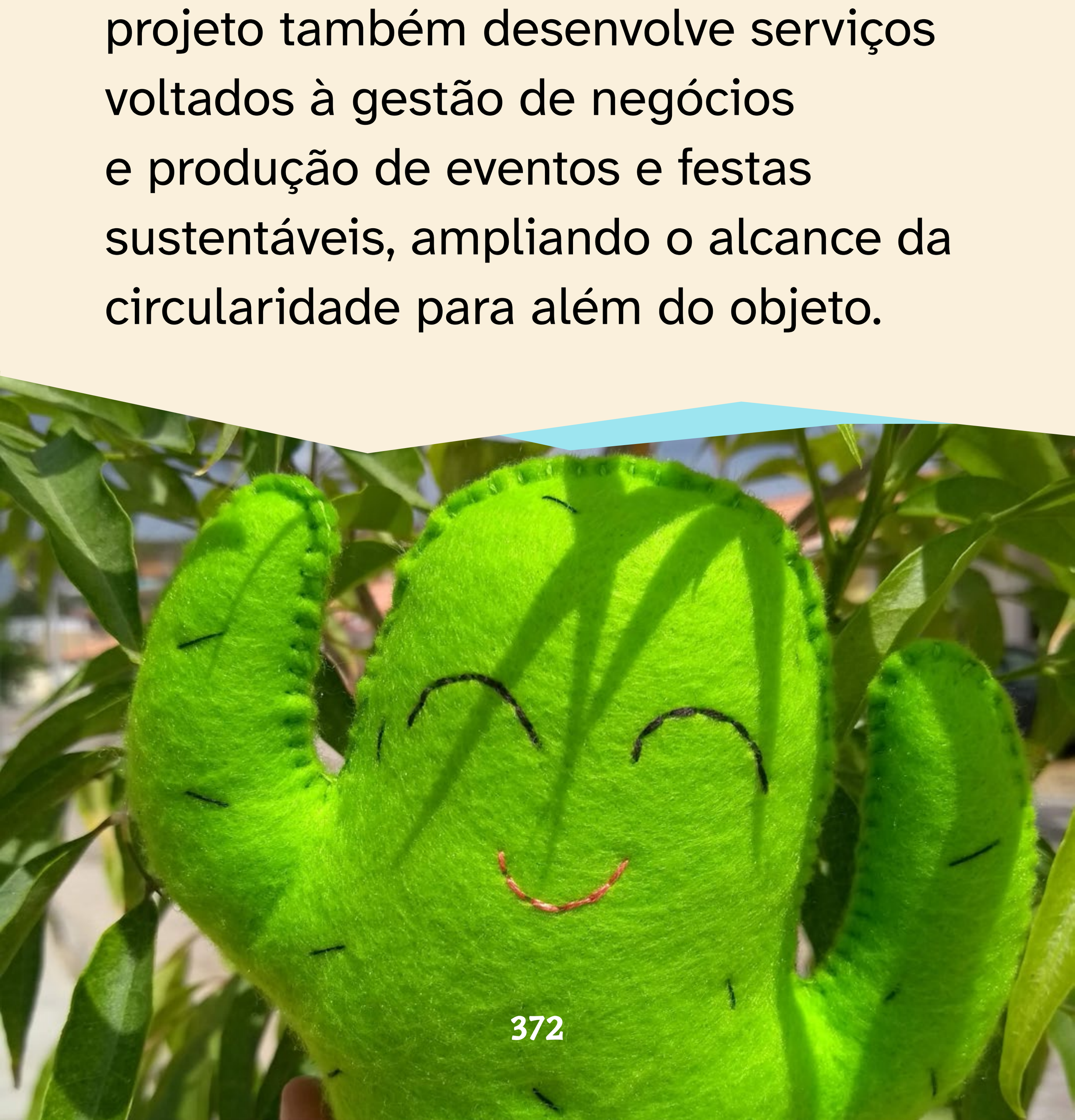


A Pêra Peralta foi criada por Carla Pereira, artesã e bióloga que une consciência ambiental e prática artesanal.

Ela trabalha com feltro produzido a partir de PET reciclado, transformado em brinquedos e acessórios que promovem educação e práticas sustentáveis.

Os princípios da economia circular orientam tanto o processo de criação quanto a escolha dos materiais e acabamentos, buscando coerência entre a função do produto e matérias-primas do ciclo técnico.

Além da produção artesanal, o projeto também desenvolve serviços voltados à gestão de negócios
e produção de eventos e festas sustentáveis, ampliando o alcance da circularidade para além do objeto.





PLÁSTICO PP/PEAD

PROJETO

Laboratório Cirandar (Casa Criatura) - Isac Filho e Juliana Rabello

LOCAL

Olinda (PE)

CICLO

Técnico



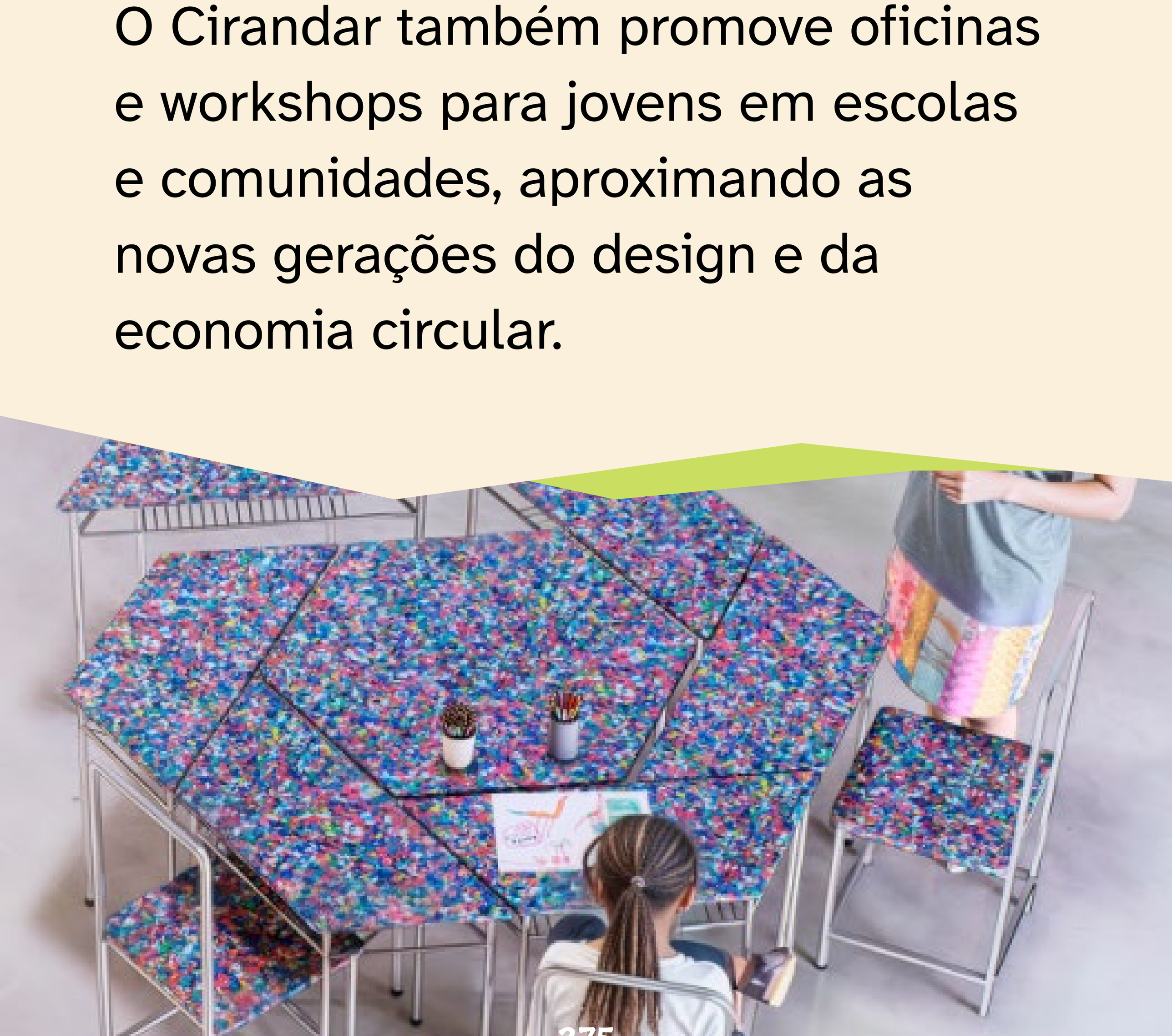
O Laboratório Cirandar é um projeto da Casa Criatura, idealizada por Isac Filho e Juliana Rabello, que une design, educação e reaproveitamento de materiais.

A iniciativa coleta resíduos plásticos (especialmente tampas de garrafa) doados pela comunidade ou por cooperativas parceiras. Depois de

limpos e triturados, esses materiais são fundidos e transformados em chapas resistentes e multicoloridas.

A partir dessas chapas, o laboratório desenvolve mobiliário urbano e objetos utilitários que retornam à comunidade com novos usos.

O Cirandar também promove oficinas e workshops para jovens em escolas e comunidades, aproximando as novas gerações do design e da economia circular.





REDES DE PESCA (nylon/poliamida)

PROJETO
Marulho

LOCAL
Comunidade de Matariz, Ilha Grande (RJ)

CICLO
Técnico

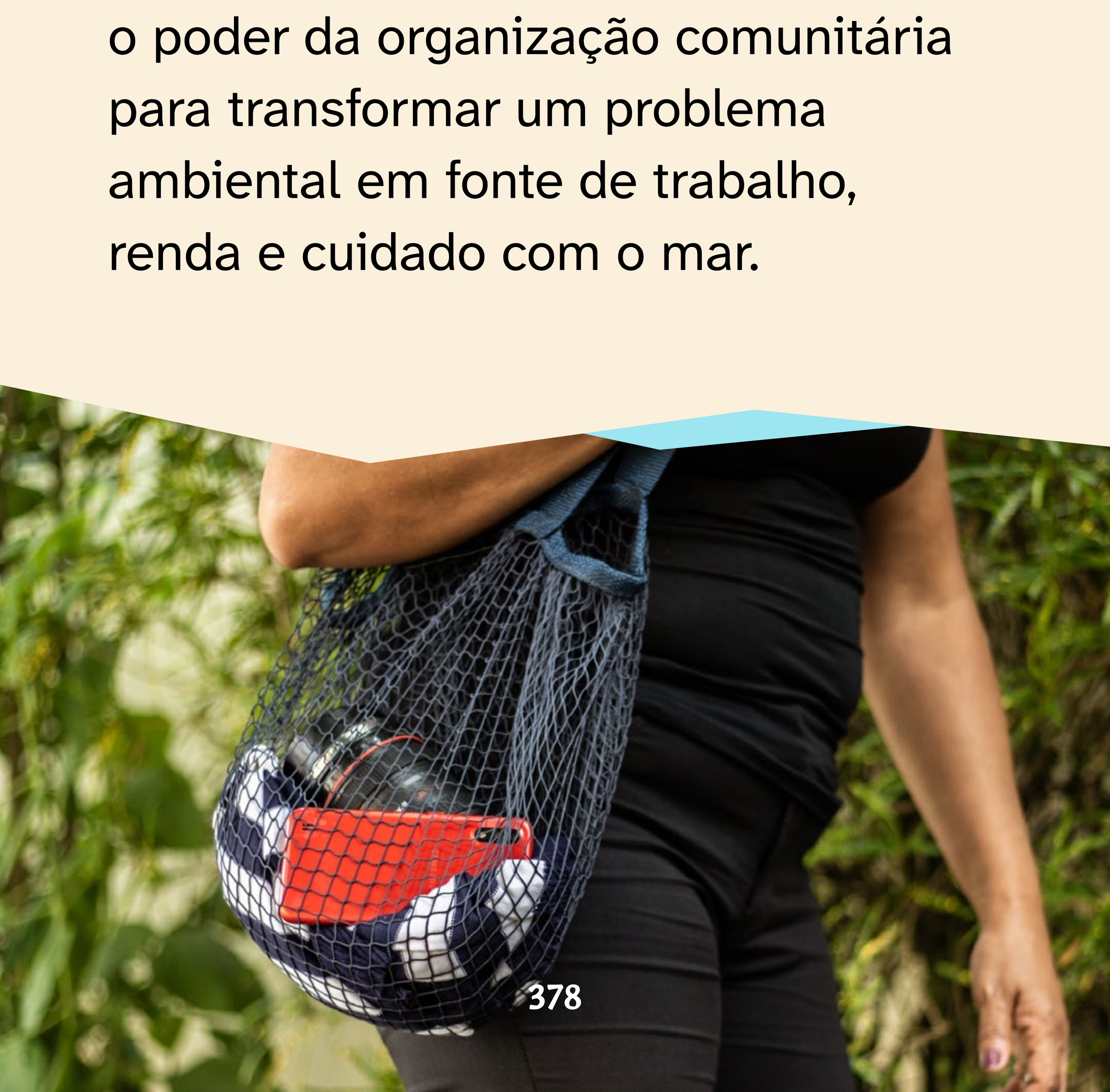


A Marulho foi criada pelos oceanógrafos Bia Mattiuzo e Lucas Gonçalvez para mitigar os impactos negativos do acúmulo de redes de pesca descartadas no oceano.

Em parceria com pescadores e moradores locais, as redes são retiradas do mar e transformadas em matéria-prima para novos produtos, como sacolas e fruteiras suspensas.

Desde 2019, mais de 10 toneladas de redes já foram coletadas, gerando renda extra para a comunidade e impactando centenas de pessoas.

Reconhecida como ação da Década do Oceano e integrante da Ghost Gear Initiative, a Marulho demonstra o poder da organização comunitária para transformar um problema ambiental em fonte de trabalho, renda e cuidado com o mar.





SEMENTES E MADEIRA DE PUPUNHA

PROJETO

Encantos da Floresta -
Maria do Socorro Souza

LOCAL

Porto Acre (AC)

CICLO

Biológico



Maria do Socorro Souza é uma mestra artesã que trabalha com materiais da floresta, como a madeira da pupunha, aproveitada após o manejo do palmito, e sementes amazônicas como jarina, açaí e puxuri.

A partir desses elementos, cria biojoias e objetos que combinam conhecimento tradicional, experimentação e respeito pelos ciclos naturais.

No processo, tudo é aproveitado: as peças recebem acabamento com cera de abelha e carnaúba, enquanto as sobras retornam ao solo como adubo.

O trabalho mostra como o artesanato pode gerar renda, valorizar a floresta e manter vivos os saberes que ela abriga.



SHAPES DE SKATE

PROJETO
Concave - Beto Pimenta

LOCAL
Curitiba (PR)

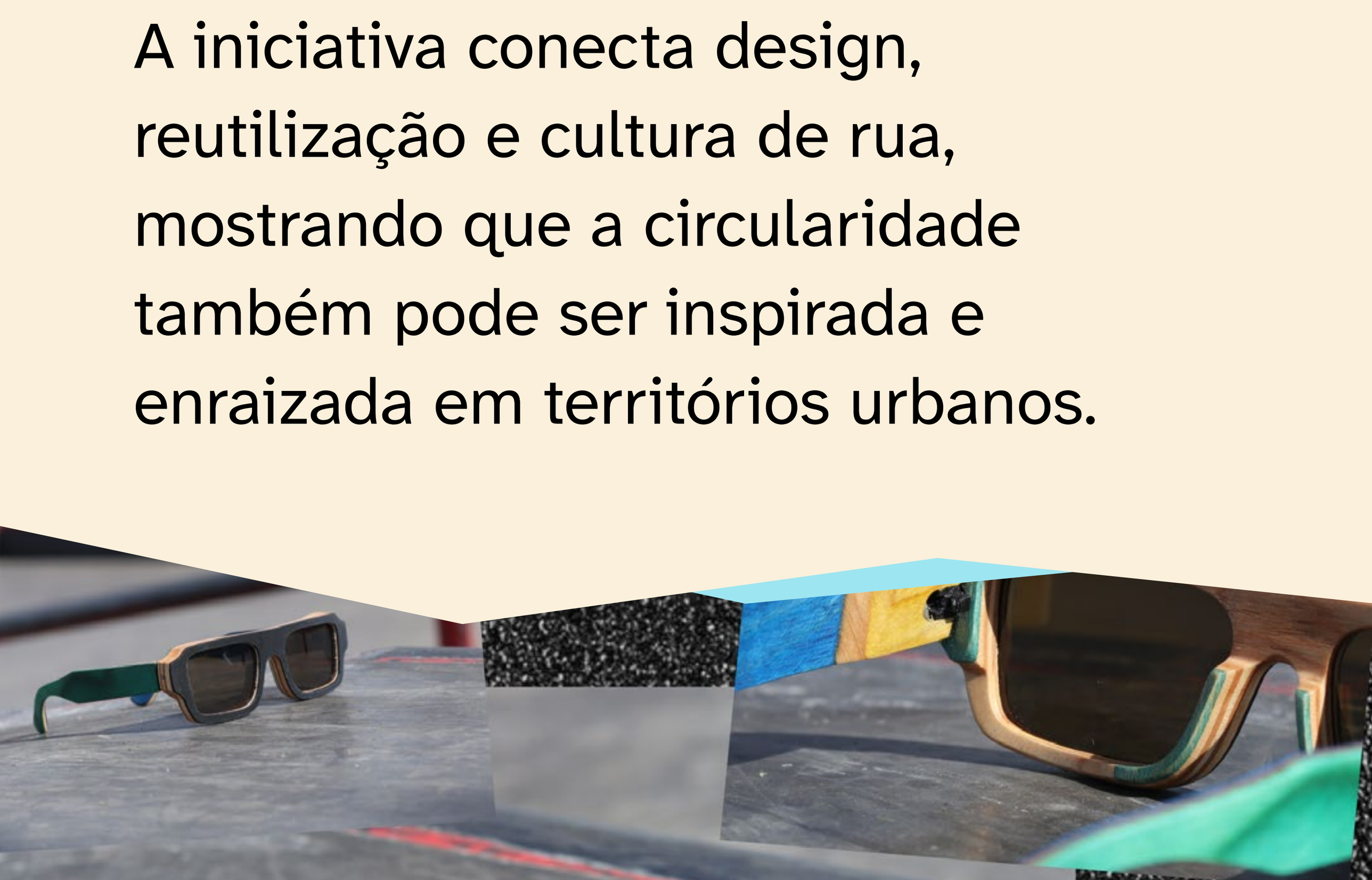
CICLO
Técnico



A Concave foi criada por Beto Pimenta a partir do reaproveitamento de *shapes* de skate descartados. Morando perto de uma pista de skate e convivendo com essa cultura urbana, Beto começou a observar o descarte de pranchas quebradas ou desgastadas. Curioso com esse material cheio de marcas e cores, passou a experimentar cortes, lixamentos e encaixes, até chegar às primeiras armações de óculos.

O projeto mostra como um resíduo urbano que dificilmente seria reaproveitado em outras cadeias produtivas pode ganhar valor a partir de uma intervenção criativa. Os *shapes*, formados por lâminas prensadas de madeira, são transformados em óculos, acessórios, biojoias e até peças de mobiliário.

A iniciativa conecta design, reutilização e cultura de rua, mostrando que a circularidade também pode ser inspirada e enraizada em territórios urbanos.



TUCUM e TINTURAS VEGETAIS

PROJETO
Uirapuru

LOCAL
São Gabriel da Cachoeira (AM)

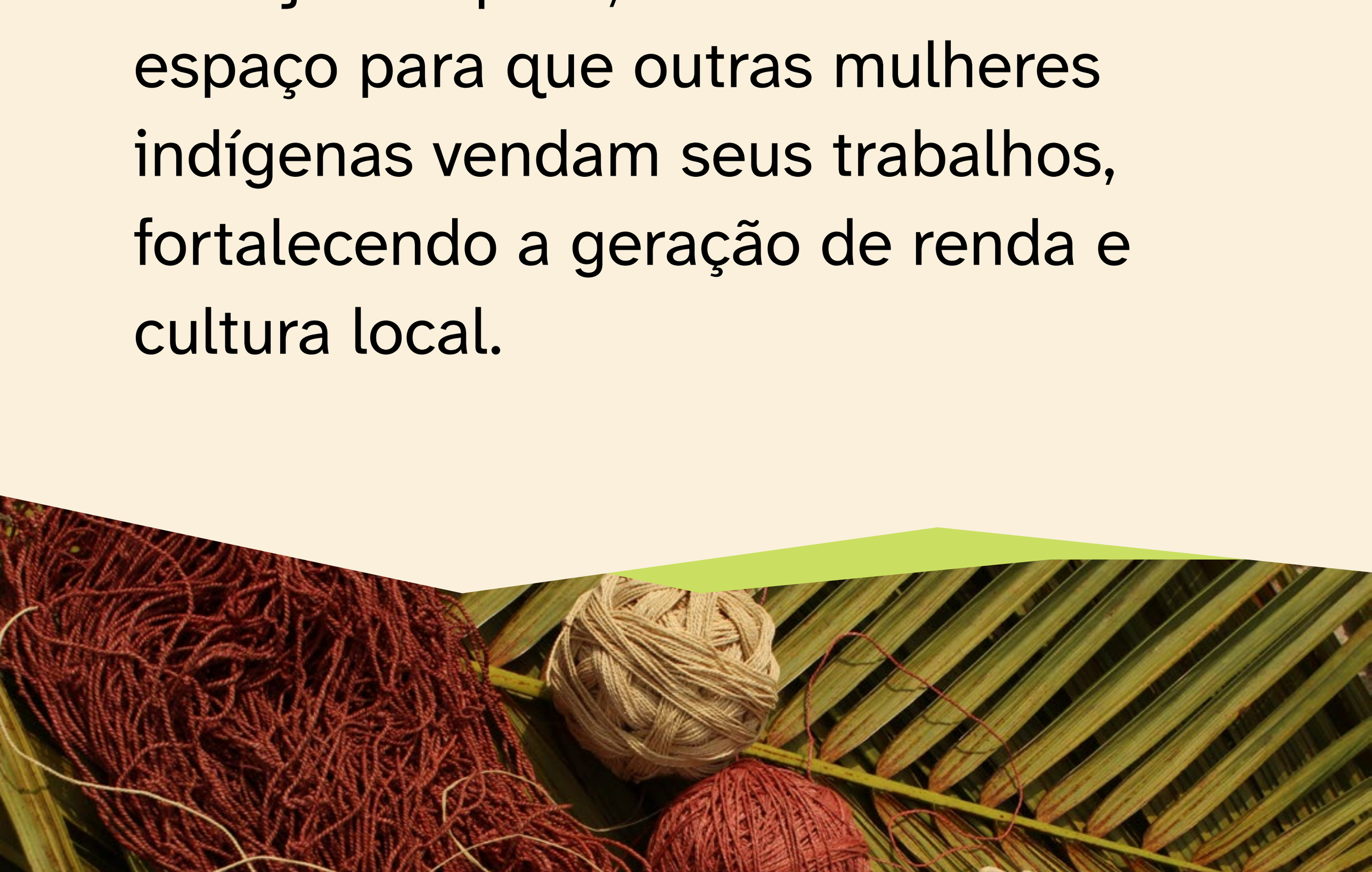
CICLO
Biológico



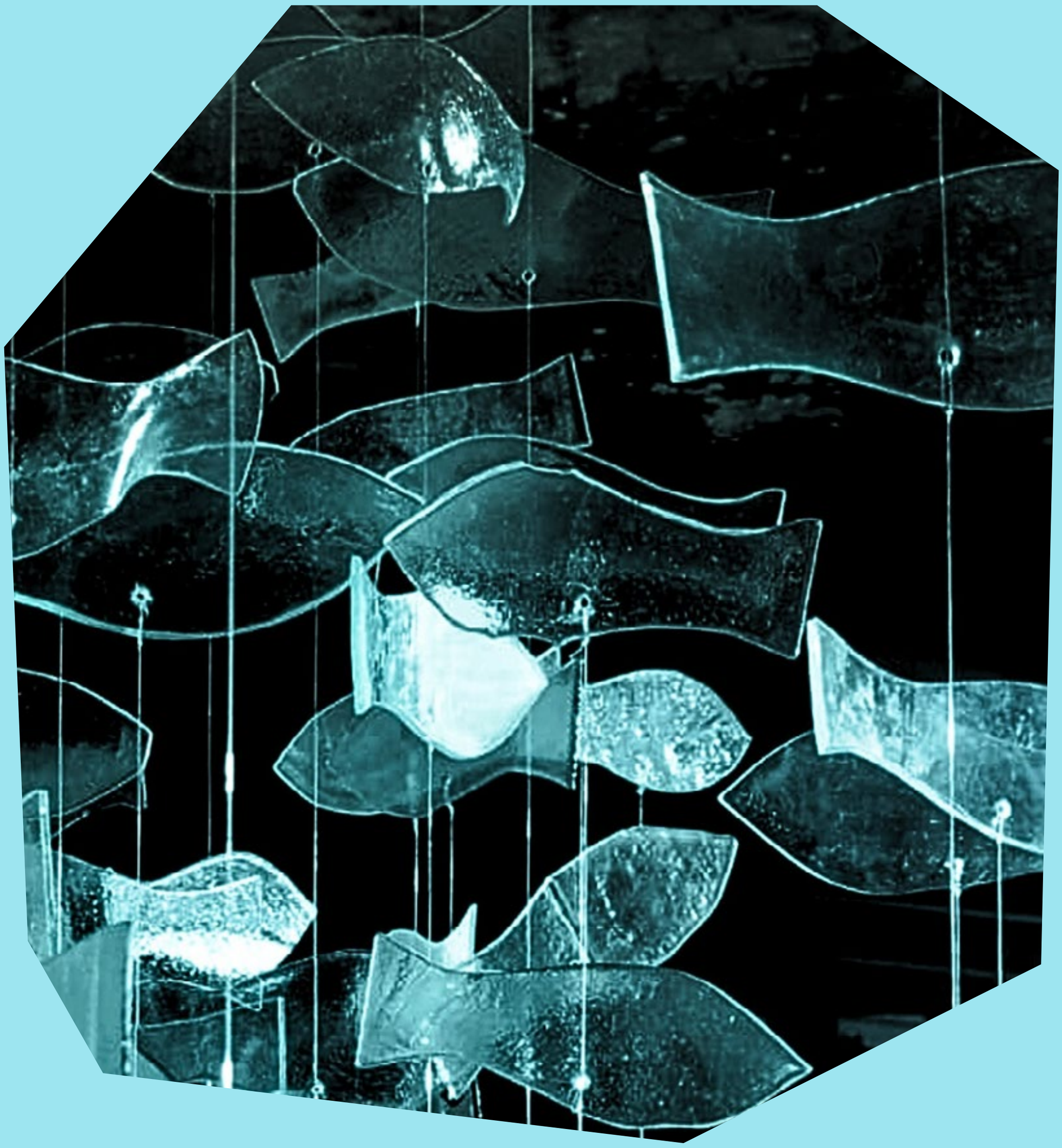
Artesã e empreendedora do povo Baré, Gilda da Silva Barreto trabalha com fibras e palhas da região, especialmente o tucum, em uma prática conhecida localmente como *teçume*. Também desenvolve tinturas e fixadores a partir de cogumelos e plantas da floresta, alcançando mais de 30 cores. Assim, evita o uso de químicos sintéticos, e os materiais podem retornar de forma segura para a natureza.

O trabalho de Gilda preserva tradições e saberes ancestrais, e também promove inovação na busca de novas inspirações para a criação e comercialização das peças - como a fruteira Uambé, fruto de parceria com o designer paraibano Sérgio Matos.

Na loja Uirapuru, Gilda também abre espaço para que outras mulheres indígenas vendam seus trabalhos, fortalecendo a geração de renda e cultura local.







VIDRO

PROJETO
Fundição Guará

LOCAL
Matinhos e Morretes (PR)

CICLO
Técnico



A Fundição Guará é uma iniciativa da artista plástica Désirée Sessegolo, que há mais de 15 anos pesquisa e trabalha com vidro.

Ao perceber a grande quantidade de resíduos e a dificuldade de dar destino a esse material no litoral do Paraná, ela passou a ensinar jovens e moradores da região a transformar vidro descartado em peças artísticas e utilitárias.

O vidro, um material durável e 100% reciclável, continua em uso por meio da formação técnica, do design e do trabalho coletivo na região.

Ao transformar resíduos em arte e geração de renda para a comunidade, a Fundição Guará conecta circularidade, aprendizado, colaboração e conexão com o território.



e

REFERÊNCIAS & LEITURAS SUGERIDAS

As obras e iniciativas a seguir inspiraram ou dialogam com os temas abordados neste ABC. A lista não pretende ser exaustiva, mas oferece alguns pontos de partida para quem deseja aprofundar as reflexões sobre artesanato e circularidade.

Economia circular

BRAUNGART, Michael; MCDONOUGH, William.

Cradle to Cradle: criar e reciclar ilimitadamente.
Barcelona: Gustavo Gili, 2014.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION.

Towards the Circular Economy: Economic and Business Rationale for an Accelerated Transition. Ellen MacArthur Foundation, 2013.

IDEIA CIRCULAR.

28 estudos de caso: design e inovação para a economia circular no Brasil e no mundo. Ideia Circular, 2021.

WEBSTER, Ken.

The Circular Economy: A Wealth of Flows. Cowes: Ellen MacArthur Foundation Publishing, 2017.

Design, artesanato e produção local

BO BARDI, Lina.

Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.

BORGES, Adélia.

Design + Artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

LIMA, Ricardo Gomes.

Artesanato e cultura brasileira. Brasília: SEBRAE / PAB, 2005.

MANZINI, Ezio.

Design, quando todos fazem design. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

Território, cultura e futuro

BISPO DOS SANTOS, Antônio (Nêgo Bispo).

A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

KRENAK, Ailton.

Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton.

O futuro é ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso.

A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

Para saber mais

Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro – CRAB

https://crab.sebrae.com.br

Ideia Circular

https://ideiacircular.com

Fundação Ellen MacArthur

https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt

Seminário "Mãos que Promovem o Brasil - Sustentabilidade e Inovação no Artesanato"

Registro dia 1 (Youtube)
Registro dia 2 (Youtube)

E DEPOIS?

A intenção deste ABC foi reunir um primeiro repertório sobre artesanato circular.

Ao longo dos verbetes, você viu que a circularidade aparece nas escolhas do dia a dia, no cuidado com os materiais e processos, nas relações com os territórios e nas várias histórias que cada peça carrega.

Muitas dessas práticas ecoam conhecimentos ancestrais, e estão presentes no trabalho amoroso de quem separa, conserta, reaproveita e transforma materiais com as mãos.

O que buscamos fazer aqui foi nomear e aproximar ideias e, principalmente, inspirar conversas e abrir espaço para novas perguntas e reflexões.

O resto do caminho se faz criando!

Esperamos que você continue a experimentar - e que escreva e compartilhe as suas próprias histórias com as letras deste ABC.

FICHA TÉCNICA

SEBRAE

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional

José Zeferino Pedroso

Diretor Presidente

Décio Lima

Diretor Técnico

Bruno Quick

Diretora de Administração e Finanças

Margarete Coelho

Gerente Da Unidade De Competitividade

Fabio Krieger Lopes Reis

Gerente Adjunto da Unidade de Competitividade

Patrícia Mayana

Gestora Nacional de Artesanato

Durcelice Cândida Mascêne

COMITÊ NACIONAL DE GOVERNANÇA DO CRAB

SEBRAE NACIONAL - Bruno Quick
SEBRAE RIO – Sergio Malta
SEBRAE AMAZONAS - Lamisse Said da Silva Cavalcante
SEBRAE PARÁ – Rubens da Costa Magno Júnior
SEBRAE ACRE – Kleber Campos Júnior
SEBRAE PARAÍBA – Luiz Alberto Gonçalves de Amorim
SEBRAE BAHIA – Franklin Santana Santos
SEBRAE CEARÁ – Joaquim Cartaxo Filho
SEBRAE PERNAMBUCO – Josiana Ferreira
SEBRAE MATO GROSSO – André Luiz Spinelli Schelini
SEBRAE GOIÁS – Marcelo Lessa
SEBRAE MINAS GERAIS – Afonso Maria Rocha

SEBRAE RIO

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual

Robson Carneiro

Diretor Superintendente

Antonio Alvarenga Neto

Diretor de Desenvolvimento

Sergio Malta

Diretor de Produtos e Atendimento

Marcelo Fiorini

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO – CRAB

Gerência

Marc Diaz

Coordenação de Articulações e Parcerias

Ana Lúcia Simões-Corrêa

Coordenação de Administração e Finanças

Natalia Lorenzetti

Equipe CRAB

Alice Meditsch, Betina Monnerat, Bruna Pelegrino, Bruna Santos, Edson Gonçalves, Ellen Barbosa, Elys Vieira, Gabriel Lopes, Graciela Urquiza Mendes, João Victor Sarmento, Larissa Lynch, Laura Landau, Maria Eduarda Pinheiro, Mariana Carvalho, Nathalia Laurindo, Pierre Melonio, Tassiana Nascimento e Vinicius Henrique Mota

Realização

IDEIA CIRCULAR

Coordenação, pesquisa e criação de conteúdo

Carla Tennenbaum

Diagramação

Lucas Saikale

Assistência gráfica e organização dos estudos de caso

Bruno Sangali

CRÉDITOS
FOTÓGRAFOS

Acervo Projeto Barraca da Nêda
p. 361-363

Acervo Projeto Cirandar
p. 262, 373-375

Acervo Projeto Encantos da Floresta
p. 380

Acervo Projeto Fundição Guará
p. 388

Acervo Projeto Lixiki
p. 358-360

Acervo Projeto Marisqueiras Quilombolas
p. 353

Acervo Projeto Marulho
p. 376-378

Acervo Projeto Miriti
p. 366

Andre Cyriaco / CRAB Sebrae
p. 6, 50, 53, 65, 85, 118, 271, 296, 299, 308 e 314

Antoine Giret para unsplash
p. 22

Beto Pimenta
p. 382-384

Carla Pereira
p. 370-372

Carla Tennenbaum
p. 1, 11, 75, 120, 226, 269, 341, 355-357, 364-365 e 405

Chico Soares
p. 26

Danyelle Marques
p. 350 e 351

Domingos Tótora
p. 266, 367-369

Felipe Soares
p. 18, 32, 71 e 349

Fellipe Abreu
p. 48 e 385

Giulia Bertelli para unsplash
p. 161

Josivan Rodrigues
p. 352 e 353

M Alazia para unsplash
p. 104

Marcel Rodrigues
p. 63, 235, 389-390

Sérgio Matos
p. 290, 386-387

Sharlene Melanie / CRAB Sebrae
p. 20, 25, 29, 38, 41, 43, 51, 54, 59, 62, 69, 74, 80, 82, 92, 94, 95, 102, 106, 113, 115, 117, 124, 126, 134, 137, 138, 146, 148, 149, 157, 168, 170, 172, 180, 182, 183, 192, 194, 196, 205, 208, 210, 218, 221, 223, 225, 232, 243, 245, 247, 254, 256, 258, 278, 281, 283, 292, 293, 304,306, 309, 317, 320, 322, 329, 333, 343-345, 346-348, 379, 381, 394

Thlt Lcx para unsplash
p. 239

Vinicius Lubambo
p. 185

CRÉDITOS
ARTESÃOS

Abaetetuba (PA)
p. 146, 149, 170 e 256

Acervo CRAB / Sebrae
p. 6, 50, 53, 65, 85, 118, 271, 296, 299, 308 e 314

Anas (MA)
p. 41, 54, 194, 210, 246 e 333

Artesã Janete (MA)
p. 306

Assai (AM)
p. 20

Associação dos Artesãos de Santa Maria (MA)
p. 134, 137,148, 218, 320, 343-345

Atelie Florescer (AC)
p. 43, 69, 82, 124, 196 e 232

Bari da Amazônia (AC)
p. 51

Batani Huni Kui (AC)
p. 113, 115 e 317

Belém (PA)
p. 94 e 258

Beto Pimenta (PR)
p. 382-384

Boi Brilho (MA)
p. 117, 172, 221 e 394

Carla Pereira (BA)
p. 120, 370-372

Carla Tennenbaum (SP)
p. 1, 11, 75, 226, 269, 341, 355-357 e 405

Casa do Artesão de Rio Branco (AC)
p. 126 e 254

Casa Wariró (AM)
p. 59 e 168

Cerâmica do Cabo (PE)
p. 18, 32, 71, 185, 349-351

Coleta Arumã (AM)
p. 29 e 208

Coleta do Tucum (AM)
p. 61

Comunidade Areal (AM)
p. 74, 180, 243, 247 e 304

Comunidade Prata (TO)
p. 92

Comunidade Yamado (AM)
p. 95 e 183

Désirée Sessegolo (PR)
p. 235, 388-390

Domingos Tótora (MG)
p. 266, 367-369

Gilda Barreto (AC)
p. 48, 138, 192, 290, 385-387

Ilha de Cotijuba (PA)
p. 80

Itamatatiuia (MA)
p. 25, 283, 292, 293 e 322

Jandir e Casa do Nhozinho (MA)
p. 205

Lajeado (TO)
p. 38, 102, 278, 281 e 309

Lixiki (PE/SP)
p. 358-360

Maqueson (AC)
p. 106, 157, 223 e 225

Maria do Socorro Souza (AC)
p. 379-381

Marisqueiras Quilombolas (PE)
p. 352-354

Marulho (RJ)
p. 376-378

Mestre Joel Cordeiro (PA)
p. 364-366

Nêda Lopes (PI)
p. 361-363

Projeto Cirandar (PE)
p. 262, 373 e 375

Puyanawa (AC)
p. 182

Quilombo Mumbuca (TO)
p. 329, 346-348

IDEIA CIRCULAR

CRAB

SEBRAE